Cartas do Japão

ANTES DA GUERRA

(1902-1904)

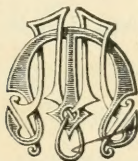
Officinas do "Commercio do Porto"

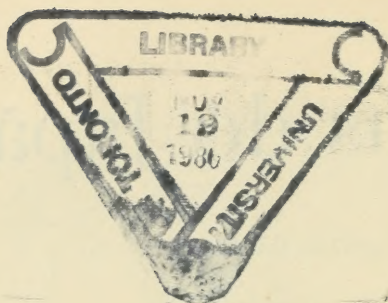
WENCESLAU DE MORAES

Cartas do Japão

ANTES DA GUERRA

(1902-1904)

Com um prefacio de ***BENTO CARQUEJA***

PORTO
LIVRARIA MAGALHÃES & MONIZ—EDITORA
12, Largo dos Loyos, 12

1904

A ALMA JAPONEZA

Desde os tempos das narrativas semi-fabulosas dos primeiros viajantes que visitaram o Japão — e Portugal reclama primasias n'essas visitas e n'essas narrativas — a Europa tem olhado para aquelle paiz com estranha curiosidade. De cada vez lhe parece o Japão mais extravagante e mais seductor, mais paradoxal e mais impenetravel.

No caracter japonez, nos seus usos e nos seus costumes, encontra-se, por vezes, exactamente o contrario do que a nós, gente da Europa, nos move e nos

commove. A honra determina o suicidio e o duello consiste em estriparem-se a si proprios os contendores; a polidez obriga a rir, em casos que para nós são de lagrimas; o ennobrecimento dos vivos remonta aos antepassados, em vez de se reflectir nos filhos; tudo se transfigura, a começar nas refeições, que principiam pela sobremesa, e nas iguarias, cujo gosto é irreconhecivel, até acabar nos banhos, que um europeu mal póde tolerar, e na escripta, que se lê de baixo para cima e da direita para a esquerda, em linhas verticaes.

O interesse pelo povo japonez subiu, porém, de ponto, na velha Europa, quando ella começou a vêl-o tentar transformar de subito os seus usos, para imitar os nossos, procurando acclimar no seu paiz as principaes conquistas da nossa civilisação. Esse interesse attingiu a culminancia, perante as multiplas e sangrentas peripecias da guerra, em que o pequeno imperio investiu contra o colosso dos czares.

Apesar de todas as investigações feitas, não se conseguiu ainda penetrar in-.

teiramente o mysterio da psychologia nipponica; escapa-nos o que se passa no fundo do cerebro e do coração d'esse singularissimo povo japonez. O correspondente para um jornal pariziense ainda ha pouco levantava a hypothese de que o mechanismo mental do japonez seja tão complexo, que não possamos penetrar todas as molas sobre que se move.

Realmente, quando se estuda a Arte, a industria, a historia, o caracter do povo japonez, reconhece-se que alguma

coisa extraordinaria provoca manifestações tão singulares e tão typicas.

O estudo da alma japoneza merece, por isso, a investigação dos mais finos espiritos e das mais elevadas mentalidades.

Tarefa difficil é, sem duvida, o penetrar a vida e, muito mais, a alma japoneza. Só um grande e perspicaz espirito seria capaz de levar por diante empreza de tanta monta.

Basta a distincção entre o que é imitação e o que ha de nativo e espontaneo

n'aquella raça para exigir a mais cuidadosa prevenção.

Alli, o espirito de imitação domina assombrosamente. Levou da Europa a sciencia e a industria modernas; deve ao brahmanismo hindú o mais antigo culto, base do sentimento nacional; deve á China, com a escripta, todas as artes do Oriente e a philosophia budhica; deve ao lammismo thibetano, emfim, a sua organisação profunda.

E todas estas conquistas foram motivadas, não por uma evolução lenta e

demorada, mas por uma série de acquisições, que se teem sobreposto umas ás outras, em maravilhosa série.

Wenceslau de Moraes, o illustre official da nossa marinha de guerra, que reside ha bastantes annos no Japão, e que já antes visitára alguns dos seus portos, tem consagrado a sua intelligencia e o seu grande poder de receptividade mental ao estudo do povo japonez, tanto na sua psychologia, como em multiplas e surprehendentes manifestações da sua actividade. As primeiras impressões do

Japão revelou-as Wenceslau de Moraes nos «Traços do Extremo Oriente». O resultado de estudo mais profundo mostrou-se no seu bello livro «Dai Nippon» e está-se provando, todos os dias, nas interessantissimas Cartas, que, desde 1902, escreve para o **Commercio do Porto.**

O que essas Cartas valem, só póde bem apreciar-se pela multiplicidade dos assumptos, que abrangem, pelo espirito de observação, que revelam, e pelos primores litterarios, de que são recamadas.

E se nos anteriores trabalhos sobre o Japão se estudava principalmente a feição psychica e artistica d'esse povo que o nosso primoroso escritor tão intimamente conhece, agora nas Cartas para o **Commercio do Porto** apparece-nos o povo japonez sob a feição nova do trafego mercantil, da industria e de todas as outras manifestações da sua actual actividade utilitaria; mais ainda, e isto interessa-nos sobremaneira, as Cartas encerram valiosissimas indicações sobre as possiveis

relações commerciaes entre o nosso paiz e o Japão.

Não deviam, pois, essas Cartas, tão cheias de encantos, viver a vida fugaz de um jornal. Ha n'ellas muito que aprender; encerram notas preciosas sobre a existencia de um povo, cujo progredimento mal póde ser medido pela ancia das suas aspirações.

Tres amigos dedicados de Wenceslau de Moraes resolveram arrancar a esse sacrificio cruel as bellas joias litterarias com que o **Commercio do Porto** tem

deliciado os seus leitores. Eis o motivo do apparecimento d'este livro. — É uma verdadeira surpreza para o proprio auctor.

Agosto, 1904.

Bento Carqueja.

CARTAS DO JAPÃO

I

8 de abril de 1902

A alliança anglo-japoneza — Exposição industrial nacional de Osaka.

O que ultimamente mais tem occupado o espirito d'este bom povo é a alliança anglo-japoneza; festas, discursos elogiosos, largos commentarios na imprensa, emfim todas as manifestações do orgulho nacional, que n'este paiz é supino, excitado pelo magno acontecimento de vir uma prestigiosissima nação da Europa dar as mãos ao Japão, para em commum cuidarem dos seus mutuos interesses no Extremo-Oriente, tudo isto tem agitado o theatro de multiplices intrigas e cobiças. É, pois, bem justificavel o enthusiasmo japonez.

Para os estranhos que pretendem julgar im-

2

parcialmente os acontecimentos, é ainda impossivel fazer um juizo sobre a alliança anglo-japoneza e sobre a que logicamente se lhe seguiu, a alliança franco-russa. Deve presumir-se que ambas concorram para a manutenção da paz, que se equilibrem, com o que as actividades commerciaes de todo o Extremo-Oriente e a remodelação civilisadora, lenta mas fatal, da China e da Coréa, terão tudo a ganhar. No entretanto, e referindome particularmente ao imperio do Sol Nascente, a situação creada tem seus perigos, um dos quaes, quando outros não haja, póde consistir n'um possivel excitamento do orgulho do povo, do seu espirito guerreiro, arrastando a nação a enormes despezas com o augmento das suas forças militares e navaes, compromettendo assim sériamente o estado financeiro do paiz, já pouco florescente. Confiemos, no entretanto, que este extraordinario povo, que tem dado ao mundo exemplos notabilissimos da sua perspicacia, que soube em pouco mais de trinta annos surgir do seu isolamento mysterioso para a civilisação moderna, e de modo a tornar-se já hoje respeitado como um grande Estado, comprehenda claramente a sua situação e o justo caminho que deve seguir no intuito do seu progressivo engrandecimento.

A par da alliança, um outro assumpto está

occupando os japonezes, e este inquestionavelmente de paz, de progresso e de seguros beneficios: retiro-me á proxima 5.ª Exposição industrial nacional, que deve ser inaugurada em Osaka em março de 1903, permanecendo aberta durante cinco mezes. Já se trabalha mui activamente nas diversas construcções requeridas e tudo leva a crêr que tal exposição será por muitos titulos interessante, de grande alcance mercantil, digna emfim da cidade de Osaka, que é o centro productor industrial mais importante de todo o imperio.

Esta 5.ª Exposição industrial nacional offerecerá a novidade de conter um vasto pavilhão especialmente destinado a amostras estrangeiras, visando o duplo fim de concorrer a melhorar as novas industrias indigenas e de crear novos mercados. Prevê-se já que a Europa e a America se farão largamente representar.

Será Portugal representado na proxima Exposição japoneza? Enviarão a Osaka os negociantes portuguezes, do reino e das colonias, amostras de alguns dos productos do paiz? Presumo que sim, e desejo-o ardentemente, parecendo-me que a completa ausencia de taes productos constituiria facto muito lamentavel. Os nossos negociantes abastados e emprehendedores deverão mesmo fazer mais: deverão aproveitar esta occa-

são excepcionalmente favoravel para enviarem ao Japão algum ou alguns dos seus representantes (um individuo poderá muito bem encarregar-se dos interesses de tres ou quatro firmas mercantis), os quaes devem mirar a um duplo intuito: tentarem fazer conhecidos aqui alguns dos nossos productos e adquirirem abundantes amostras de artigos indigenas para tornal-os conhecidos em Portugal.

Na proxima correspondencia indicarei muito ligeiramente quaes os generos portuguezes e japonezes que julgo mais acceitaveis para uma tentativa, que se me affigura bem auspiciosa, no sentido de desenvolver o commercio directo entre Portugal e o Japão, commercio que já hoje está longe de ser nullo, mas que póde e deve attingir n'um futuro proximo muito mais lisonjeiras proporções.

II

23 de abril de 1902

Plena primavera — Temporal de neve — Morte de mais de 200 homens — Cavalheirismo militar no Japão — Commercio entre Portugal e o Japão — Generos portuguezes negociaveis.

Estamos em plena primavera, esplendida, attrahindo aos logares mais pittorescos milhares e milhares de visitantes; a peregrinação começa com a florescencia das ameixoeiras, em principio de março, seguindo-se os pecegueiros, as cerejeiras, as azaleas, um nunca acabar de encantos naturaes, podendo dizer-se que a população inteira passa n'esta quadra a vida na rua, de aldeia em aldeia, de collina em collina, em ex tasis bucolicos; agradavel diversão aos rigores do inverno, que foi este anno bastante benigno, mas não tanto que não deixasse de si uma pun-

gente lembrança. Refiro-me a um temporal de neve ao norte do paiz, cerca de Owomori, occasionando a morte de quasi todo um batalhão de infanteria (mais de 200 homens), que largára imprudentemente o seu quartel, em excursão de exercicio. A neve, abundantissima, surprehendeu esses homens em pleno campo, impedindo-os de proseguirem ou de retrocederem, morrendo quasi todos. O commandante da força, o major Yamaguchi, foi depois encontrado ainda com vida, rodeado de cadaveres de soldados, que lhe faziam barreira, indicando isto que elles intentaram, antes de tudo, abrigar do frio e salvar o seu chefe, sacrificando-se. O major falleceu poucos dias depois, n'um hospital, e sabe-se que recebera antes uma carta do proprio pai, que lhe dizia ter por provavel que a morte o não pouparia reservando-lhe igual sorte á dos seus subordinados; mas, se assim não acontecesse, aconselhava-o a suicidar-se, como expiação honrosa pela falta que praticára... Exemplos d'estes, restos do antigo cavalheirismo militar do Japão, estão ainda longe de ser raros, e fazem da cada japonez o melhor soldado do mundo, no respeitante a orgulho de classe, patriotismo sem limites, temeridade, desprezo pela vida. A guerra com a China, em 1895, e os ultimos acontecimentos no imperio chinez, onde se en-

contraram juntas tropas europeias e japonezas, bem confirmam esta opinião.

Interessado n'uma campanha, que não se me affigura banal, de chamar a attenção dos portuguezes para este já muito florescente imperio do Extremo Oriente, que tão pouco conhecemos, prometti dar a indicação dos generos que, em minha opinião, devem particularmente servir para estreitar as relações de commercio directo entre Portugal e o Japão.

Tratarei hoje dos generos portuguezes, que são: vinhos (generosos, espumosos e communs), cortiça (bruta e em obra), conservas alimenticias (sardinhas, fructas, etc.), azeites, varios productos coloniaes, como borracha, marfim, café.

O Japão importa já bastantes vinhos generosos e espumosos, em geral para consumo dos europeus residentes e da chusma de visitantes dos hoteis de Yokohama, de Kobe e de Nagasaki. Os nossos vinhos são conhecidos, uns importados, em mui pequena quantidade, directamente de Portugal, outros, em maior quantidade, vindos por intermedio de varios paizes estrangeiros, e outros, em muito maior proporção, portuguezes só no nome, chamados « Porto », « Madeira », etc., quando são fabricados na Allemanha ou na Inglaterra. Os nossos negociantes devem, sem demora, emprehender tenazmente

a introducção aqui, directa, das boas marcas dos vinhos portuguezes, não regateando sacrificios, que mais tarde se traduzirão em prospero e remunerador trafego.

Os japonezes, em geral, e particularmente o proletario, não apreciam, é claro, os bons vinhos europeus e americanos, contentando-se com o *saké* indigena, que é o producto da fermentação do arroz. No emtanto, os vinhos inferiores, infimos mesmo, téem aqui bastante acceitação, servindo a preparar uma beberagem adocicada e tida por fortificadora, muito apreciada entre o povo. Taes vinhos véem da Hespanha, da França, da Italia e de outros paizes; mas não do nosso. Algumas casas hespanholas de Yokohama e de Kobe fazem bello negocio com o genero. Ora, não valeria a pena que os nossos negociantes estudassem o assumpto, as qualidades e preços do artigo, no intuito de introduzirem no Japão os vinhos baratos portuguezes?

A cortiça é aqui muito procurada para differentes industrias, incluindo a de artigos de navegação; havendo importantes fabricas de cerveja e de aguas mineraes, das quaes se faz grande consumo, e fabricando-se tambem muitos medicamentos, que reclamam frascos rolhados, comprehende-se que as rolhas constituam tambem um producto de importancia muito nota-

vel; cortiça e rolhas téem vindo acaso excepcionalmente de Portugal, sendo as firmas estrangeiras do Japão que mandam vir o genero da Allemanha, da França, da Inglaterra, etc., embora em muitos casos elle provenha originariamente da nossa terra. Aviso aos negociantes portuguezes de cortiça.

Deveria experimentar-se o commercio das nossas conservas, exclusivamente representadas no Japão por algumas latas de sardinhas, e estas apenas nas lojas chinezas, que as importaram, não se sabe como, de Macau? de Hong-Kong? Em Yokohama, em Kobe, em Nagasaki, abundam conservas europeias e americanas, de fructas, de vegetaes, etc.; se os fabricantes portuguezes não forem muito exigentes em preços, de modo que os nossos artigos possam competir com os estrangeiros, devem aqui ser bem recebidos.

Porque não tentam os negociantes portuguezes de Macau e de Hong-Kong a introducção no Japão do excellente café de Timor, em vez de deixal-o ir para Macassar e outros pontos das colonias hollandezas, onde perde o nome e as qualidades, pois passa a ser misturado a cafés inferiores? A resposta é bem simples: Porque não querem. Pois — deveriam querer, compenetrando-se de que, na época actual, o bem-

estar individual e da familia, e, consequentemente, da patria, só se alcança á custa de trabalho perseverante e de lucta de competições.

Confiar na boa fortuna de um bilhete de loteria premiado, ou na benevolencia de Deus (que ha muito se deixou de proteger indolencias), é mau negocio. Os commerciantes do reino poderiam tentar a introducção do café africano, bem como de outros artigos coloniaes ; *poderiam* e *deveriam*, pelo principio que indiquei.

III

16 de maio de 1902

Artigos japonezes que melhor acceitação devem ter em Portugal — Conveniencia e vantagem que haveria em vêr para crêr — Um convite.

— Indiquei, na minha correspondencia anterior, quaes os artigos portuguezes que julgo poderão ser melhor recebidos no mercado do Japão, no intuito de estreitar as relações de commercio directo entre os dois paizes. Tratarei hoje dos artigos japonezes, que mais bem acceitos pódem ser em Portugal; mas a tarefa é mais difficil, pela variedade dos productos, e a escolha só poderá ser feita, com boas probabilidades de exito, quando os nossos negociantes adquiram no Japão correspondentes muito zelosos e pacientes, ou, o que melhor será, quando aqui venham portuguezes, commissio-

nados pelas firmas mercantis portuguezas, afim de estudarem attentamente o assumpto, o que me parece valer bem a pena.

Julgo que o arroz japonez (um dos melhores do mundo), a cêra vegetal (substituindo a stearina e productos analogos), a camphora, etc., poderão vantajosamente ser importados no nosso mercado.

Com referencia aos artigos da industria indigena, direi que uma grande variedade d'elles, recommendaveis pela sua barateza, pelo bom gôsto do fabrico, pela novidade que constituiriam nos centros portuguezes de consumo, devem ser introduzidos em Portugal. No numero d'esses artefactos devem especialmente citar-se as esteiras, a palha em trança, as fazendas de sêda, o crépe de sèda, o crepe de algodão, os leques e ventarolas (que agora chegam ahi por intermedio da Hespanha), os objectos de porcellana e de charão, os albuns, as photographias, o papel, os brinquedos, as quinquilharias, uma lista interminavel de deliciosas bugigangas, caracterisadas pela fina feição artistica que este povo de artistas sabe imprimir a todos os objectos da sua industria, por mais communs e baixos em preço que elles sejam.

Já vêem, por esta ligeirissima resenha, que a difficuldade está na escolha, tornando-se

evidente quanto util seria para o nosso commercio que algum negociante portuguez se désse á empreza de vir ao Japão vêr pelos seus olhos, fazer a sua selecção e adquirir relações commerciaes, que mais tarde muitas vantagens lhe dariam. Offerece-se em breve occasião excepcionalmente favoravel para pôr em prática tal intento: a exposição de Osaka. Ouso convidar insistentemente esse *alguem* susceptivel do capricho de dar um pontapé na rotina e de tentar um mercado novo; sobretudo, com a coragem bastante, pouco vulgar em portuguezes de hoje, de agarrar n'uma mala, de dizer adeus, por seis mezes, á familia e de vir dissipar *spleens* em paizagens exoticas e distantes; ouso convidar esse *alguem*, se existe, a vir ao Japão, na primavera proxima.

Como julgo que fallar do Japão a pachorrentos filhos da terra lusitana corresponde quasi ao mesmo que referir-me a um paiz fabuloso, que fica alli para os lados da Lua ou de Saturno, ajunto ao convite alguns conselhos de velho residente, uteis, porventura, aos meus compatriotas; mas isto não vai a matar, bem entendido, ficando, pois, os conselhos para a correspondencia proxima.

IV

29 de maio de 1902

Conselhos aos portuguezes que visitem a exposição de Osaka — Inauguração do edificio da perfeitura.

Prometti, n'uma das correspondencias anteriores, apresentar aqui alguns conselhos aos portuguezes que queiram visitar a proxima exposição de Osaka, debaixo de um ponto de vista commercial. Seguem os conselhos; mas convém antes notar que não me dirijo aos grandes ricaços, pois estes não carecem de conselhos; imagino que um empregado intelligente e de confiança é mandado ao Japão por uma ou mais das nossas casas mercantís, com o fim de estudar o commercio de exportação e de importação, e necessariamente com instrucções para ser economico nos seus gastos.

Pagam a um tal empregado, necessariamente,

as viagens de ida e volta; note-se que a linha japoneza que parte de Londres, é a mais barata e bastante confortavel. O empregado que estou imaginando, desembarcará em Kobe, d'onde lhe é facil visitar attentamente a exposição de Osaka, seguindo depois para outros centros, Kyoto, Nagoya, etc., até Yokohama e Tokyo; sem duvida alguma, as indicações do nosso consul em Kobe, por certo não regateadas, lhe serão utilissimas. Conte com uma despeza diaria não inferior a uma e meia libra sterlina, e que a sua estada no Japão póde durar dous ou tres mezes.

Deve vir munido com pequenas mas variadas amostras dos nossos productos, vinhos, cortiças, conservas, azeites, e melhor ainda se tambem dos nossos artigos coloniaes, marfim, borracha, café; amostras deverá distribuir por algumas firmas respeitaveis de Kobe e de Yokohama, não com grande mira em lucros immediatos, mas principalmente com o fim de tornar bem conhecidas no meio as nossas boas producções, sobre as quaes apresentará todos os esclarecimentos requeridos. Mas não basta isto: cuidando do assumpto da exportação dos nossos productos, póde cumulativamente estudar o da importação dos productos japonezes. Eu não me illudo: não espero que se encha o Japão, mesmo

em momento tão propicio, de commerciantes portuguezes; um que venha, com o duplo intuito que apresento, já póde fazer muito. Venha, pois, habilitado com um credito de dous ou tres contos de réis, ou mais, exclusivamente destinados á compra de amostras dos mil artefactos da industria local, os quaes, estou bem certo, serão recebidos com alvoroço nas nossas cidades de Lisboa e Porto, e permittirão aos negociantes o ensejo de mais tarde fazerem para cá os seus pedidos com conhecimento de causa.

O individuo commissionado, seguindo sempre quanto possivel as indicações desinteressadas dos nossos consules no Japão, terá opportunidade de relacionar-se com muitas firmas japonezas e estrangeiras, o que será da mais alta utilidade.

Ora, pois, com os conhecimentos adquiridos pela propria experiencia, com a sua bagagem de amostras e tambem... com o espirito um pouco enfeitiçado por esta terra, regressará aos patrios lares, terá feito um grande beneficio ao commercio portuguez e contará certamente aos seus amigos que o Japão não é bem o paiz phantastico que imaginava, povoado de monstros budhistas, de adaga em punho para cortarem a cabeça aos imprudentes que d'este sólo se avisinham.

É facto que ha mais de 300 annos muitos dos nossos tiveram esta sorte; mas Mendes Pinto, que chegou primeiro, foi rodeado de carinhos; e Xavier, o apostolo, dizia do Japão que era o paiz do seu agrado.

Desculpem-se-me gracejos; é feitio.

Quanto á ideia, se é acceitavel, não poderia ser estudada, á falta de outras iniciativas privadas, pela Associação Commercial do Porto, por exemplo?

—O acontecimento notavel a relatar é a inauguração official do novo edificio da perfeitura em Kobe, que se realisou em 24 do corrente, com a assistencia do barão Utsumi, ministro do interior, varios prefeitos dos districtos, grande numero de auctoridades japonezas de Kobe e de Osaka, corpo consular local e principaes residentes estrangeiros de Kobe.

O novo edificio, em estylo europeu, e que é certamente o mais grandioso dos de todas as perfeituras do imperio, apresenta uma magnifica apparencia e honra o nome do architecto japonez que o delineou. Deu-se comêço á construcção, que chegou agora ao seu termo, em 8 de janeiro de 1899, sendo o seu custo total, em moeda portugueza, de cerca de 172 contos de réis.

Deve notar-se que n'estes ultimos annos o

governo japonez tem emprehendido obras importantissimas em Kobe, como esta a que me refiro, os trabalhos na Alfandega e novos caes, o novo edificio da repartição dos impostos, o novo tribunal em construcção, e outros, o que diz bem alto o enorme desenvolvimento d'esta cidade, que ainda ha 30 annos era uma pobre aldeia de pescadores.

V

28 de junho de 1902

Exposição de Osaka; falta de representação de Portugal; uma insistente exhortação — Uma festa commemorativa — A coroação do rei de Inglaterra — Sada Yacco

Em 30 do corrente deve terminar o praso para os pedidos de admissão de amostras dos expositores estrangeiros no proxima exposição de Osaka. Consta que já se receberam muitos pedidos da Europa e da America; as colonias hollandezas devem figurar dignamente; diz-se que por parte da Indo-China franceza se projecta construir um pavilhão especial. De Portugal e de Macau, que eu saiba, não ha ainda pedido algum; provavelmente nada virá, o que é triste dizer; mas venham ao menos homens, um homem pelo menos, um visitante qualquer mandado pelos nossos commerciantes e industriaes do reino, educado na vida mercantil, com olhos

attentos para vêr a boa vontade, para dirigir todos os seus esforços, durante uma curta estada, no sentido do alargamento das relações commerciaes entre Portugal e Japão. Pedir ao indifferentismo da nossa gente por este paiz do fim do mundo um homem só, que se dedique a tão esperançosa e interessante missão, será pedir muito?

—Em 20 realisou-se no Imperial Hotel de Tokyo uma grande festa, commemorando o 25.º anniversario da participação do Japão na União Postal Universal; estavam presentes uns 2:000 convidados, entre japonezes e estranhos.

Em homenagem ao acontecimento, o governo mandou imprimir bilhetes postaes especiaes, de seis typos differentes, que estão circulando largamente no imperio e entre o Japão e outros paizes.

—Em vista da inesperada doença do rei de Inglaterra, falharam as festas, que promettiam ser esplendidas, solemnisando a coroação. O desapontamento foi geral e as despezas já feitas em preparativos importantissimas. Os japonezes preparavam-se, por seu lado, para mostrar-se á altura de amigos e alliados que são da nação ingleza. . . *maintenant au jamais*, como se diz em francez.

—Leio nos ultimos jornaes de Portugal que

Sada Yacco, a famosa actriz japoneza que tanto tem impressionado o publico americano e europeu, ia dar duas récitas n'um dos theatros de Lisboa. Vem a proposito dizer que Kawakami, o director da *troupe* e marido da gentil actriz, adquiriu anteriormente no Japão notavel celebridade. Elle e ella tèem sobretudo o merito actual de saberem captivar as plateias. Ha cerca de um anno, de volta de uma larga excursão pela Europa, déram varias representações em Kobe, Osaka e Tokyo.

Eu assisti a uma d'ellas, destinadas sobretudo a pòr em relèvo os ridiculos e os vicios da raça branca. N'uma comedia, se comedia era, Sada Yacco figurava a dama europeia *new style*, bicycletista, feminista, revolucionaria; n'outra, desenrolava-se uma scena de amores burlescos, sendo o heroe um padre lazarista. O povo rude, cheio de patriotismo e de má vontade contra os europeus (diga-se toda a verdade), ria a bom rir e glorificava o seu Nippon; o publico japonez illustrado achava tudo aquillo chôcho e os actores uns saltimbancos.

E' bom que os europeus fiquem sabendo: a arte dramatica japoneza é notabilissima; mas não é Sada Yacco, nem mesmo Kawakami, que a interpretam á altura dos seus grandes merecimentos.

VI

11 de julho de 1902

A proposito da alliança anglo-japoneza — O principe Vladimir — Informações interessantes.

Tem-se dito muito que a alliança anglo-japoneza constitue uma grande garantia de paz para o Extremo-Oriente e iguaes considerações tem merecido a ultima convenção franco-russa; é, porém, curioso ir notando que a imprensa do mundo inteiro se tem aproveitado muito do assumpto para discursar sobre cousas de guerra.

Agora é o *Courrier Saigonnais* que, a proposito de uma possivel ruptura entre os dous grupos de alliados, dá as informações que seguem. Forças navaes actuaes no Extremo-Oriente, franco-russas e anglo-japonezas: couraçados, respectivamente 9 e 12; cruzadores, 14 e 34; *destroyers*, 3 e 18; torpedeiros de alto mar, 10

e 13; o que dá um total de 36 e 77 navios. Ao grupo anglo-japonez deve ainda juntar-se um grande numero de canhoneiras e torpedeiros guarda-costas, mencionando que um notavel numero de excellentes docas e de arsenaes e de depositos de carvão se encontram sempre ao seu dispôr, o que faltará ao outro grupo.

Com respeito ás forças terrestres, diz o mesmo jornal que os russos téem actualmente no Extremo-Oriente 150:000 homens, podendo ainda contar-se com um primeiro facil reforço de 60:000; as forças francezas na Indo-China são de 33:000, susceptiveis de attingir o numero de 50:000, contando com os soldados indigenas. As forças activas japonezas orçam por 225:000 homens (mais correctamente 167:000) e a primeira reserva é de 100:000 (antes 200:000); junte-se-lhes uns 225:000, entre europeus e nativos, das tropas inglezas na India.

O *Courrier Saigonnais* conclue pela grande superioridade do grupo anglo-japonez sobre o franco-russo.

— Continúo apresentando algumas informações que pódem interessar os portuguezes desejosos de commerciarem com o Japão.

A exportação dos artigos japonezes é livre de direitos aduaneiros.

A importação no Japão de artigos estran-

geiros é sujeita á pauta geral das alfandegas imperiaes; a Inglaterra, a Allemanha e a França gozam do beneficio de pautas differenciaes para um certo numero de artigos, e um certo numero de artigos japonezes gozam do mesmo beneficio quando importados por alguma das tres nações indicadas.

O tratado de commercio e navegação de Portugal com o Japão apresenta duas tabellas, A e B; a primeira, dos productos japonezes que gozam do tratamento da nação mais favorecida ao serem importados em Portugal, Madeira, Porto-Santo, Açores e Macau; a segunda, dos productos portuguezes que gozam do tratamento da nação mais favorecida ao serem importados no Japão.

Os productos da tabella A são: acido sulphurico, phosphoros, carvão, cèra vegetal, cobre, essencia de hortelã pimenta, leques, folhas de tabaco, fio e tecidos de algodão, sementes e oleo de colza, oleo de camphora, azeite de peixe, manganez, menthol e crystaes de menthol, esteiras, capachos, obras em bambú, em *cloisonné,* em vidro, em marfim, em tartaruga, em charão, em madeira, em porcellana, em barro, em bronze, em cobre, em papel, papel de qualquer qualidade, plantas marinhas, biombos, peixe e marisco de qualquer qualidade, fresco, salga-

do, sêcco, comprimido, fumado e de salmoira, arroz, sêda crúa, em restos, em borra, em casulo, em fio e em qualquer especie de tecido, chá e trança de palha.

A tabella B, applicavel não só aos productos da metropole, mas tambem aos das suas respectivas colonias exportados da metropole ou de Macau, menciona os seguintes artigos: Cacau em grão, e em vagem, café em grão, velas, chapéus, couros de qualquer qualidade, rendas de qualquer qualidade em linho ou algodão, fructos frescos, salgados, sêccos, em salmoira, em assucar, em azeite, em vinagre, mesmo em recipientes de vidro, de barro, de folha de Flandres ou outros hermeticamente fechados, oleos vegetaes (de oliveira, de gergelim, de amendoim, de côco e de palma), oleos mineraes, legumes não preparados ou em conserva, cortiça trabalhada, obras em metal, artigos em tecido de algodão ou de linho, em couro, chumbo em barra, ou em linguados ou em placas, peixe de conserva em azeite e em recipientes hermeticamente fechados, sabão, saes de quina, assucar, tecidos de lã, de linho e algodão, vidraça, vinhos de qualquer qualidade, em pipas, em barris ou em garrafas, de qualquer força alcoolica.

Convém accrescentar que os artigos enumerados nas tabellas A e B só poderão gozar das

vantagens que indiquei quando sejam recebidos por *importação directa.* Voltarei proximamente ao assumpto, explicando o que se deve entender por *importação directa*, segundo o espirito do nosso Tratado de commercio com o Japão, o que se presta a interessantes commentarios.

VII

29 de julho de 1902

Questão eminente entre o Japão e os Estados Unidos — As procissões — Pautas convencionaes aduaneiras — O tratado de commercio de Portugal com o Japão.

Parece imminente uma questão entre os Estados-Unidos e o imperio japonez, sobre o direito de posse á pequena ilha Marcus, situada a umas 500 milhas do archipelago japonez de Bonin no Pacifico. Diz um jornal local que a ilha foi descoberta em 1814 por um americano, mas nunca occupada, permanecendo sem habitantes; em 1897 o Japão annexou-a officialmente ao seu dominio, indo então povoal-a alguns japonezes. Decidiram-se agora os americanos a tomar posse effectiva da ilha, que parece sempre consideraram sua, e para lá se dirigiu um navio

da republica ; mas tiveram a surpreza de encontrar n'ella installados os japonezes, entre os quaes alguns soldados que ordenaram á expedição que se retirasse. O caso entrou já no dominio diplomatico.

Convém ir notando a curiosa attitude politica dos Estados-Unidos, n'estes ultimos annos, sempre muito ciosos da sua antiga divisa — « A America para os americanos » — mas manifestando claramente um novo principio — « E tudo o mais que se puder apanhar por outros lados... tambem para os americanos.»

— Estamos na época da *matsuri* (festividades religiosas), se assim se póde dizer de um paiz que vive sempre em festas. Em 17 do corrente, realisou-se a famosa procissão annual de Guion em Kyoto, uma das mais célebres de todo o Japão. Alguem, que a ella assistiu, informa-me que vai perdendo muito do seu antigo brilho, sendo-lhe introduzidas, em compensação, innovações ao sabor moderno: imaginem que em frente do cortejo, formado de enormes carros triumphaes com allegorias aos deuses, seguia gravemente um grande troço de gente arvorando vistosos estandartes, annunciando em grandes caracteres onde se vende o melhor pó de arroz, remedios para nevralgias, para dyspepsias, para doenças de senhoras.

A quanto leva o progresso!... É n'estes disparates, filhos de duas civilisações que se embatem, que o estrangeiro, principalmente o recemchegado, encontra larga inspiração para os seus sarcasmos, escapando-lhe muitas vezes o que ainda ha de profundamente nacional, impregnado de estranha poesia e de delicioso exotismo, n'este bom povo japonez.

— Disse na minha carta anterior que a Inglaterra, a França e a Allemanha (accrescente-se a Austria, que me esqueci de mencionar) téem pautas convencionaes aduaneiras nos seus Tratados com o Japão, das quaes beneficiam certos artigos de commercio.

Como apontei, a tabella A do nosso Tratado refere-se a productos japonezes, que gozam do tratamento da nação mais favorecida ao serem importados em Portugal, Madeira, Porto-Santo, Açores e Macau. Não tenho á mão, para consulta, documentos que me illucidem se os artigos indicados na tabella A beneficiam no nosso paiz de pautas differenciaes aduaneiras, quando importadas de um determinado paiz; se se dá o caso (os interessados que estudem o assumpto), é claro que identicos artigos japonezes gozarão do mesmo beneficio.

Com referencia á tabella B, muitos dos artigos enumerados são similares aos que, prove-

nientes de algum dos quatro paizes que mencionei, gozam das pautas differenciaes ao serem importados no Japão; o que quer dizer que taes artigos portuguezes terão direito ás mesmas vantagens.

Mas, como já disse anteriormente, os beneficios applicaveis aos artigos das tabellas A e B só terão effeito quando se dê a *importação directa*. O nosso Tratado com o Japão explica, no seu artigo 4.º, que a *importação directa* consiste no embarque das mercadorias em um porto de um dos dous paizes contratantes e no desembarque, durante a mesma viagem, em um porto do outro paiz, qualquer que seja a nacionalidade do navio e as escalas que faça em portos de uma terceira potencia; é comprovada pelos conhecimentos e manifesto. Diz mais:— « É assimilada á *importação directa* a importação debaixo de conhecimento directo (*trough bill of lading*) mesmo quando as mercadorias especificadas no conhecimento hajam sido transbordadas ou depositadas em interpostos de uma terceira potencia »; é então exigido o certificado de origem.

Ora este artigo 4.º do nosso Tratado de commercio com o Japão, artigo que não tem similar nos Tratados das diversas potencias da Europa e da America com este imperio, é durissimo; e devemos confiar que seja eliminado ou expli-

cado de um modo mais favoravel aos nossos interesses, isto tão breve quanto possivel, a bem da expansão commercial de Portugal com o Japão.

Vejamos. Navios que partam de Portugal ou dos portos portuguezes acima indicados e se dirijam directamente a um porto do Japão, e vice-versa, não ha, e mui provavelmente não haverá tão cedo (não creio que fosse difficil obter que os paquetes japonezes da linha da Europa tocassem em Lisboa ou no Porto); não se dá, pois a *importação directa.* Resta considerar a viagem da carga sob conhecimento directo e competente certificado de origem passado no porto de embarque. Informam-me varios negociantes estabelecidos no Japão e mantendo relações mercantis com Portugal, que é muito difficil, se não impossivel, obter no nosso paiz, passado por alguma agencia de Companhia de navegação, o famoso documento *trough bill of lading.*

Fica, pois, práticamente demonstrado que as vantagens apontadas no artigo 4.º para os objectos das tabellas A e B são nullas, por impossiveis de obter, ao passo que a França, por exemplo, beneficia das pautas differenciaes japonezas, unicamente por meio do certificado de origem que acompanha o genero.

Poderá esperar-se, n'um futuro proximo, uma satisfactoria solução do problema, seja por iniciativa particular, seja por iniciativa diplomatica? Bem desejavel é que assim succeda. Apresentemos um exemplo dos inconvenientes actuaes. Os vinhos portuguezes engarrafados estão pagando de direitos no Japão pelas pautas ordinarias, 2,66 *yens* (1$330 reis) e 2,38 *yens* (1$190 reis segundo o grau alcoolico) por caixa de doze garrafas, não excedendo um litro cada garrafa; pois os vinhos francezes, nas mesmas condições, pagam de direito 0,76 *yens* (380 réis) e 0,68 *yens* (340 réis) pelas pautas differenciaes, as mesmas que deveriam ser applicadas aos nossos vinhos. O facto é bem eloquente e merece ser estudado.

VIII

21 de agosto de 1902

Ainda a questão da ilha Marcus — Erupção vulcanica — A *Salvation army* — Commercio portuguez com o Japão — Interposto commercial de Macau.

A questão da ilha Marcus, a que me referi na minha ultima carta, ainda não está liquidada. Sabe-se que um americano, residente em Honolulu, constituira uma Companhia para ir explorar o guano de aves, abundantissimo em tal paragem, e para lá se deve já ter dirigido, com permissão do governo dos Estados-Unidos; mas terá a surpreza de alli encontrar um grupo de japonezes, ha annos estabelecidos, dedicando-se ao mesmo negocio. O governo japonez, no intuito de evitar conflictos, mandou para a ilha Marcus alguns soldados e um official com instrucções sobre o caso; a questão está sendo

tratada diplomaticamente e parece que será resolvida favoravelmente para o Japão.

Agora mesmo os jornaes publicam um telegramma, informando de que o governo dos Estados-Unidos estuda os meios de annexação do Haiti e S. Domingos. Mas até onde querem ir os *yankees?*...

— Consta que uma violenta erupção vulcanica rebentou em Torijima, uma das ilhas do archipelago japonez de Bonin, julgando-se que terão perecido todos os seus habitantes, uns 180 trabalhadores, que exploravam os depositos de guano alli existentes.

As anormaes perturbações climatericas notadas este anno no Japão, como em outros paizes, mesmo na Europa, e as erupções vulcanicas igualmente registradas, tudo isto após a tremenda catastrophe da Martinica, constituem um grupo de phenomenos que muita gente suppõe terem a mesma causa, concluindo, talvez com razão, que a nossa terra-mãe se encontra presentemente n'um periodo de extraordinaria agitação.

— A tão famosa *Salvation Army*, associação de propaganda protestante muito célebre em Inglaterra e na America, já ha longos annos assentou tambem arraiaes no Japão e ultimamente tem-se evidenciado como extraordinaria-

mente irrequieta. No dia 10 uma companhia de cerca de 35 individuos, sob o commando do tenente Jamada (japonez), invadiu Yoshiwara, o afamado bairro galante de Tokyo, e começou a distribuir pamphletos. A policia appareceu, aconselhando-os a que se retirassem. Como o não fizessem, foi-se agglomerando uma grande multidão de vadios e desordeiros, frequentadores habituaes do bairro, os quaes correram á pedrada o Exercito de salvação.

O caso, de pouca importancia em si, presta-se no entretanto a um curioso commentario. Digam o que quizerem, o Japão é o paiz de maior liberdade religiosa do mundo inteiro. Aqui labutam todas as seitas, vivem missionarios de todas as crenças, sem que as auctoridades os incommodem; ainda ha pouco se estabeleceram os *mormons*. Talvez por serem tantas as seitas e as crenças, o povo pouco se impressiona com ellas, e os proselytos são relativamente raros. Mas imaginem agora que n'um paiz qualquer da Europa, no nosso por exemplo, faziam a sua entrada triumphal os bonzos budhistas ou os *kanushi*, de Shintò, e começavam a querer catechisar as massas... Tire quem quizer a conclusão logica.

— Na minha carta anterior, indiquei que alguns artigos portuguezes de commercio, me-

recendo o vinho especial menção, beneficiam de direitos differenciaes aduaneiros ao serem importados no Japão, circumstancia importantissima para o seu barateamento n'este mercado, tendente a facilitar-lhes a competencia com identicos artigos de outras procedencias; mas observei que, para gozarem de tal beneficio, exige-se-lhes, pela letra do Tratado, a condição de importação directa, impraticavel actualmente, ou os dois documentos de conhecimento directo (*through bill of lading*) e certificado de origem. Este ultimo é de facil obtenção, passado, á falta de consul japonez no porto de embarque, pela Associação Commercial ou repartição aduaneira, não esquecendo o respectivo sêllo. Para o conhecimento directo, expuz, por informações colhidas, que havia grande difficuldade em obtel-o.

Ora é para este ultimo ponto que chamo hoje a attenção dos negociantes portuguezes, aos quaes cumpre indagar se effectivamente as differentes agencias maritimas do reino se recusam a passar *through bill of lading*. Alguem me assegura que a Companhia allemã Hamburgo-Amerika Linie-Norddeutscher-Lloyd, com agencias em Portugal e no Japão, se presta a passar tal documento; bom será se verifique se é verdade.

Fica para futuras correspondencias o tentar, a largos traços, pôr em evidencia a já muito importante corrente mercantil que o Japão offerece aos negociantes e industriaes do mundo inteiro, devendo ainda presumir-se-lhe uma expansão brilhantissima no trafego futuro: a classe mercantil portugueza não póde assistir de olhos fechados a tão auspiciosas actividades commerciaes, que se estão desenvolvendo n'este imperio.

No decorrer das minhas ligeiras considerações, terei occasião de referir-me ao nosso Macau, arida e infima lingua de terra sem sombras de importancia pelo seu sólo, vivendo vida nostalgica ha longos annos, mas certamente destinada, pela sua situação geographica e condições de salubridade, a expandir-se, a tornar-se um importante interposto commercial entre o nosso paiz e o Extremo-Oriente; isto quando á esquecida colonia a iniciativa particular portugueza se decida a lançar vistas benevolas... se não preferir que a myopia de que soffre a tal respeito se torne chronica, consequentemente sem cura, o que será deveras lamentavel.

IX

31 de agosto de 1902

O caminho de ferro trans-siberiano — O commercio entre o Japão e a Europa — As casas de commissões — Iniciativas que se devem pôr em prática — Como se vulgarisou o Champagne e como se pódem vulgarisar os vinhos portuguezes.

Não me parece fóra de proposito dar aqui umas ligeiras informações com respeito á gigantesca construcção do caminho de ferro trans-siberiano. Esta obra colossal tende a influenciar profundamente todo o Extremo-Oriente, e o Japão será um dos primeiros paizes a sentir-lhe os effeitos.

Segundo um relatorio ha pouco publicado, os trabalhos tiveram inicio ha cerca de dez annos, e n'elles se empregaram engenheiros e trabalhadores russos, que muito soffreram com o

inclemente clima de certas regiões e outras inconveniencias. O custo total foi de 335.000:000 de rublos, cerca de libras sterlinas 53.600:000 mas estes numeros devem melhor ser considerados como o custo inicial, pois os muitos defeitos em algumas secções da linha, agora em reparação, elevam por vezes as despezas a 50 p. c. a mais do primitivo orçamento. A distancia entre Vladivostok e S. Petersburgo é de 6:677 milhas; uma passagem de 1.ª classe custa cerca de 40 libras.

Quando a linha estiver totalmente reconstruida, nos pontos que o exigem, a viagem da Europa ao Japão, aproveitando esta grande arteria e seguindo depois em paquete de Vladivostok até Kobe, por exemplo (uns tres dias de navegação), apresentar-se-ha notavelmente reduzida, talvez de duas semanas ou mais.

— Palestrando — pois não téem outro programma nem outro alcance estas singelas correspondencias, — palestrando, indiquemos em rapidas linhas o modo como em geral se faz o commercio entre o Japão e a Europa.

Muito trabalham estes bons japonezes para monopolisarem tal commercio, servindo-se de agentes seus, da mesma nacionalidade, já hoje numerosos nos principaes centros mercantis do mundo inteiro; mas bem tarde virá o dia, se

vier, em que tal succederá. Tambem geralmente as transacções não se fazem directamente entre os japonezes d'aqui e as firmas estrangeiras distantes. Os negociantes japonezes, posto que muito hajam conseguido já, não dispõem ainda do sufficiente conhecimento das linguas europeias, incluindo a ingleza, nem das praxes mercantis correntes, para se entenderem directamente com os estrangeiros; faltam-lhes ainda tambem, digamos tudo, o tacto mercantil, a febre da labuta, e nem sempre têem dado provas cabaes da seriedade requerida em taes assumptos. A permutação commercial entre o Japão e a Europa faz-se commummente por intermedio das casas estrangeiras de commissões aqui estabelecidas. É um mal, porque estas casas vivem das percentagens que cobram, encarecendo o artigo; mas é um mal necessario. Assim, por exemplo, um negociante de Pariz em porcelanas japonezas faz as suas encomendas ao seu agente no Japão e envia-lhe dinheiro, contando já com a commissão préviamente estipulada. Se é agora, por exemplo, um perfumista de Pariz que pretende vender no Japão os seus productos, recorre ainda ao agente europeu de commissões, remettendo-lhe as suas perfumarias, e é este que promove a venda como póde e a seu tempo remette o dinheiro ao francez, depois de tirar a sua commissão. É claro

que quando o genero esteja conhecido e acreditado, serão os negociantes do Japão, europeus ou indigenas, que farão as suas encomendas ao agente que as manda vir, e então cobra commissão d'ellas e não do perfumista.

Este systema mercantil não é absoluto, mas é o mais usado; e os negociantes portuguezes que quizerem entrar em negocio directo com o Japão terão de recorrer, pelo menos nos primeiros tempos, exclusivamente ás casas de commissões aqui estabelecidas, escolhendo para seus agentes os que melhores garantias lhes dérem de honestidade e competencia. É claro que não tenho a loucura de suppôr que uma casa de negocio nossa venha estabelecer em Kobe ou em Yokohama um estabelecimento filial seu, o que então dispensaria os serviços do agente; e digo — *loucura* — não porque a ideia se me affigure disparatada, antes pelo contrario (hollandezes, hespanhoes e outras nacionalidades de modesto vulto assim procedem); mas não se deve esperar desde já tanto arrojo da iniciativa particular de uma nação, que tem votado ao commercio do Extremo Oriente, ha tantos annos, a maior indifferença.

Contava-me ha pouco um agente de comissões, estabelecido no Japão, que entrou em relações com certo negociante portuguez de vinhos,

satisfazendo-lhe um pedido de bugigangas japonezas. O negociante portuguez, no decurso da correspondeucia, lembrou-se de perguntar ao agente se elle queria comprar-lhe algumas caixas de vinho, para ensaio. O agente de commissões recusou, naturalmente. Estes individuos não téem lojas estabelecidas, não guardam generos; o seu mister consiste simplesmente em servirem de intermediarios entre o negociante que quer vender e o negociante que quer comprar; constituem como que uma burocracia do negocio. Como imaginou, pois, o negociante portuguez que o seu agente iria comprometter o proprio capital (se é que o tinha) na compra de um artigo desconhecido n'este mercado, sujeito a demoras na venda, a empates de numerario, contingencias que não se incluem nos azares profissionaes do agente de commissões?

São os nossos negociantes que devem tudo arriscar na remessa das primeiras amostras, confiando-as a um agente seguro, mas sem mira immediata de grandes lucros, antes recommendando-lhe a maior largueza em despezas de publicidade, annuncios e outras. O ramerrão commercial, que nos serviu n'outros tempos com o Brazil, já hoje não serve para nada. O letreiro á porta e toca a descansar emquanto não chegam os freguezes... não presta. Perante a febre mer-

cantil da época presente impõe-se a necessidade de muito trabalho, de muito arrojo, mesmo de alguma temeridade, para na lucta de competencias poder esperar-se algum triumpho; e renunciar a esta lucta é o aniquilamento. Abaixo com a rotina, com o *são costumado*, que ganhou honras de aphorismo quando se falla da gente de Macau, mas que bem poderia tambem applicar-se á mãe-patria, infelizmente.

Sabem como os negociantes francezes de *Champagne* vulgarisaram o seu producto? Conto uma scena vista no Cairo: Após o annuncio, o cartaz, o pamphleto, todos os processos, emfim, do reclamo, vem o caixeiro viajante, estabelece-se no melhor hotel, toma assento no salão de jantar e começa a offerecer e a distribuir taças do precioso nectar, de graça, já se vê (que até os cabellos se põem em pé com tal franqueza!), á malta inteira dos *touristes*... Mas é assim que se faz commercio.

X

18 de setembro de 1902

Visita de portuguezes á exposição de Osaka sob o ponto de vista commercial — Meios de transporte até ao Japão — Os nossos vinhos no Japão — Os endereços das cartas — Enviados commerciaes japonezes á Africa do Sul.

Após as minhas nove correspondencias já publicadas e, porventura, lidas por alguns, estou já imaginando, com uns assomos de vaidade que se me affigura perdoavel. . . que tenho o *meu homem.* Eu me explico. Supponho que algumas firmas mercantis se entenderam entre si, ou a Associação Commercial do Porto resolveu, ou a de Lisboa, ou ambas concordaram, de modo que a estas horas um commissionado portuguez (um ou mais) se dispõe a largar da nossa terra, lá para fins de dezembro ou principios de feve-

reiro, dirigindo-se ao Japão com o duplo fim de visitar a exposição de Osaka e de estudar os meios de expansão do commercio portuguez com o Japão e em geral com o Extremo Oriente.

A tarefa, em absoluto, é muito ardua, exigindo muitos mezes n'estas paragens, fartas despezas, larga observação, aturado estudo e a mais alta competencia no negocio. Contentemo-nos por agora com um intelligente empregado de commercio, que venha aqui passar dois ou tres mezes, visitando no regresso, se fôr possivel, alguns portos da China—Shangae, Hong-Kong e a nossa colonia de Macau.

A este viajante, a quem já chamo — o meu amigo, — direi muito a correr que a viagem de Portugal até aqui, via Canal de Suez, a mais facil, é das mais interessantes e instructivas que se podem emprehender em pouco tempo, isto pela variedade das paizagens, das civilisações, dos costumes e da labuta do commercio; os portos da Europa, depois Port-Said, o Canal de Suez, Aden, Ceylão, Singapura, Hong-Kong finalmente, as terras do Japão, todo este conjunto constitue um estupendo kaleidoscopio, cheio de encantos, de surprezas, principalmente para o individuo que nunca viajou, ou, quando muito, tenha ido a Badajoz vêr as touradas. Um espirito investigador poderá colher grande aprovei-

tamento de tudo que a seus olhos se desdobra.

Para a viagem ao Japão offerecem-se principalmente as seguintes Companhias de navegação: Mala Imperial Allemã; ingleza Peninsular & Oriental; franceza Massageries Maritimes; e japoneza Nippon Iusen Kaisha. Pela ultima, que parte de Londres, a viagem é certamente mais economica, e onde o passageiro de 1.ª classe vai talvez mais á vontade, pois ainda alli não vigoram a casaca ou o *smoking* ás horas de jantar, enfadonha costumeira que vem dos inglezes e é imprescindivel nas outras malas; como inconvenientes, apontam-se uma maior demora na viagem e um resumido numero de camarotes, sendo este ultimo caso motivo de nem sempre se encontrar logar. A 2.ª clssse na mala franceza é muito acceitavel; nas outras não é.

Deixando Portugal, o nosso viajante notará desde logo, a partir dos primeiros portos de escala, que os artigos japonezes, quasi desconhecidos nos nossos mercados, se encontram já frequentemente á venda nos outros paizes tornando-se naturalmente mais abundantes á medida que a viagem se encurta; em Aden, em Colombo, em Singapura, em Saigon, em Hong-Kong, em Shangae, ha muitas e boas lojas da especialidade.

Assim se começa a travar conhecimento, a educar os olhos com os productos do Japão, que

agradam facilmente e como que convidam o negociante intelligente a fazer d'elles farta colheita, transportando-os a mercados distantes, onde triplicam de merito pelo exotismo e certamente vão constituir o enlêvo dos consumidores dotados de gôsto delicado.

Chega, finalmente, o paquete a Nagasaki, a primeira terra japoneza vista e bem de molde disposta na vanguarda para despertar sympathias por este *Dai-Nipon*, mercê do encanto dos seus aspectos. Vai agora começar, para o nosso viajante, a sua verdadeira missão. Ficam para a proxima carta umas ligeiras considerações sobre o assumpto.

—Uma observação a respeito dos nossos vinhos. Os consumidores aqui são naturalmente os japonezes, os estrangeiros residentes e os viajantes, hospedes dos hoteis. Ora os japonezes, salvo rarissimas excepções, não téem ainda o paladar educado nos vinhos generosos. Os residentes são, em maioria, representantes das casas europeas e americanas, caixeiros, empregados dos Bancos, muitos acompanhados de familia e vivendo vida modesta. Com respeito aos viajantes, é turba fluctuante com que pouco se póde contar. Quer isto dizer que os nossos vinhos de 1.ª qualidade não podem por emquanto ter no Japão notavel venda, por não haver quem os aprecie e quem os

pague. As tenttivas dos nossos negociantes devem ser feitas principalmente com qualidades de 2.ª ordem, que possam competir com os vinhos que aqui se estão bebendo, ao custo aproximado de duas libras, duas libras e meia ou pouco mais, a duzia de garrafas.

Quanto a vinhos de pasto, pouco alcoolicos, pequenas remessas poderão ser vendaveis, para residentes e viajantes. Um outro genero de vinhos baratissimos poderia ter aqui grande extracção, como está succedendo já com vinhos hespanhoes, que os japonezes transformam em bebidas a seu gosto, de grande consumo; mas é caso para ser estudado sériamente, e melhor pelos olhos de um negociante da especialidade, que aqui apparecer.

—Uma correspondencia de Lisboa inserta n'um dos numeros de julho d'este jornal, referia-se ao pouco cuidado nos endereços das cartas lançadas no correio, que occasiona por vezes transtornos muito sérios; e mencionava o prudente systema, ultimamente adoptado no estrangeiro, escrevendo-se no sobrescripto em primeiro logar o nome da terra para onde a carta é destinada, depois a morada e por ultimo o nome do destinatario.

A proposito, e por méra curiosidade, lembro o costume japonez em tal materia, em prática ha

longos tempos. Escreve-se no sobrescripto, pela ordem que indico, o nome da terra, rua, quarteirão, numero da porta, nome do dono da casa e nome do destinatario; no reverso, as mesmas indicações referentes á pessoa que envia a carta e a data. Eis um exemplo: — «Cidade de Yokohama, rua Abaixo da Montanha, 2.º quarteirão, n.º 10, em casa do snr. Bambu, para a snr.ª Crysanthemo.» No reverso: — «Cidade de Osaka, ilha do Centro, 4.º quarteirão n.º 23, em casa do snr. Gentil, da parte de Constancia, 15 do 3.º mez.» — O processo é um tanto demorado, mas de excelentes resultados. Notemos ainda que em cada porta e sobre um pequeno rectangulo de madeira se acha escripto o nome do dono da casa, nome da rua, quarteirão e numero. Graças a todas estas minuciosidades, rarissimamente se extravia uma carta; e quando, por endereço errado, ou partida do destinatario, ella não póde chegar ao seu destino, retrocede então e vae invariavelmente parar ás mãos de quem a escreveu. Só nas cartas mysteriosas, como entre namorados, o endereço do reverso é substituido por esta significativa phrase: — «De quem sabe».

XI

6 de outubro de 1902

Mais conselhos ao commissionado portuguez mandado ao Japão — Horrivel cyclone; mil victimas; perdas materiaes importantes — Museu Commercial de Osaka: um alvitre para tornar conhecidos os productos portuguezes.

Na minha carta anterior, estavamos no momento em que o nosso viajante portuguez, commissionado por algumas casas mercantis, havia chegado a Nagasaki. Continuemos viajando... em esperanças.

Nagasaki pouco póde interessal-o sob o ponto de vista do seu estudo; é para elle um *baptismo* em terra japoneza, tendente a despertar-lhe sympathias por este povo, a encantal-o pela paizagem nipponica, e já não é pouco. O nosso viajante segue no mesmo paquete, admira o celebrado

mar interior, tranquillo como um lago, povoado de ilhas, adoravel de aspectos, e chega, finalmente, a Kobe, desembarca então e installa-se em terra no hotel que preferir.

Convém, para um noviço, que procure logo o nosso consul, cujo conselho lhe será de grande utilidade. Munido das suas recommendações, visitará a cidade, uma das mais prosperas do imperio pelo seu commercio maritimo, entrando em relações com os commerciantes, estrangeiros e indigenas, percorrendo os bazares, as manufacturas, os armazens de venda.

Osaka fica a uma hora de viagem de Kobe em caminho de ferro. As visitas, pois, ao principal centro manufactureiro do Japão pódem tornar-se frequentes; a Exposição, com todos os seus attractivos e ensinamentos, convida á investigação, ao estudo.

Os productos industriaes de Osaka e de Kobe, mais proprios para a exportação, são principalmente os tecidos de algodão, tapetes, escovas, esteiras, palha em trança, papel, objectos de bambú, leques, etc. Mas, como grandes centros que são, de tudo se encontra, incluindo as deliciosas bugigangas da industria barata, que constituem por si sós um ramo utilissimo de commercio.

Vistos Kobe e Osaka e preenchido o fim que

se teve em vista, vai-se em caminho de ferro até Kyoto, onde é recommendavel uma estada de tres ou quatro dias, pelo prazer dos olhos, porque a paizagem é encantadora, e pela utilidade em visitar as suas fabricas. Kyoto, afamado pela delicadeza dos seus artigos, produz leques, sêdas, bordados, porcellanas, charões.

Depois de Kyoto vem Nagoya, cidade muito industrial, productora de tecidos, porcellanas, charões, *cloisonnée,* e outros artigos.

Para não prolongar muito a viagem, o nosso portuguez póde seguir de Nagoya directamente até Yokohama, sempre em caminho de ferro e com todo o conforto requerido. Yokohama e Tokyo, cidades visinhas como são Kobe e Osaka, offerecem-lhe nos seus magnificos estabelecimentos de negocio tudo quanto se fabríca no paiz com destino á exportação: são numerosas as firmas commerciaes, com as quaes convém entrar em relações. E' actualmente encarregado do consulado portuguez em Yokohama um cavalheiro italiano, o snr. Luigi Casati, de distinctissimas qualidades e provado amor pelos interesses portuguezes.

Continuarei proximamente no assumpto.

— O dia 28 de setembro, de festiva commemoração para os residentes portuguezes d'este imperio (sei que uns vinte d'elles organisaram

em Kobe um esplendido banquete), foi assignalado pela passagem de um devastador cyclone, cujos terriveis effeitos mais particularmente se sentiram em Yokohama, em Tokyo e nas regiões visinhas.

A perda de vidas eleva-se talvez a mil; registram-se por milhares as casas destruidas ou arruinadas; muitos barcos se perderam, alguns vapores soffreram avarias, um vapor japonez foi ao fundo na rada de Yokohama, perecendo o capitão e um engenheiro. Entre as perdas materiaes, ha a lastimar a da famosa ponte sagrada de Nikko, de charão vermelho, construida em 1638, a qual desappareceu totalmente, seguindo os destroços com as aguas da ribeira, transformada em torrente impetuosa.

Rarissimos são, felizmente, os tufões de tamanha impetuosidade n'estas paragens; é nas costas da China que a calamidade se apresenta frequente, na quadra actual do anno.

— Julgo util referir-me n'este logar a uma instituição que muito deve interessar os commerciantes, qual é o Museu Commercial de Osaka, de funccionamento permanente.

Este museu, installado n'um bello edificio de construcção europeia, occupa uma extensa área e comprehende a secção de productos estrangeiros, a de productos domesticos, bazares

de venda, sala de leitura, laboratorio chimico, escriptorio e jardins. Na secção de productos domesticos encontra o visitante amostras das principaes producções e artefactos para exportação d'este imperio, o que é de indiscutivel vantagem para quem intente estudar, para proveito proprio, a riqueza productora do paiz. Na secção estrangeira os japonezes encontram proveitoso ensinamento n'uma variada collecção de amostras de artigos de paizes distantes, o que os habilita a fazerem as suas preferencias.

Qualquer individuo póde expôr temporariamente ou offerecer ao museu amostras do artigo da sua industria, acompanhando-as de um pedido dirigido ao director do mesmo e onde se indique o seu nome, endereço, occupação, nomes e endereços dos seus agentes, classe do artigo, quantidade, qualidade, preço, producção annual, espaço requerido para as amostras e declaração de que se sujeita ao regulamento do estabelecimento; a admissão é gratuita e só se paga, quando necessaria, a despeza feita com a installação.

E' certo que o Museu Commercial de Osaka, sempre de utillissimo alcance, em breve se tornará muito mais proveitoso, quando largamente visitado por todos aquelles que concorrerão em grande numero a esta cidade por occa-

são da proxima exposição industrial, que deve ser inaugurada no primeiro dia de março.

Ora, como é bem de crêr que nenhum negociante portuguez concorrerá com productos seus á exposição de Osaka, nem já agora é tempo para acordar indifferenças a tal respeito, occorre-me lembrar que alguns d'elles, os que desejem francamente entrar em relações mercantis com o Japão, terão agora uma excellente opportunidade para offerecerem ao museu referido pequenos mostruarios dos artigos do seu commercio, sendo evidente que o nosso consul em Kobe se prestará da melhor vontade a dar os passos necessarios para a admissão, quando as amostras venham acompanhadas do pedido, como ficou indicado.

Parece-me que muitos dos nossos productos —vinhos, azeites, conservas, e outros — poderão aproveitar em serem expostos no Museu Colonial de Osaka; mas principalmente para a cortiça, bruta e em rolhas, chamo a attenção dos industriaes, por exigir pouco espaço e patentear a todos os visitantes, pela simples inspecção, a qualidade do artigo. Direi de passagem que a cortiça é um dos productos portuguezes que melhor acceitação póde encontrar n'este paiz.

———

XII

26 de outubro de 1902

A ultima ceremonia do baptismo do Japão na civilisação moderna — Emprestimo de cinco milhões de libras — Expediente a que o Japão resistiu até este tempo — Para que servirá o dinheiro do emprestimo — A marinha e o exercito — As privações — A sensatez do povo japonez — A expansão mercantil entre Portugal e o Japão — Considerações muito a proposito.

Bem. O Japão acaba de submetter-se á ultima ceremonia do seu *baptismo* na civilisação moderna, tal como a comprehendem as nações do Occidente, inaugurando a sua divida externa com o bonito emprestimo de cinco milhões de literlina barsss, realisado em Londres. Effectivamente, o emprestimo é hoje a grande mola real dos paizes europeus, grandes e pequenos, nos differentes ramos da sua administração,

permittindo-lhes manter os seus enormes armamentos de paz, terrestres e navaes, e todos os caprichos de ostentação que passem pelas cabeças dos governantes.

O Japão havia resistido até hoje quasi por completo a este expediente; devido a um resto de barbarismo ancestral, na opinião de muita gente, mostrava-se cioso da sua raça, comprazendo-se no orgulho de não carecer do dinheiro alheio para acudir aos seus encargos; poder-se-ia talvez apreciar com mais justiça esta resistencia, attribuindo-a ao cuidado dos dirigentes em manterem a inteira liberdade de acção do seu paiz, a qual lhe é tão necessaria, furtando-o em absoluto á attenção interessada, e justamente interessada, que começaria a merecer da parte dos negociantes de numerario, logo que estes se constituissem seus crédores.

Até á guerra com a China e consequente victoria, o Japão não precisou em realidade de dinheiro de estranhos, mantendo-se no seu viver modesto, embora progressivo, cuidando pacientemente de desenvolver os seus ramos de riqueza.

Após a guerra aconteceu o que acontece sempre em transes taes. No imperio victorioso medrou rapidamente a flôr do orgulho, das largas ambições, das vistas arrojadas. Vieram de-

pois os novos tratados, collocando o Japão no pé de excepção unica, como paiz não christão, no grau de perfeita igualdade que lhe foi assignalado com as potencias occidentaes; ha pouco, veio a alliança anglo-japoneza; e bem se comprehende que estes dous grandes factores eram de molde a não reprimir vaidades, antes a animar e a desenvolver as que já existiam.

Desde a guerra com a China, o Japão tomou a peito constituir-se uma nação de primeira ordem e firmar a sua grande influencia nas vastas regiões do Extremo-Oriente. Para isto eram-lhe necessarios um imponente exercito e uma poderosa armada, e foi o que conseguiu, alargando immensamente todos os ramos de serviço publico. Mas para isto que não chegava o dinheiro do paiz, que é no fim de contas um paiz pobre, de agricultura quasi no seu auge, mas que ainda assim não chega para o sustento da população; de industria antiga primorosissima, mas de mui limitada acceitação nos mercados estranhos; de industria moderna incipiente, posto que muito esperançosa; tendo minas quasi exhaustas; e, sobretudo, com um povo ainda muito sobrio, sem necessidades de luxo, escassamente remunerado no seu trabalho, vivendo de um punhado de arroz; e não é um

povo tal que póde dar muito, quando espremido na prensa dos impostos.

Explicam-se assim as crises economicas que o Japão tem atravessado ultimamente e ainda atravessa, traduzindo-se em difficuldades financeiras dos governos, em marasmo mercantil, em carestia da existencia, em pauperismo publico, em emigração para fóra.

Já ha algum tempo se pensava muito em contrahir um importante emprestimo; falhavam porém, as tentativas, não entrando já em conta o orgulho nacional, mas em face das repugnancias dos argentarios estrangeiros, que se desculpavam em dizer que não viam sufficiente garantia aos seus capitaes nas leis japonezas. Pois a alliança com a Inglaterra foi o azeite que veio lubrificar a engrenagem ferrugenta da machina que trabalhava surdamente em obter capitaes de fóra: está tudo arranjado, está feito o emprestimo.

Para que servirá este dinheiro? Já correm largos rumores de que o melhor do emprestimo será servido com o augmento da esquadra, embora se conte com viva opposição de alguns partidos politicos. Enumeram-se já os navios a construir: quatro couraçados, seis grandes cruzadores e um avultado numero de canhoneiras e torpedeiros. Um jornal europeu, publicado no

Japão, commenta o boato, perguntando se é intuito do governo offerecer á esquadra russa do Extremo-Oriente a vista de uma esquadra japoneza de muito maior poder aggressivo? Se é, continúa, o processo não logrará effeito prático, porque, por cada novo navio japonez, a Russia fará o sacrificio de uma nova construcção e de uma nova remessa, embora as suas finanças não sejam tambem lisonjeiras, a Russia confia nos proprios enormes recursos, no seu certo engrandecimento e no muito credito de que dispõe, principalmente da parte dos capitalistas francezes. O mesmo jornal assemelha a situação politica e economica do Japão á da Italia, ambos a braços com os seus compromissos de alliança, ambos orientados pelo orgulho das suas grandes aspirações e forçados a larguissimas despezas, incompativeis com os recursos da riqueza nacional.

Confiemos nós, os que amamos o Japão e vivemos no seu sólo, que a megalomania incipiente que se nota já n'esta nação não a arrastará aos abysmos dos esbanjamentos e dos emprestimos sem conta nem medida, com a unica mira de sustentar exercitos e esquadras. A sensatez e notabilissima perspicacia d'este povo durante mais de trinta annos de evolução no caminho dos progressos modernos constituem

uma poderosa garantia das suas vistas futuras e, mais do que tudo, devemos confiar n'uma certa sagacidade asiatica, um não sei què peculiar da raça, indefinivel e incomprehensivel, mas que se manifesta indiscutivelmente, guiando este paiz pelo caminho das prosperidades, dos triumphos materiaes, zombando de todos os lugubres prognosticos que a Europa se entretenha em tecer á sua conta

— Na correspondencia anterior, estavamos no ponto em que o nosso viajante portuguez (por ora imaginario) se encontrava em Yokohama, tendo visitado a industria local e a de Tokyo. Chegou ao termo da sua origem; e se, como é provavel, tem pressa em regressar á patria, póde fazel-o desde já. Já disse, e como em breve terei ensejo de insistir n'este ponto, a viagem de regresso póde tornar-se sumamente interessante ao nosso viajante, sob o ponto que tem em mira, do alargamento do commercio directo entre Portugal e o Extremo-Oriente, se puder dispôr de algumas semanas a mais, visitando os portos da China, especialmente Shanghai, Hong-Kong e a colonia portugueza de Macau. Tomará passagem em Yokohama no vapor que o conduza á Europa, ou, se preferir, irá tomar essa passagem em Kobe, percorrendo novamente

em caminho de ferro a curta distancia que separa as duas cidades.

Durante cerca de dous ou tres mezes, depois do seu desembarque em Kobe até ao ponto *terminus* de Yokohama, o viajante, que considero, teve ensejo de vêr e apreciar as principaes manifestações da industria japoneza; julgou quaes os productos d'ella mais apreciaveis no nosso mercado e quaes os nossos productos mais susceptiveis de serem importados no Japão; distribuiu e recebeu amostras: entrou em relações com varias firmas commerciaes d'este imperio, europeas e indigenas, com as quaes poderá mais tarde corresponder-se sobre os assumptos que o interessam; vendeu, provavelmente, algumas caixas dos nossos vinhos, alguns fardos da nossa cortiça, e tomou nota de algumas encommendas d'estes artigos; e leva para o seu paiz, a troco de um dispendio relativamente modestissimo, uma variadissima collecção de artefactos da manufactura indigena, comprados ao acaso das suas excursões, todos cheios de mimo, de subtis delicadezas, que encantarão o publico, quando convenientemente expostos n'um bazar de novidades de Lisboa ou do Porto. Deu-se assim o primeiro passo, o mais difficil, no sentido da expansão mercantil entre Portugal e o Japão.

Pergunto agora: — Foi chimerico o intento?

foi banal o esforço? foi lamentavel a despeza?

E, como todas estas considerações véem a proposito de um acontecimento ainda hypothetico, qual é o da vinda ao Japão e visita á exposição de Osaka de um individuo commissionado por algumas firmas portuguezas, pergunto ainda, terminando por hoje: — E virá elle?...

XIII

6 de novembro de 1902

Insistencia minha sobre a vantagem da representação do commercio portuguez no Japão — A proxima exposição em Osaka; tres expositores portuenses — A questão da propriedade.

Tenho eu teimosamente procurado fazer valer, n'estas singelas correspondencias, a vantagem que resultará ao commercio portuguez com o Japão da visita a este imperio de um ou alguns representantes das nossas firmas mercantís, indicando como occasião excepcionalmente favoravel para tal visita a proxima abertura da Exposição Industrial Nacional de Osaka (1 de março a 31 de julho de 1903). Parece-me agora terem aqui cabimento algumas mui leves considerações sobre este paiz, tendentes a relembrar a sua muito notavel importancia actual como

centro de negocio, e o seu futuro desenvolvimento, com que já se póde contar.

Já hoje não é permittido a ninguem ignorar que o imperio japonez é uma grande nação, pesando politicamente na balança do Mundo e impondo-se pelas suas energias, pelas suas actividades productoras, de modo a merecer o maior interesse por parte das iniciativas estranhas. Se na nossa lingua pouco ou nada se tem escripto sobre o assumpto, não faltam magnificos trabalhos em francez, inglez, allemão, etc., que não é licito ignorar. As linhas que vão seguir-se, seriam, pois, inuteis, pedantescas, se o seu caracter de simples palestra, sem espalhafatos de erudição que não téem, não as desculpasse perante o publico.

O Japão e o seu provavel desenvolvimento futuro pódem ser estudados por dous modos differentes: considerando o paiz isoladamente, com as suas forças vitaes proprias; e estudando-o como fazendo parte da vastissima região que se chama o Extremo-Oriente, hoje tão attentamente observada pelas grandes potencias dirigentes e provavel theatro de proximas e importantissimas transformações economicas, para não fallar n'outras. Refiro-me n'esta correspondencia ao primeiro modo de estudo, ficando o resto para as que se lhe seguirem.

O imperio do Japão entrou no seu novo regimen politico e administrativo, e como consequencia em convivio com o mundo europeu, em 1868. Em 1872, a sua população era de habitantes, 33.110:793, em 1879 de 35.768:847, em 1889 de 40:072:020, em 1899 de 44.260:604. Em 1869, o rendimento do Estado foi de 34.438:405 *yens:* (1 *yen*=500 réis) e a despeza de 20.785:840 *yens*; no actual anno economico de 1902-1903, o rendimento é de 282.432:964 *yens* e a despeza de 281.753:195 *yens*. O valor total da exportação foi em 1874 de 21.635:441 *yens*, em 1894 de 113.246:086 *yens;* o valor total da importação, para os mesmos annos, foi de 28.107:300 *yens*, e de 255.816:645 *yens*.

Estes numeros eloquentissimos foram copiados da publicação official, «Financial and Economical Annual of Japon», de 1902. Accrescente-se que as industrias modernas, os caminhos de ferro, as Companhias de Navegação, todas as manifestações, emfim, da actividade publica, téem tido um notabilissimo impulso de anno para anno, desde que o Japão entrou em convivio com o mundo civilisado. São já muito importantes as permutações mercantis com a America, Inglaterra, Allemanha, França, etc. Muito importante é, igualmente, o commercio com a China e com a Coréa; e o Japão, pelas suas condições

geographicas e pelo trabalho muito productivo do seu povo, é já, e tende a ser em muito maior grau ainda, o grande fornecedor, não só da China e da Coréa, mas da inteira zona extremo-oriental.

Ora um paiz n'estas condições, com um tão rapido augmento de população, que é prova indiscutivel da vitalidade da raça; com um clima salubre, que anima o homem nas suas emprezas; com um sólo productivo e bem cuidado; e, a mais, povoado por uma grande familia intelligente, dotada de actividades pasmosas sem parallelo no mundo, de um orgulho nacional extremo, de um patriotismo sem igual, de uma coragem sem limites; um paiz assim tem o seu futuro assegurado. Sejam quaes forem as vicissitudes que tenha ainda de atravessar, politicas, economicas, de qualquer ordem, o Japão não acaba, nenhum inimigo poderá eliminal-o da lista das nações, antes tudo faz suppôr o seu progressivo engrandecimento, a sua grande expansão politica e, como consequencia, a sua crescente importancia economica e commercial.

A grande industria japoneza, luctando por emquanto com graves difficuldades financeiras, tende a vencel-as e a entrar n'um periodo desafogado e de verdadeira prosperidade, que se traduzirá n'um grande augmento de producção e de exportação. Tornando-se cada vez mais

*

necessaria a materia prima que falta no paiz, claramente a importação augmentará na mesma medida. Por outro lado, o impulso de vida moderna que dirige presentemente o povo japonez no caminho dos seus progressos, obriga-o fatalmente a mudar de habitos, de trajes, de mobiliario, de alimentação; crescem e modificam-se as suas necessidades; o que é mais uma garantia de que muitos productos estranhos, até hoje desconhecidos ou sem prestimo n'este meio, começarão a ser procurados e em breve constituirão um factor importante no jogo das importações.

N'uma correspodencia de jornal, não me atrevo a alargar mais este estudo. Nem tambem é preciso. Creio que ninguem duvidará de que o imperio do Japão é já hoje um grande paiz, de auspicioso futuro, e que, como mercado do mundo, n'esta epoca em que a actividade mercantil é tudo, e em que as distancias já não constituem um obstaculo, merece do commercio portuguez especial attenção. Não lh'a conferir, seria uma falta muito digna de riso, e — o que é peor — altamente prejudicial e condemnavel.

— Estive ha dias em Osaka, com o fim de visitar as construcções destinadas á proxima Exposição Industrial Nacional.

Taes construcções encontram-se quasi con-

cluidas, faltando, por assim dizer, a ultima vassourada, que remove os lixos e as aparas, para que tudo fique em estado de receber os productos que vão figurar no certamen.

Os terrenos incultos e lamacentos, que eram os escolhidos para o local da exposição, achamse agora nivelados, limpos, aformoseados com jardins, lagos, estatuas, e cobertos de grandiosos edificios, pelos quaes já se avalia a importancia do emprehendimento.

A Exposição fica no extremo sul da cidade. O *touriste* alcança Osaka pela esplendida estação do caminho de ferro, denominada Umeda, que está no extremo norte; para seguir para a Exposição terá de servir-se da linha ferrea de cintura, que o transporta directamente ali, ou de atravessar toda a cidade n'um d'estes confortaveis carrinhos chamados *kuruma,* conduzidos por um homem; tal passeio, que reclama cerca de uma hora de tempo, é já por si uma surpreza, um encanto, patenteando ao viajante Osaka em todos os seus aspectos — ruas de activa industria, cortadas de canaes e communicando por innumeras pontes, bairros galantes, bazares, mercados, suburbios de miseria e, finalmente, os bellos edificios da Exposição.

O recinto destinado ás amostras estrangeiras, com exclusão do Canadá, que terá um pavilhão

seu, consta de uma parte central e de duas naves lateraes, abrangendo tudo uma área de cerca de 4:800 metros quadrados.

Vem a proposito dizer que me consta, muito vagamente, que uns tres negociantes portuguezes, do Porto, empregam todos os esforços, posto que bem tardiamente, para expôrem amostras dos seus artigos, e é provavel que alcancem o seu benemerito fim. Serão elles, penso, os unicos do nosso paiz que se apresentarão, e Portugal deve ficar-lhes muito reconhecido. É caso para lembrar mais uma vez o que todos sabem, que Lisboa é principalmente uma cidade de burocratas, de politicos e de ociosos, partindo em geral todas as iniciativas, que traduzem um esforço das actividades productoras da nação, da classe mercantil portuense.

Venham os productos dos tres negociantes; não desanimem estes nas suas esclarecidas intenções. É o que do coração desejo por não poder mais desejar.

— Ha longos mezes que se discute entre estrangeiros residentes e japonezes, privadamente, pela imprensa e mesmo pela diplomacia, uma importante questão, emanada dos novos tratados, respeitante á propriedade. Em resumo, é o seguinte: diz a lei que os bairros europeus ficam encorporados, depois de entrarem em

vigor os Tratados, ás communas japonezas; os arrendamentos perpetuos, em virtude dos quaes os estrangeiros possuem propriedades em taes bairros, são confirmados, e as propriedades d'esta natureza ficam livres de quaesquer impostos, taxas, imposições, etc., além do que é expressamente estipulado nos primitivos contratos. Ora, entendem os japonezes que estas estipulações se referem unicamente aos terrenos, e não aos edificios n'elles construidos, e por tal motivo exigem dos proprietarios novos impostos, como a *house-tax*, a *income-taxe* e outras; os estrangeiros, em geral, não interpretam assim a lei, e consideram taes impostos iniquos.

A questão, que tem azedado muito os espiritos com inconveniencia para todos, está sendo submettida ao Tribunal Arbitral da Haya, não se podendo, por emquanto, prevèr qual será o seu desfecho, que em todo o caso acabará por uma vez com dissidencias desagradaveis.

XIV

26 de novembro de 1902

As flôres e arvores do Japão — Aos nossos floricultores — A exposição de Osaka—Pormenores — O Japão como grande centro de actividade no Extremo Oriente — Para onde convergem as vistas do mundo civilisado — A Europa e a America na Asia — A futura deslocação dos interesses.

— É, como se sabe, em meados de novembro, a quadra de florescencia dos chrysanthemos, tão famosos no Japão. Quasi pelo mesmo tempo é a dos *momiji* (em portuguez *bordos*); as especies japonezas d'estas arvores offerecem a particularidade de apresentarem a sua delicada folhagem completamente rubra em fins do outomno, o que dá colorido delicioso e surprehendente e verdadeiros tons de apotheose á paisagem gentilissima do paiz. As di-

versões predilectas dos japonezes, grandes apaixonados da natureza, téem sido, pois, durante este mez, as excursões aos logares celebres pelos seus bellos chrysanthemos e pelas suas mattas de *momiji*.

A proposito de flôres e de arvores. Não se tentarão os nossos floricultores, profissionaes e amadores, a entrarem em relações com as casas japonezas da especialidade, no intuito de enriquecerem as suas collecções? É notorio que os chrysanthemos, os lyrios, os iris, as convolvulas chamados *asagao*, e outras, são flôres de incomparavel belleza n'este paiz; as orchideas tambem merecem interesse; como plantas e arvores ornamentaes, devem mencionar-se alguns fetos, bambús, cycas, varias coniferas, cerejeiras e muitas outras.

Para não me alongar no assumpto, convido os floricultores portuguezes a encetarem correspondencia com duas notabilissimas casas da especialidade que se entregam á exportação, em larga escala, de plantas e sementes para a Europa e America; os seus magnificos catalogos illustratrados véem cheios de pormenores interessantes. Eis os endereços: — *The Yokohama Nursery C.º Ltd.* — n.os 21-35, Nakamura, Yokohama, Japan; *L. Boehmer & C.º* — n.os 5-28, Bluff, Yokohama, Japan.

— A imprensa local vai-se occupando frequentemente em dar informações referentes á proxima Exposição industrial de Osaka, a 5.ª no genero das que se teem realisado no Japão, mas certamente muito superior ás anteriores, pelo luxo das construcções, profusão de artigos expostos e distracções e conforto que se offerecem aos visitantes.

A exposição propriamente dita occupa uma área de mais de tres kilometros quadrados, perto do mui célebre templo budhista de Tennoji, em Osaka; na cidade de Sakai, a curta distancia, um espaço do 33:000 metros quadrados foi destinado exclusivamente ao aquario.

Apesar da grande extensão dada aos edificios, comparada com a das exposições anteriores, foi impossivel attender todos os pedidos dos expositores, o que trouxe como resultado fazer-se uma escolha dos melhores productos, excluindo os outros; de modo que a proxima exposição de Osaka offerecerá a opportunidade unica de apresentar aos visitantes uma primorosa selecção das producções do paiz. No emtanto, muitos dos individuos excluidos construirão por conta propia edificios annexos aos da Exposição, augmentando-lhe necessariamente o interesse.

Muitos districtos do paiz vão levantar baza-

res e kiosques destinados á venda dos productos caracteristicos locaes; por esta fórma, os estrangeiros que visitem a Exposição poderão obter durante um curto passeio larga cópia de curiosidades indigenas, que em circumstancias normaes exigiriam muito tempo, longas excursões e fartas despezas. A ilha Formosa terá um pavilhão especial para os seus productos, e um salão em estylo proprio, onde uma orchestra de nativos despertará vivo interesse pelo exotismo dos seus instrumentos. O palacio das bellas-artes conterá um escolhido agrupamento dos mais notaveis trabalhos de artistas japonezes, antigos e modernos, em pintura, escultura, ceramica.

Não faltarão, disseminados pelos jardins, salões de entretenimentos, de jogos, restaurantes; e já se falla n'uma maravilha, a construcção de um *Miniatura-hotel*, situado no local mais aprazivel e servido por jovens japonezas, que um jornal de Kobe clasifica de *charming*.

Os edificios da Exposição estarão fechados durante a noute, mas os jardins continuarão patentes ao publico, deslumbrantemente illuminados a luz electrica, sendo então a occasião escolhida para a maioria das diversões.

Conta-se já com uma affluencia não inferior a tres milhões de visitantes japonezes e grande nu-

mero de estrangeiros. Para receber estes ultimos com o desejavel conforto, já os proprietarios do novo Osaka-Club-Hotel estão procedendo ás necessarias disposições. Assentando este sobre uma das margens do rio Osaka, é provavel que se realisem carreiras de barcos desde o hotel até á Exposição, o que tornará a excursão deliciosa.

No interesse de vêr o nosso paiz ir estreitando as suas relações com o Japão, o que me parece proficuo, desejaria eu que concorressem á proxima Exposição de Osaka não só alguns commerciantes portuguezes, como tenho insistido em correspondencias anteriores, mas tambem simples viajantes, curiosos de vêrem por seus olhos uma das mais interessantes nações do mundo. Ha, de certo, em Portugal quem possa dedicar uns tres meses a ocios uteis e dispôr de umas 150 libras esterlinas para as despezas totaes da viagem, quando limitada a modestas ambições; mas haverá coragem para emprehendel-a até esta longinqua terra japoneza, em detrimento da excursão rotineira que faz — quem se préza — a Londres ou a Pariz? Bem desejo eu que haja tal coragem; e estou plenamente convencido de que os *touristes* portuguezes que venham aqui — se vierem — aproveitando a especial opportunidade da Exposição de Osaka, guardarão da sua visita a mais grata lembrança.

A Exposição, como é sabido, abre em 1 de março do proximo anno, sendo encerrada em 31 de julho.

— Na minha correspondencia anterior apresentei algumas considerações tendentes a demonstrar que o Japão, considerado isoladamente pelos seus proprios recursos e abstrahindo de influencias estranhas, é já um grande centro de actividades e um importante mercado do mundo, prevendo-se-lhe desde agora um futuro de crescentes prosperidades.

Como prometti, vou agora consideral-o como parte de un agregado, como parcella da vastissima região do Extremo-Oriente e, naturalmente, sujeito a influencias exteriores; e hei-de chegar á conclusão de que este novo estudo em nada prejudica o primeiro, antes o reforça, levando ao convencimento de que a nação japoneza avança para uma florescentissima situação, e de que devem esperar-se os maiores arrojos da sua industria, do seu commercio, da sua energia productora, emfim.

Debaixo d'este ponto de vista, as estatisticas falham, claramente; e é o simples raciocinio que nos póde guiar em taes considerações.

Todas as vistas do mundo civilisado e grande parte da sua iniciativa, convergem presentemente para o Extremo-Oriente. A Europa está

explorada, e pobre, se a consideramos labutando dentro dos limites das suas fronteiras. A America é para os americanos, como dizia James Monroe ha perto de 100 annos, e como os factos vão successivamente provando. A Africa será, provavelmente, para a Inglaterra, n'um futuro remoto; no entretanto, muitos a requestam, grandes energias labutam no seu solo ingrato, colhendo bem escassa compensação de tamanhos sacrificios dispendidos. A Asia, riquissima, vastissima, com uma enorme população malleavel, á qual será facil impôr disciplina, habitos de trabalhos e necessidades novas, é por excellencia a região cobiçada, que chega á farta para todas as ambições e parece que será precisamente este Extremo-Oriente a base dos primeiros emprehendimentos, o ponto vulneravel por onde a civilisação occidental ha-de abrir brécha e fará as suas tremendas investidas. Já as faz, mesmo, pelo menos com relação á Russia.

Não fallando na questão da Mandchuria, por emquanto muito nebulosa, basta considerar o caminho de ferro trans-siberiano, que representa talvez o maior arrojo, não d'este seculo, que ainda não tem historia, mas dos ultimos dous seculos. O caminho de ferro trans-siberiano é já hoje uma realidade; e em breve attingirá uma feição eminentemente prática, que trará como

consequencia uma nova e importantissima corrente mercantil. Chegam outros factores ás costas da China, collaborando no desmoronamento do velho imperio e inoculando nas povoações o germen das actividades modernas; entre outras nações, a Inglaterra e a Allemanha, de dia para dia mais accentuam a sua influencia commercial e... politica em taes paragens.

Pelo que respeita á America, a grande republica dos *trusts*, que vêmos transformando-se rapidamente n'um tremendo imperio de dinheiro, governada por uma aristocracia de millionarios, todas as energias se lhe podem suppôr; e já hoje são bem notorias a sua importancia commercial no Extremo-Oriente e a cuidada attenção que dispensa a este vasto campo de competições. Como apotheose do quadro que apresento, o canal do Panamá terá um dia a sua realisação, não muito longe: o que equivale a dizer que uma estupenda deslocação de interesses assignalará tal acontecimento.

Bem. Está-se vendo como a Europa investe pela Asia e como das costas extremo-orientaes ella e a America tendem a dar-se as mãos e a constituirem um colossal reviramento nas vias de communicação existentes; ha algumas dezenas de annos nada d'isto se previa; hoje admitte-se como realisavel em pouco tempo.

Ora, considerando o traço geometrico d'esta corrente de riquezas, que tem a sua origem em S. Petersburgo, quer dizer, em toda a Europa, atravessa a Siberia e a Mandchuria, alcança as costas da China e continua pelo Pacifico, graças ás poderosas linhas de navegação americanas, até attingir os centros commerciaes da grande republica — S. Francisco, Philadelphia, New-York — notaremos que o Japão se encontra providencialmente a meio do vastissimo percurso, como um natural apeadeiro que vem facilitar as armazenagens temporarias e todas as combinações e todas as transacções que reclama a complicada engrenagem mercantil. Se das suas actividades proprias tanto se devia esperar já, o que deveremos presumir do futuro desenvolvimento do Japão, quando, para lhe exaltar os brios, as duas formidaveis energias de cobiça, extremo-oriental e extremo-occidental, se cruzam no seu sólo? Se o bom senso administrativo dos seus governantes o fôr salvando, como é de crêr, dos differentes escolhos que poderão ameaçal-o; se estes governantes forem comprehendendo, como até aqui as tendencias da época, a orientação do progresso; então, o desenvolvimento da nação japoneza poderá attingir um grau de prosperidade culminante, cujo alcance nem hoje é dado avaliar.

XV

30 de novembro de 1902

O programma administrativo do governo japonez — O marquez Ito — Visitas e conferencias — O ministerio — Artefactos e mobilia de bambú — A Coréa — A importancia mercantil do Japão — Actividade prodigiosa — Portugal perante essa actividade — A evolução no Extremo-Oriente — Normas a seguir — O commercio portuguez — Macau.

Já anteriormente registrei que o ministerio japonez considera como ponto capital do seu programma administrativo o augmento das forças navaes, insistindo tambem, a fim de augmentar as receitas do Estado, no acrescimo de impostos sobre a propriedade de terrenos. Taes vistas não são unanimemente acceitas pela nação, e um dos maiores vultos politicos, o marquez Ito, combate-as energicamente; na sua auctorisadissima opinão, não é do engrandecimento da esquadra que se deve agora cuidar,

mas sim de regularisar as questões financeiras e de promover o maior desenvolvimento da industria e do commercio do paiz.

Ha poucos dias, o marquez Ito dirigiu-se a Kyoto, no intuito de encontrar-se com o marquez Yamagata, outra summidade politica, e com elle teve uma longa conferencia, da qual parece ter resultado perfeito acordo de ideias entre os dous estadistas.

Por seu turno, o marquez Yamagata acaba de visitar em Hiogo o conde Katsura, presidente do actual gabinete, a quem certamente expôz, sem rebuço, as suas opiniões e as do seu collega sobre tão grave questão.

Deve presumir-se que o ministerio, falto do apoio dos que mais influenceiam a opinão publica, não terá longa vida.

— Sabe-se que os artefactos de bambú, como mesas, cadeiras, *étageres*, estantes para musica, e outros, constituem uma das especialidades da industria manufactureira de Kobe. Tive ha dias ensejo de folhear um interessantissimo catalogo illustrado de taes artigos, do fabricante *M. Nankai & C.ª* (Sannomiya-cho, n.º 185, Kobe, Japan) e fiquei realmente encantado com a diversidade e elegancia dos modelos, não fallando já na modicidade relativa dos preços. Não quererão os nossos negociantes

de Lisboa e do Porto tentar a introducção dos artigos citados? Embora me chamem massador, aconselho-os a mandarem ir d'aqui, por intermedio dos seus agentes, o referido catalogo; melhor seria, mesmo, que fizessem já pedidos do genero, modestos, no valor de 20 ou 30 libras, por exemplo.

— Na Coréa residem alguns portuguezes, de origem macaista. O commercio d'este paiz, hoje imperio, com Portugal, affigura-se-me nullo actualmente, mas póde um dia iniciar-se, e com proveito.

O imperio coreano, com uma população de mais de 12 milhões de habitantes, outr'ora florescente, reverteu a uma quasi barbarie e hoje vive em triste marasmo, victimado por intrigas politicas e pela má orientação dos governantes; mas é evidente que em breve terá de passar por transformações radicaes.

Distante algumas milhas apenas da parte sul do Japão, a influencia japoneza faz-se alli sentir de uma maneira preponderante, apenas partilhada, ou antes, disputada pela politica absorvente dos russos. O commercio do Japão com a Coréa foi no anno passado de 11.372:550 *yens* em exportação e de 10.052:438 *yens* em importação, o que dá um total de 21.424:988 *yens*, cerca de 2.142:500 libras esterlinas. No fim de

1900 residiam na Coréa 15:829 japonezes de ambos os sexos.

Pois Portugal ainda não tem um Tratado de amisade e de commercio com a Coréa, ao contrario do que se dá com a grande maioria das nações occidentaes. A circumstancia de possuirmos uma colonia no Extremo-Oriente impõe-nos o dever, parece-me, de acompanharmos os outros paizes nos seus movimentos de progresso; é urgente que se faça tal Tratado, tanto mais que não implica novas despezas, bastando augmentar os titulos honorificos do governador de Macau, o qual, sendo já ministro plenipotenciario na China, Japão e Siam, póde tambem muito bem sel-o na Coréa.

Aqui fica a lembrança, suggerida por quem, aliás, se confessa pouco sabido em muitos assumptos de ordem social, e, especialmente, em questões de diplomacia.

—Referi-me, em correspondencias anteriores, á já muito real importancia mercantil do imperio japonez e ao florescente futuro que se lhe deve atribuir, devido, por um lado, aos seus proprios recursos e á indole do seu povo, por outro lado ás causas exteriores, á influencia fatal dos paizes visinhos, destinados dentro em pouco a soffrerem transformações radicaes, que envolverão todo este Extremo-Oriente n'uma nova existencia de actividades prodigiosas.

Ora, affigura-se-me que Portugal não póde assistir alheio a este estado de cousas. Deve, ao contrario, tratar desde já de estreitar as suas relações commerciaes com o Japão, entrando com as suas energias em concorrencia e em competição com as energias dos outros paizes, exercidas n'este sólo esperançoso. Serão modestos os seus esforços, mas não inuteis. Se não é dado presumir ao nosso paiz, nem aqui nem n'outra parte, uma acção predominante de qualquer ordem, não é menos certo que será da sua cooperação em todas as emprezas de trabalho e da affirmação por todo o mundo da sua vitalidade, que dependa o desenvolvimento material de que carece para poder aspirar a bem mais largo conforto na sua existencia economica. N'estes ultimos seculos as nações latinas, em geral, téem-se deixado demasiadamente absorver na contemplação platonica dos seus velhos feitos, com grave detrimento dos interesses actuaes inadiaveis; Portugal, como a mais pequena de todas, é a que mais tem soffrido; mas é tempo de reagir contra a inercia, de retemperar forças e de adaptar-se ás exigencias imperiosas da época.

Fallei do Japão, prospero já hoje e em breve, provavelmente, florescentissimo. Mas, entrando n'esta ordem de considerações, não é permitido

limitar a observação a um só paiz, e deve estender-se a todos os paizes visinhos, a toda a vastissima região do Extremo-Oriente. Assim, o Japão, considerado como centro de actividades, apparece-nos como uma parcella do grande todo, como uma roda apenas da engrenagem conjugada que tem por elementos a China, as colonias estrangeiras, as Filippinas, o Siam, a Indo-China, Java, etc. Um mesmo destino se prepara para todas estas regiões; o Extremo-Oriente inteiro entra em evolução; quaesquer que sejam as influencias intrusas, os factores predominantes, grandes surprezas se annunciam para breve n'esta parte do mundo, respeitantes ao seu desenvolvimento.

Querer abordar o Japão e commerciar com os japonezes, é querer commerciar com todo o Extremo-Oriente; é o que vêmos já hoje com as casas estrangeiras aqui estabelecidas, as quaes têem as suas ramificações em muitos outros pontos, fóra do imperio. É por este motivo que, dizendo eu aos filhos de Portugal que venham a este paiz, me acode logo ao espirito que temos Macau bem perto, na região mais promettedora da China; e por isto aconselhei aos viajantes portuguezes, vindos de tão longe a visitarem o Japão e a estudarem as suas producções na exposição de Osaka, que alonguem a excursão e

o estudo um pouco mais, visitando igualmente Macau, Hong-Kong e Changhai.

Nas ligeiras considerações que constituem o assumpto d'estas correspondencias, diligenceio seguir sempre uma orientação prática, uma ordem de ambições facilmente realisaveis e consequentemente modestas. Quando vir o commercio directo de Portugal com o Japão representado nas estatisticas locaes por alguns milhares de libras, já me darei por satisfeito, convencido de que um inicio é sempre difficil e de que os algarismos irão progressivamente crescendo pela lei fatal das cousas. Não posso, porém, deixar de aqui registrar que, quando o commercio portuguez emprehenda por um modo persistente e sério estabelecer-se no Japão, com raizes que lhe garantam uma prosperidade duradoura, terá então de alargar a sua esphera de actividade até ás costas da China, pelo menos. É em tal momento, e oxalá elle não venha mui distante, que o nosso pequenino Macau fará sentir a sua incontestavel importancia, despertando a attenção, hoje nulla, do commercio portuguez em seu favor.

Pobre pedregulho afogado em lôdos, occupado por uma densissima população chineza, que pouco faz, e por alguns milhares de portuguezes, nativos e do reino, cuja principal occu-

pação se exerce na intrigasinha banal de soalheiro, Macau terá de renunciar em breve ao seu marasmo presente, animando-se das mesmas actividades que pullulam em torno, e prestando efficacissimo recurso aos verdadeiros trabalhadores da nossa terra. Se assim não acontecer, digamos tudo, se nas filas dos obreiros da evolução que se prepara, o nome portuguez não figurar, por inqualificavel indolencia, se Macau fôr merecendo da nossa classe mercantil o mesmo desprezo que lhe merece agora, então, nullo entre tantos fócos de energia, abandonado por quem trabalha, perdido, poderá talvez indo continuando a chamar-se uma *colonia*, mas será uma *colonia* de párias, de inuteis, de infelizes.

Resta-me dizer ainda alguma cousa a respeito de Macau, considerado sob o ponto de vista que preside a estes singelos estudos, isto é, como colonia portugueza do Extremo-Oriente, o vastissimo campo onde agora se exercem tantas actividades e tamanhas cobiças fermentam, e como visinha do imperio do Japão, pois está apenas a uns seis dias de viagem, ou menos, da cidade de Nagasaki. Ficam as considerações em reserva para a proxima correspondencia.

XVI

11 de dezembro de 1902

Commercio de Portugal com o Japão — Macau.

Tem sido o assumpto principal das minhas singelas correspondencias o chamar a attenção dos negociantes portuguezes para este paiz, no intuito de desenvolver o commercio directo entre Portugal e o Japão.

Mencionei primeiramente quaes os productos portuguezes que, a meu vêr, serão aqui mais bem acceitos, e quaes os productos japonezes que melhor acolhimento terão no nosso mercado. Sempre debaixo do mesmo designio, indiquei que muito teria a ganhar o nosso commercio, se individuos da especialidade votassem ao Japão uma curta visita. Suggeri a ideia de aproveitarem para tal fim a opportunidade da pro-

xima Exposição Industrial de Osaka, como occasião excepcionalmente favoravel para o estudo d'esta região sob o ponto de vista commercial, acompanhando o conselho de algumas indicações, que me pareceram uteis a quem pela primeira vez se dirija a estas paragens. Depois, julguei ter cabimento o fazer sentir a importancia, já hoje muito notavel, d'este imperio como nação commercial e o futuro florescente que é licito attribuir-se-lhe em breves tempos, devido aos seus proprios recursos e a influencias estranhas perante a enorme expansão de actividades a que está destinado este Extremo-Oriente. Em seguida, notei que o commercio portuguez não póde permanecer indifferente ao mercado japonez. Por uliimo, lembrando que aquelles que se propozerem commerciar seriamente com o Japão e colher um resultado seguro e duradouro dos seus esforços, terão de alargar as suas relações mercantis até mais longe, até ás costas da China, por exemplo, tive naturalmente de referir-me a Macau, pobre e exigua possessão em atonia, esquecida, mas digna de melhor sorte, e destinada, sem duvida, a representar um papel muito importante no nosso commercio com o Extremo-Oriente, se um dia pensarmos sériamente em tal.

A respeito de Macau, julgo dever acrescentar mais alguma cousa.

Macau é, como ninguem ignora, uma colonia portugueza e o mais antigo dominio europeu na região do Extremo-Oriente. Ora, não se tem uma colonia como se tem um lobinho, ou os olhos azues, por mero acaso ou capricho do destino. Tem-se uma colonia com um fim determinado e para d'ella se auferir um certo numero de vantagens. Sendo facil classificar as colonias pelo proveito que d'ellas colhemos ou trabalhamos por colher, não é menos facil assignalar a esta nossa possessão o qualificativo que lhe é proprio.

Será Macau uma colonia de refugio (*colonie d'essaimage*), que tivesse dado ou possa ainda vir a dar abrigo a um *enxame* de portuguezes, os quaes, por excesso de população ou outra causa, não puderam ou não poderão permanecer fixados ao sólo da mãe-patria? De certo que não. Será uma colonia militar, denominação hoje pouco rigorosa, ou uma colonia estrategica, como é, por exemplo, o ilheu de Perim para os inglezes? Menos ainda; nem as nossas pretensões, necessariamente modestas, poderão induzir-nos a manter posições estrategicas. Será uma colonia de exploração, como a India ingleza, como Java, como a Indo-China? Não; a extrema

pequenez do seu sólo torna-a completamente impropria para tal fim. Pelo mesmo motivo, não é, nem nunca poderá vir a ser uma colonia de povoamento *(colonie de peuplement)*, como são o Canadá, a Africa Austral, a Australia, a Argelia, a Siberia, e outras. Não é tambem uma colonia de méra soberania, como muitas, que as nações europeias trataram de adquirir, na febre da partilha do mundo, e como algumas que nós mesmos possuimos no *hinterland* do continente africano; são, em geral, vastas porções de terreno, onde a influencia da metropole se não exerce por emquanto, esperando desenvolvimento, sob qualquer ponto de vista, em época oportuna; tal é, por exemplo, o Cameroun allemão, entre os territorios britannicos do Niger e o Congo francez.

Resta considerar as colonias commerciaes *(comptoirs commerciaux)*, das quaes Hong-Kong é o typo por excellencia: porções de dominio, que pódem não ter importancia alguma pelo seu sólo, pelos productos proprios, mas que, favorecidas pela posição geographica que occupam, pódem tornar-se grandes centros de actividade mercantil. Será Macau uma colonia commercial? Certamente que sim. Favoravelmente situada n'uma das mais ricas e activas regiões da China, visinha de um grande centro, que é Cantão, e no caminho de uma importante corrente de com-

mercio maritimo costeiro, Macau é uma colonia commercial e não póde ser outra cousa; e, quando por teimosia ou desleixo o não seja, quando n'ella se não faça commercio, teremos então de inventar um novo qualificativo, para lhe chamarmos *colonia empecilho*, mòrro inutil surgindo das lamas do estuario onde se encontra, destinado ao aprazimento dos caranguejos regionaes.

Em face do abatimento em que se encontra actualmente a nossa colonia de Macau, convém dizer que, não sendo os governos commerciantes, é evidente que não é d'elles que deve esperar-se um impulso vivificador para reanimar o seu decahido commercio; póde mesmo assegurar-se que o conjunto dos dirigentes — governos e governadores — bastante tem conseguido a bem d'esta colonia, no limite da sua esphera de actividade; e pouco mais póde pedir-se-lhes, francamente.

Em assumpo de saneamento, Macau deixa já pouco a desejar, offerecendo vantagens sobre Hong-Kong, a sua opulenta visinha. A colonia está cruzada de bellas avenidas, arejadas, aprazíveis; não se dá accumulação nos bairros europeus, abundando ainda terrenos excellentes para construcções urbanas.

Tem hospitaes, tem medicos, tem regular

policia. Em materia de instrucção, abundam as escolas; se algum defeito ha a notar-se-lhes, é o de serem muitas, convindo talvez reduzil-as, adaptando melhor as que ficarem, aos interesses da mocidade macaista.

Não ha alfandegas, o que é um bem supremo para a labuta mercantil.

Está o porto lamentavel, é verdade. Convém certamente que o governo se apresse em melhoral-o, ordenando a dragagem, de modo a tornal-o sempre accessivel aos vapores e barcos chinezes que o frequentam. Ha mesmo mais a fazer: induzir os particulares, chinas ou não chinas, a construirem docas e abrigos, facilitando-lhes a empreza. Não deve, porém, esperar-se que a metropole emprehenda a obra gigantesca, assumpto de um livro ha tempos publicado por um distincto engenheiro nosso, que estudou detidamente o porto de Macau; isto porque tal obra exigiria despezas enormissimas, nunca compensaveis, desde que o magnificente porto de Hong-Kong attingiu a importancia que hoje tem, monopolisando quasi a grande navegação d'estas paragens.

Além do que apontei, julgo que deverá merecer ao governo especiaes cuidados o seguinte: melindrosissima escolha, é claro, dos funccionarios que envia da metropole; pugnar attenta-

mente pelos nossos direitos de soberania, tarefa que requer escrupulos incessantes, em vista das auctoridades chinezas visinhas, sempre propensas a abusarem; administração liberal, patrocinando todos os interesses mercantis, abolindo quanto possivel monopolios e exclusivos (que poderiam limitar-se talvez aos jogos e ao opio); tratar de manter sempre relações cortezes e amigaveis com os mandarins visinhos e com a côrte chineza; promover a estima e a confiança dos chinas residentes; attrahir á colonia outros, sendo certo que esta gente constitue hoje, quasi exclusivamente, a parte laboriosa da população, representando o commercio local, e sempre será, mesmo quando a influencia mercantil da metropole aqui se manifeste, um poderosissimo elemento de actividade e de riqueza.

XVII

25 de dezembro de 1903

Ainda Macau e o commercio portuguez.

Na minha carta anterior, a proposito do commercio portuguez com o Extremo-Oriente, referi-me em breves traços á nossa possessão asiatica de Macau, considerada como *colonia commercial*, titulo este que justamente lhe cabe. Indiquei que, não sendo os governos commerciantes, não é d'elles que deve esperar-se o desejavel impulso vivificador, que leve a nossa esquecida colonia a cooperar efficazmente a bem do commercio portuguez, trabalhando em concorrencia com os varios centros de actividade que se encontram na vasta região extremo-oriental. Com effeito, os governos téem feito o que téem podido, legislando, saneando, policiando,

no seu mister quasi passivo, que é o que lhes compete exercer; as iniciativas arrojadas devem vir, sem duvida alguma, da energia particular.

Ora Macau, para ser alguma cousa, para ser o que deve ser, com proveito para si e para a metropole, precisa de fazer mais do que faz, que se resume hoje a assistir fria e indifferentemente ao commercio que os chinas residentes mantéem entre si e com as povoações chinezas visinhas. Este commercio é muito importante, muito util, e deve-se por todos os modos proteger e animar; mas não basta. Macau deve sériamente iniciar o commercio com a mãe-patria, com as outras colonias europeias estabelecidas na China e com os varios Estados do Extremo-Oriente, especialisando o Japão.

Deve, em uma palavra, como terra portugueza, trabalhar como as outras nações trabalham, n'esta vastissima região agora impulsionada por novas e tamanhas energias, sob pena de tudo perder, de ficar reduzida a um nome historico e mais nada. E' pelo trabalho que as suas lisonjeiras condições naturaes, devidas ao clima, á situação geographica, etc., attingirão o seu justo valor; é assim que Macau poderá vir a ser o que tem direito e dever de ser, o incentivo, o traço de união, entre o mercado de Portugal e os d'estas longinquas para-

gens, um entreposto commercial emfim, para nos servirmos de um termo muito em voga.

Pergunto agora, excluindo muito de proposito o grupo europeu, representado hoje apenas por alguns funccionarios, se é licito esperar-se um tal resultado dos portuguezes nativos da colonia e n'ella residentes? Não o creio. E' facto que Macau já atravessou periodos florescentes; mas em circumstancias particularmente excepcionaes. Quando o seu porto era o unico da China accessivel aos europeus, quando muito mais tarde se organisou a emigração dos *coolies*, fazia-se alli muito negocio, por iniciativa dos macaistas, e muitos d'elles adquiriram grandes fortunas. Quando se creou Hong-Kong, outros macaistas compraram ali terrenos por vil preço, que em breve attingiram enormissimo valor, o que tambem foi motivo de se vêrem repentinamente no gôso de avultados bens estes primitivos compradores. Mas as causas fortuitas de taes engrandecimentos, desacompanhadas de perseverança, de esforços reaes, de educação de trabalho, explicam por si o facto que hoje estamos presenceando; — as fortunas feitas evaporaram-se, não se formaram outras, a população macaista encontra-se em geral pobre, e, o que é peor, cahida em abatimento moral; — não será ella que possa iniciar um movimento regenera-

dor no seu torrão natal. Ha mais ainda : os individuos da colonia mais bem dotados de fortuna ou de dotes de trabalho emigram, em geral ; vão para Hong-Kong, para Changae, para o Japão, para as Filippinas, etc., onde as suas actividades não sejam infructiferas ; de sorte que os que ficam (excepções feitas, é claro) são os pobres, os invalidos, os mendigos e os vadios.

Mas o exemplo do que se passa n'outros pontos, leva-nos a igual conclusão, sem necessidade de descermos a detalhes minuciosos. Nenhuma nação da Europa colhe o devido fructo das suas possessões distantes pela energia isolada dos indigenas, ainda quando taes indigenas, como no caso que considero, sejam descendentes de europeus, como taes educados e com um grau de civilisação superior. As colonias são braços de trabalho, certamente muito uteis, mas reclamando uma cabeça dirigente, que lhes venha da metropole, para produzirem tudo que pódem produzir. Na India, em Singapura, em Hong-Kong, são os inglezes, *da Inglaterra,* que representam o grande commercio ; em Java, são os hollandezes, *da Hollanda ;* o proprio Brazil, hoje nação independente, deve ao elemento contínuo dos immigrantes europeus, que lhe chegam de toda a parte, a sua principal fonte de energias ; se a Australia trabalha por si, explica-se

a excepção pelos admiraveis dotes expansivos da Inglaterra que, auxiliada pelo meio favoravel, teve a habilidade de crear no cabo do mundo uma *nova Inglaterra*. O phenomeno geral que a Australia apresenta, liga-se a complexas e multiplas circumstancias, bem conhecidas dos estudiosos, e que não são, em todo o caso, para se desenvolverem aqui.

É, pois, das iniciativas do reino que a colonia de Macau carece. E' forçoso que cheguem europeus e que emprehendam sériamenre o trafego mercantil de importação e de exportação. No sólo macaista encontrarão elles já o commercio chinez estabelecido, o qual, longe de contrarial-os, lhes facilitará os intuitos; nos portuguezes de Macau, residindo na colonia ou fóra d'ella, encontrarão igualmente um forte auxilio, já como excellentes empregados de carteira, já como conhecedores do meio e das linguas locaes, e por isso de utilissimo conselho, já mesmo como associados. Por seu lado, os macaistas terão tudo a lucrar com a vinda dos compatricios do reino, trazendo comsigo energias novas e novos capitaes; não me resta duvida que a sua situação economica, hoje precaria, haveria de melhorar promptamente.

Mas que virão fazer os portuguezes do reino a Macau? A ideia deve ser consequencia da

resolução tomada de alargar as relações do commercio entre Portugal e o Japão e, em geral, o Extremo-Oriente, como urge que aconteça. Póde-se e deve-se começar desde já na permutação de generos com o mercado japonez, recorrendo aos agentes de commissões estabelecidos n'este imperio; mas isto não passará de simples inicio, embora util e remunerador, encaminhando necessariamente os commerciantes para mais largas operações. Deve depois comprehender-se, por uma vez, que o commercio com o Imperio do Sol Nascente não é o unico do Extremo-Oriente; que outros centros importantes reclamam as nossas actividades; que será pela ramificação de interesses creados n'estes diversos centros que os lucros avultarão e o negocio se tornará effectivo e persistente; e que, emfim, quem tem uma colonia favoravelmente collocada na visinhança de tantos nucleos de trabalho, não a tem para deixal-a ao abandono e amodorrada em preguiça, mas para aproveital-a, para engrandecel-a e engrandecer a metropole.

Ouço dizer, de quando em quando, que se crearam Companhias em Portugal para irem explorar regiões selvaticas, inhospitas, exigindo duros sacrificios e offerecendo problematicos lucros. Muito bem: admitte-se tudo isto, como caracteristico da — lucta pela existencia — que

é a divisa d'este seculo em que entramos, como já era do seculo passado. Mas, meus caros senhores, o que admira é que ainda nenhum grupo de portuguezes, animados das tendencias modernas, se propozesse estabelecer em Macau um nucleo de trafego que abrangesse os paizes proximos, seguindo assim o exemplo de todas as nações da Europa e entrando em collaboração com ellas; tanto mais que o clima sadío, a segurança individual, a sociedade aprazivel de sobejo convidam todos os esforços n'este sentido.

Continuarei.

XVIII

8 de janeiro de 1903

Festas do Natal e Anno Bom — A opposição na camara dos deputados — Pavoroso incendio: oitocentas casas destruidas — Zona franca de commercio — Commercio portuguez com o Japão; cortiça e rolhas — O principe real de Siam — Ainda Macau.

Passou o Natal e passou o Anno Bom. Aquelle, festejado nas cidades onde residem em maior numero os estrangeiros, em Tokyo, Yokohama, Kobe e Nagasaki; festejado mesmo ruidosamente, com innumeras *Christmas trees* para meninos, presentes trocados, reuniões, indigestões de *Christmas kake, flirtation*, todo o espalhafato que lhe sabem imprimir inglezes e americanos principalmente, mas aqui mal cabido, cheirando a exotismo e não consolando, a meu vêr, a sen-

sibilidade dolorida do exilado, que recorda n'esta occasião as festas intimas da infancia, no seio da patria distante e da familia quasi extincta. A commemoração do Anno Novo, que é festa essencialmente japoneza, mesmo o unico dia de descanso durante todo o anno para muitos milhares de miseros obreiros, esta impressiona sempre, pelo aspecto festivo das ruas, pelo desfilar da multidão em roupas de gala, pela alegria do povo, o qual, adoravelmente infantil, esquece os pesares passados, para viver das esperanças do periodo que começa, enlevado em impetos de patriotismo, em adoração pelo seu soberano, em sonhos de gloria, em enthusiasmos pelos esplendores da natureza. Feliz povo!...

— Como se prevía o ministro japonez encontrou na camara dos deputados forte opposição aos seus planos do augmento da esquadra, desenvolvimento de linhas-ferreas estrategicas e continuação do elevado imposto sobre terrenos, sendo esta medida destinada a obter receitas para as duas primeiras. Esperava-se que o ministeiro pediria a sua demissão. Não succedeu, porém, assim: o governo acaba de dissolver a camara dos deputados, eleita ha poucos mezes, marcando para o dia 1.º de março a nova eleição. Não se prevê o que succederá depois;

os mais prestigiosos vultos politicos, como o marquez Ito, o conde Okuma e outros, estão do lado da opposição.

— O Japão é o paiz dos risonhos aspectos, das deliciosas paisagens e tambem das surprehendentes calamidades. No dia de Natal manifestou-se em Oiso um incendio, que o vento tempestuoso que então soprava muito ateou, sendo destruidas umas oitocentas casas; a cidade ficou pela maior parte em ruinas.

Oiso está pittorescamente situada á beira-mar, distante do Yokohama cerca de uma hora e meia de viagem em caminho de ferro, e muito frequentada por japonezes e estrangeiros.

— O governo russo projecta estabelecer em breve no seu muito importante porto de Vladivostok, na Siberia e a curta distancia do Japão, uma zona franca de commercio.

Esta circumstancia deve necessariamente decidir os japonezes, no interesse das suas relações mercantis com os estrangeiros, a estabelecerem tambem um porto franco no imperio, sendo provavelmente Kobe o escolhido, pela sua situação central e outras vantagens que offerece ao trafego.

Já em correspondencias anteriores me tenho referido ao commercio de cortiça e rolhas, productos da industria portugueza, que devem ser

muito bem recebidos no Japão. A razão é clara: os japonezes importam muita cortiça e rolhas e cada vez importarão mais; sendo certo que a cortiça provém principalmente de Portugal e da Hespanha, tudo está indicando aos nossos industriaes que promovam o augmento da exportação directa de taes artigos para aqui.

De um relatorio consular, que me chegou agora ás mãos, tiro os seguintes dados referentes á importação de cortiça (bruta e em obra) no Japão em 1900, indicando os paizes expedidores e os valores do artigo em moeda portugueza: Austria, 191$000 réis; Belgica, réis 4:760$500; China, 3$750 réis; França réis 12:398$000; Allemanha, 89:896$000 réis; Inglaterra, 28:826$000 réis, Hollanda, 1:744$000 réis; Hong Kong, réis 130$500; Italia, 127$750 réis; Filippinas, 6:738$750 réis; Portugal, reis 791$500; Hespanha, 5:493$000 réis; Estados-Unidos, 93$500 réis; desconhecido, 73$000 reis. Dá isto um total de réis 151:267$250, o que me parece muito importante.

Pois a parcella, relativamente infima que nos respeita, faz-me suppor que a cortiça portugueza, correndo de paiz em paiz como uma bola de bilhar de tabella em tabella, veio certamente parar ao Japão por vias indirectas, adoptando nacionalidades falsas e enriquecendo

estranhos, com grave detrimento nosso. Não bastarão os algarismos que citei, para animarem os productores portuguezes a ensaiarem a introducção directa do genero? Aconselho-os, instantemente, a que adquiram agentes de confiança no Japão, aos quaes enviem, sem demora, pequenas remessas de cortiça e de rolhas, indicando ao mesmo tempo os preços minimos por que pódem ser vendidas. Se, como imagino, taes artigos se apresentam em condições de poderem competir com a cortiça que aqui se importa de tantos pontos (que não téem cortiça), o bom exito da empreza será seguro.

— Na sua viagem de regresso da Europa, via America, chegou a Yokohama o principe real de Siam, demorando-se aqui e em Tokio alguns dias, sendo recebido muito cordealmente pelas auctoridades japonezas. O principe acha-se agora em Kobe, devendo em breve partir para Bangkok a bordo do *Iacht* real, que veio ao Japão aguardar a sua chegada.

— Pouco falta dizer para concluir o ligeiro estudo que me propuz fazer sobre Macau, considerado como colonia commercial portugueza no Extremo-Oriente, e como tal reclamando que haja commercio portuguez no seu sólo. Actualmente pode estabelecer-se que tal cousa não existe: Macau é um pequeno nucleo de

funccionarios portuguezes e um centro de commercio chinez.

Indiquei tornar-se necessario que os negociantes portuguezes do reino prestem attenção a esta despresada colonia, vindo alguns estabelecer-se em Macau e desenvolver n'este meio as suas energias beneficas.

Certas emprezas poderiam ser tentadas com probabilidades de bom exito, como o estabelecimento de linhas de navegação por meio de pequenos vapores entre os portos proximos e a colonia, entrando assim a nossa gente em concorrencia com os chinas e os inglezes, que teem sido os monopolistas n'este ramo de especulações fructuosas. A creação de docas de abrigo no porto interior, as construcções urbanas, o estabelecimento de illuminação a gaz ou electrica na cidade, a pesca, o fabríco de conservas, etc., poderiam igualmente occupar com proveito capitaes e actividades. Mas é sobretudo o simples commercio, a permutação de productos com a metropole e outros paizes, que desde já merece um esforço decisivo da parte d'aquelles que vivem do negocio.

Nem eu mesmo comprehendo que, sendo inadiavel que se cuide, como tenho tentado demonstrar, do alargamento de relações mercantis directas entre Portugal e o Japão, Macau fique

esquecido e deixe assim de representar o papel que lhe está assignalado na historia das nossas futuras iniciativas de trabalho, das quaes unicamente dependerá a felicidade da nação. O Japão, admitto, póde servir de primeiro estimulo para a nossa acção no Extremo-Oriente; mas, uma vez trocadas as primeiras centenas de fardos, estabelecida uma certa sympathia mercantil, adquiridos agentes e conhecidas as manufacturas, os commerciantes portuguezes devem tratar logo, consecutivamente, do commercio com a China, e então Macau deve apparecer-lhes como terra nossa, destinada a prestar sérias vantagens ás suas emprezas.

Estabeleça-se uma firma portugueza no Japão, em Yokohama ou em Kobe, sendo talvez este ultimo ponto o preferivel, por ser mais importante; e parece-me ter indicado summariamente, na série d'estas cartas, o ramo de commercio que lhe está logo indicado. Mas crie tal firma, em Macau, ao mesmo tempo, um outro estabelecimento seu, pois será do trafego combinado do nosso paiz com o Japão e com a China que mais garantias de prosperidades ha a esperar.

Em Macau fabrica-se hoje muito chá, que segue para Hong-Kong já comprado por firmas inglezas e é expedido para Inglaterra; podendo

mesmo presumir-se, sem intenção ironica, que algum d'este chá macaista irá parar de Londres a Lisboa e sirva ao nosso consumo. Até ha uns cincoenta annos, vinham a Macau navios nossos, que embarcavam chá e seguiam para o reino; está-se vendo que retrogradamos n'este ponto, como em muitos. Porque não se emprehende novamente a importação directa de tal artigo? Penso até que, sendo bem dirigido este ramo de negocio, poderia a visinha Hespanha encontrar vantagens em ser nossa freguesa, comprando-nos o chá.

Outros generos chinezes devem ser bem recebidos no nosso mercado, como o arroz, as porcellanas, as sèdas, os objectos de ourivesaria, de marfim, de charão, etc.

Não admitte duvida que o commercio regular de importação em Macau de certos productos portuguezes do reino e coloniaes dará lucros seguros, sendo certo que taes productos encontrarão mercado em todo o Extremo-Oriente, e de dia para dia melhor acolhimento devem ter, á medida que as colonias russas, allemãs, inglezas, francezas e a propria China, se fôrem povoando de europeus e avançando em condições de prosperidade. Taes os vinhos (já conhecidos n'estas paragens), a cortiça, os azeites, as conservas, o café, o marfim, a borracha, e talvez al-

guns tecidos, pois ouço dizer que algumas fabricas attingiram ultimamente grande desenvolvimento.

Por esta fórma, Macau deverá ainda tornar-se um importante entreposto ; dos seus armazens, bem fornecidos, se despacharão encommendas para os diversos pontos da costa, devendo lembrar que o facto de se encontrarem espalhados por toda essa costa muitos portuguezes macaistas, mais ou menos ligados aos interesses da mãe-patria e desejosos do seu engrandecimento, poderá ser de um auxilio precioso.

Não esqueça mencionar-se que o nosso Timor, rico de productos naturaes, mas ainda em quasi plena selvageria, e compensando ainda tão mal os sacrificios da metropole, terá tudo a ganhar com o renascimento do commercio portuguez no Extremo-Oriente.

E' por estas considerações que eu aqui manifestei o meu sincero desejo de que os negociantes portuguezes, que porventura se resolvam a visitar o Japão e a proxima exposição de Osaka, aproveitem a viagem de regresso para uma curta visita a Changhae, a Hong-Kong e a Macau, do que se póde colher incalculavel proveito.

E' tempo de exercermos as nossas actividades na importantissima região de que me occu-

po. O nosso commercio em geral precisa acordar da lethargia em que se deixou cahir. Se uma causa, entre muitas, tem concorrido para este triste adormecimento, a qual é a farta renumeração que muitos encontram no cantinho patrio, sem vislumbre de fadiga, vendendo pão de gêsso e de serradura ou café de terra e de grão de bico aos pobres consumidores, que todo o rigor da lei e a indignação do povo esmaguem de uma vez estas industrias pacatas, duplamente criminosas por envenenarem os freguezes e envenenarem as forças productoras do paiz.

XIX

21 de janeiro de 1903

Productos portuguezes na exposição de Osaka — Considerações — O intuito das minhas cartas — Ao que ellas alvejam — O meu programma — Outros assumptos — Divagações.

Informam-me de Kobe que devem estar prestes a chegar áquelle porto as amostras de productos portuguezes destinadas á proxima exposição de Osaka. Reservo para mais tarde uma demorada apreciação d'este acontecimento: limito-me hoje a informar que me consta serem tres os expositores portuguezes, todos do Norte do reino, e as suas amostras uma interessantissima collecção dos nossos productos industriaes que melhor acolhimento devem ter nos mercados japonezes.

No meio da geral indifferença do nosso paiz por tudo que se refere ao Extremo-Oriente, são poucos todos os elogios que se façam a estas tres casas mercantís, as quaes véem salvar Portugal da tristissima vergonha de não se vêr representado em tão notavel certamen, como deve ser a Exposição Industrial de Osaka.

Além do interesse pratico, obvio de explicar, Portugal tinha o imperioso dever de concorrer á Exposição de Osaka. Foram os seus navegadores os primeiros europeus que chegaram ao sólo japonez, e os primeiros que lhe trouxeram noções da civilisação occidental. Os enormes progressos materiaes realisados por este povo intelligentissimo derivam, de certo modo, da obra civilisadora dos portuguezes. A sua não-participação n'este conjunto de laboriosas manifestações pacificas, onde vão figurar, ao lado do pavilhão do Imperio do Sol Nascente, os de todas as nações cultas, equivaleria ao attestado mais categorico da sua nullidade presente, do seu definhamento sem remedio e — o que seria ainda mais lastimavel, — do absoluto esquecimento da sua tradição historica, dos seu gloriosissimos feitos passados.

Bem hajam, pois, os tres negociantes portuguezes, que veem permittir que em um cantinho do engalanado pavilhão dos productos estrangei-

ros se arvore a nossa bandeira, a qual terá aqui o seu justissimo logar, invocando um phenomeno historico de alta importancia social. Fiquemos todos certos de que a bandeira portugueza será saudada com respeito por todos aquelles que a avistem, japonezes e estrangeiros, excluindo naturalmente os ignorantes, que não sabem o que vêem, coitadinhos, e uma certa ralé illustrada, filha dos tempos actuaes, oriunda de todos os paizes, agora pullulante, irreverente perante todos os grandes emblemas da historia da humanidade que lembram uma decadencia.

— No decorrer d'estas singelas correspondencias tenho seguido uma determinada orientação, um plano de desenvolvimento, que não devem ter escapado áquelles que as hajam benevolamente lido desde o seu inicio.

Resumindo. Chamei a attenção dos negociantes portuguezes para o Japão, no intuito do desenvolvimento das nossas relações mercantís com este imperio. Indiquei os generos que, em minha opinião, melhor se offerecem para o trafego de importação e exportação. Lembrei a vantagem que resultaria de virem a este paiz delegados commerciaes nossos, sendo certamente a proxima Exposição industrial de Osaka um excepcional incentivo para tal visita. Referi que, emprehendidos sérios esforços no sentido de

commerciar com os japonezes, não devem taes esforços limitar-se só ao Japão, mas pelo contrario estender-se aos varios portos chinezes, pois é do conjunto das relações mercantís com o Japão, com a China e em geral com todo o Extremo-Oriente, que o commerciante deve esperar mais seguro e proveitoso beneficio. Por ultimo, referindo-me particularmente aos commerciantes portuguezes do reino, tentei demonstrar que a nossa esquecida colonia de Macau deve inspirar-lhes especial interesse, como susceptivel de offerecer-lhes importantissimos serviços, e por isto lembrei que Macau, e ainda Hong Kong e Changhae, deveriam merecer uma curta visita dos nossos enviados commerciaes, que por ventura se animem a vir ao Japão.

Foi este o meu programma, que se me affigura de importancia capital, embora aqui fosse mui incompletamente desenvolvido, pelo pouco espaço disponivel n'um artigo de jornal para assumpto de tal magnitude.

Mas, penso eu, realisei o meu intento. Devo agora confessar que, por falta de novo assumpto digno de despertar a curiosidade do leitor, tive a lembrança de dar por finda esta tarefa, de pôr ponto final nas minhas cartas, deixando espaço livre a outros assumptos e a outras pennas, com seguro proveito para o jornal e seus leitores.

Perguntei a mim mesmo se, começando a divagar, teriam algum interesse os meus patricios em saberem que as ameixieiras no Japão já começam a florir, ou que os *kimonos* das *musumés,* estreados no dia do Anno Novo, encantavam pela delicia dos matizes?... Entrando mesmo em assumptos bem mais sérios, terá realmente o nosso commerciante algum desejo de saber quanto assucar os japonezes importam das colonias hollandezas, ou quanta seda exportam para a Italia?...

Muito bem. Depois de longo meditar a tal respeito, com uns assomos de gravidade que penso vos parecerão bem irrisorios, conclui que em tudo isto — flôres de ameixieiras, vestidos das meninas, assucar hollandez e seda para a Italia — em tudo isto se deve tentar interessar o leitor portuguez. Esta conclusão parodoxal me levou a proseguir nas minhas cartas, porventura mais espaçadas a partir d'este momento.

Portugal, nação de antigos navegadores e de antigos commerciantes em longinquas regiões, parece ter esquecido desde ha muito a sua gloriosa tradição, passando a viver da monotonia caseira, desinteressando-se de tudo o que se passa para além das suas fronteiras, desinteressando-se dos centros de riqueza estranhos, que estão hoje

attrahindo as actividades do mundo inteiro. Como consequencia d'este estado apathico, aconteceu fatalmente que tambem o mundo inteiro se desinteressou de Portugal; recordam-se ainda nos livros de historia os nomes dos nossos heroes; mas na vida prática, tratando-se principalmente de paizes distantes, como este d'onde escrevo, mal se figura onde fica a patria de Vasco da Gama, qual é a sua organisação politica, que lingua se falla ahi, a que se entregam os seus habitantes, se são brancos, se são negros, que productos dá o sólo. Isto é lamentavel, mas é assim; e não póde continuar assim, sob pena das mais amargas desillusões para a nação portugueza.

Tratar por todos os modos de aguçar a curiosidade dos portuguezes pelo que se passa pelo mundo fóra, affigura-se-me obra meritoria, tendente a inspirar-lhes mais arrojados intentos e a chamal-os á noção dos seus deveres de actividade mundial. Um dos meios mais efficazes para attingir tal fim é, sem duvida, a obra litteraria, livro ou jornal, ainda mesmo quando o publicista, por escassez de assumpto ou de espaço, ou por inhabilidade propria, se limita a rastejar no campo das frivolidades ou das noticias pouco a proposito. Tudo incita ao amor das viagens, das emprezas fóra da rotina, da

expansão de ideias e de energias; e é isto mesmo que se pretende.

E' por estas razões que eu persisto em não julgar completamente inuteis as minhas correspondencias; e começarei fallando-vos, esgotado o assumpto principal a que me devotei, das flôres das ameixieiras do Japão, dos vestidos das meninas, dos assucares hollandezes, da seda exportada para a Italia...

Se, como é possivel (digo-o sem vislumbres de ironia), estas modestas cartas, traçadas com o sincero desejo de concorrerem para o desenvolvimento do commercio do meu paiz com o Japão, servirem apenas para que um commerciante qualquer nosso, beliscado de pruridos aventurosos, se resolva a ir vender alguns barris de Collares em Zanzibar ou em Madrasta... concluo que não perdi o meu tempo.

XX

Fevereiro de 1903

O Numero do Natal do «Commercio do Porto Illustrado» — A pintura no Japão — A photographia e a pintura — O que é a pintura japoneza — Os expositores portuguezes no grande certamen de Osaka — Portugal e o Extremo Oriente — Macau e o seu porto—As ligações maritimas entre Portugal, Macau e o Japão — Varias considerações.

Essa meia duzia de desenhos japonezes, tão fielmente reproduzidos no esplendido Numero do Natal de 1902 do *Commercio do Porto*, que tambem cá chegou, como chegou a toda a parte, serve-me hoje de pretexto para umas ligeiras divagações sobre a pintura no Japão.

A arte japoneza, especialmente a pintura, difficilmente poderá ser comprehendida pelos observadores *desprevenidos*, isto é, por aquelles

que não estejam iniciados nos processos artisticos d'este povo e na sua concepção esthetica. A pintura japoneza é essencialmente naturalista, mas synthetica, occupando-se de preferencia dos effeitos geraes, que ferem particularmente a visão, que persistem na memoria, e desprezando os detalhes superfinos.

Eu me explico melhor, se é possivel. Para a reproducção das cousas que vemos, nenhum processo é certamente mais rigoroso, mais mathematico, do que a photographia; e, no entretanto, é bem conhecido que ella nos apresenta effeitos que chocam, por uma demasiada minucia do trabalho inconsciente e pelas proporções varias dadas aos objectos, conforme mais ou menos proximos do observador, o qual, no caso que considero, é a objectiva do apparelho. Estes effeitos desagradaveis ou disformes, dá-os o *cliché* photographico, mas não os dá a nossa propria visão, que se acostumou, desde a mais tenra infancia, a não fixar as miudezas inuteis e a *corrigir*, se o termo é proprio, as grandezas relativas das cousas, taes como ellas se patenteiam aos nossos olhos. Um exemplo: n'um retrato photographico, os dous braços do individuo serão geralmente de tamanho diverso, apresentando-se maior o que se achava mais proximo do apparelho; a nossa visão não dá

isto. A pintura, educada nos nossos processos visuaes, é bem mais incorrecta em precisão do que a photographia, mas sem duvida mais harmonica e mais verdadeira para a concepção humana. Julgo poder ainda affirmar que a caricatura é o genero de pintura mais suggestionadora, porque representa como que uma selecção philosophica das feições predominantes dos objectos, evidenciando-as em detrimento das linhas secundarias. E' assim que se poderá dizer, sem que o paradoxo espante, que o retrato menos parecido de uma pessoa será a sua photographia; o retrato a oleo ou a aguarella mais similhante lhe será; e a sua caricatura será o melhor de todos.

Admittido isto, se é que se admitte, direi que a pintura japoneza é a que mais se emancipa da preoccupação da forma real das cousas, tentando dar-lhes as representações graphicas mais em harmonia com os nossos processos visuaes. No seu amoroso cuidado de imprimir relêvo aos traços dominantes, é por excellencia independente, impressionista, caricatural, occupando-se mais de dar vida ás reminiscencias da paizagem onde pousámos os olhos, do que á propria paizagem. Debaixo d'este ponto de vista, a pintura japoneza, uma das mais remotas manifestações artisticas d'este povo do paiz do Sol

Nascente e a que talvez mais estudos lhe tenha merecido, attingiu, é forçoso confessar, uma maravilhosa fluidez de traço, uma adoravel harmonia de colorido, uma palpitante impressão de vida, que produzem as mais graciosas surprezas ao observador dotado de boa fé. Na Europa ha fanaticos adoradores de tal arte, por entre os espiritos mais cultos. Leiam-se, para não irmos mais longe, a encantadora *La maison d'un artiste*, de Edmond de Goncourt, e os seus dous livros *Outamaru* e *Hokousai*, dedicados a dous nomes de pintores japonezes, dos mais fulgurantes na gentilissima arte nipponica.

— Já me referi mais de uma vez a tres casas do Porto, que enviam productos da sua industria á Exposição do Osaka. Não indiquei nomes, por não estar auctorisado a fazel-o e ser ainda o assumpto apenas do dominio official, tratado entre o respectivo consul e a commissão directora de Osaka. Reservava-me para, quando se abrisse a Exposição, mencionar então as tres firmas benemeritas que véem salvar o paiz da vergonha de não ser representado n'este brilhante concurso de todas as nacionalidades cultas. O *Commercio do Porto*, porém, já publicou no seu noticiario os nomes dos expositores portuguezes, e eu gostosamente d'aqui con-

firmo que são, effectivamente, os snrs. Meneres & C.ª, Clemente Menéres e Lopes, Coelho Dias & C.ª, que mandam a Osaka os seus artigos de negocio — vinhos e azeites, rolhas e cortiças, e conservas. A escolha dos productos é magnifica, pois são estes, não fallando nos coloniaes, os que melhor procura pódem ter n'este mercado. Estas amostras portuguezas desembarcaram na alfandega de Kobe no fim de Janeiro, e parece não restar duvida agora sobre a representação effectiva de Portugal na grande Exposição japoneza.

Consta-me que mais duas casas commerciaes de Porto (sempre o Porto!) empregam diligencias para apresentarem tambem as suas amostras. O pedido foi feito desoito dias antes de ser inaugurada a Exposição; mas tão benevolentes se mostram os commissarios imperiaes, que é bem possivel que estas novas firmas possam concorrer a honrar o nome portuguez n'estas paragens.

A seu tempo darei mais demoradas informações sobre este thema consolador: — a secção portugueza da Exposição industrial de Osaka.

— Li com o mais vivo interesse os dous brilhantes artigoa que, sob o titulo « Extremo-Oriente », o *Commercio do Porto* publicou em 14 e 15 de dezembro passado. Julgo observar que

n'este momento se pronuncia no nosso paiz um inicio de interesse pelos assumptos que se relacionam com esta vastissima região. Os jornaes começam fallando do Japão, da China e da nossa até hoje tão esquecida colonia de Macau, merecedora da mais carinhosa attenção. A ultima missão diplomatica portugueza á China, sejam quaes forem os seus resultados práticos, ainda hoje ignorados, teve pelo menos o merecimento incontestavel de representar uma iniciativa official, tendente a estreitar as relações de Portugal com o Extremo-Oriente. Se taes resultados fôrem bons, tanto melhor, e certamente nos animarão a proseguir pelo mesmo caminho; se foram maus, paciencia, e será então urgente remedial-os; mas tudo é preferivel á pachorrenta indifferença com que até agora se voltou as costas para estes lados, onde precisamente a Europa inteira e tambem a America ha bastantes annos concentram uma tenacissima actividade. N'esta parte do Extremo-Oriente, onde vivo, tambem as iniciativas isoladas e timidas, por emquanto, da classe mercantil portugueza accusam um comêço de renascimento: mandam-se pequenas remessas dos nossos productos; pedem-se amostras dos productos japonezes; cruza-se correspondencia, tratando de negocio; por ultimo, alguns benemeritos commerciantes

enviam amostras á Exposição industrial de Osaka.

E' preciso, é forçoso animar e dirigir este comêço de sympathia, da qual poderemos mais tarde auferir largo proveito. N'este sentido devem collaborar todos que se sentem com intelligencia, todos que se sentem com dinheiro, e todos que se sentem com arrojo, n'um impulso decidido de franco patriotismo. Observemos para contentar os egoistas, que o patriotismo não é só uma virtude altruista, mas tambem um dever de interesse pessoal; pois, sendo proprio do homem o cuidar do seu bem-estar, e carecendo para tal fim do auxilio da collectividade, trabalhar pelo bem d'ella é trabalhar para si. No entretanto, o patriotismo declamatorio, acompanhado de bandeiras tremulantes e de hymnos de philarmonica, já não serve nos tempos de hoje, muito positivos; convém dar-lhe uma feição prática deliberante, conduzindo a resultados materialmente proficuos, que melhorem, sem demora, as condições economicas e sociaes da nação.

Volto aos artigos a que me referi, publicados n'este jornal em dezembro passado. Muito bem: drague-se o porto de Macau, tornando-o capaz de recolher navios de regular tonelagem. Se, como affirma o auctor dos artigos, e eu

muito creio, ha capitaes chinezes para levarem a cabo a empreza, facilite-se quanto possivel o seu iniciamento, e sem demora, concedendo aos capitalistas todas as regalias razoaveis; a meu vêr, a iniciativa particular em tal assumpto será muito mais proficua do que a intervenção directa do governo.

Como já aqui apontei, a administração de Macau carece tambem de orientar-se, imagino, por um crédo essencialmente liberal, afastando-se do systema de monopolios tão nocivo á livre expansão mercantil.

Tambem se me affigura da maxima vantagem, como ao illustre articulista, a ligação maritima regular da metropole com Macau e o Japão. A poderosa Companhia japoneza «Nippon Yusen Kaisha», cujos excellentes vapores fazem viagens quinzenaes para a Europa, passando á vista do Cabo de S. Vicente, parece naturalmente indicada para desempenhar tão util serviço; e supponho, por informações colhidas, que não haveria difficuldades, por parte d'ella, em pôl-o em prática, desde que se lhe concedesse uma modesta subvenção ou se lhe garantisse uma certa carga. Trabalhe, pois, n'este sentido a nossa classe commercial; mas, antes de tudo, mostre sériamente aos poderes diri-

gentes, pelos seus esforços immediatos em commerciar com o Extremo-Oriente, que tem jús a qualquer sacrificio da nação para se chegar a este *desideratum*.

XXI

18 de março de 1903

Inauguração da Exposição de Osaka; as exposições japonezas anteriores — A minha primeira visita ao certamen: rapidas impressões; notas diversas — O sal portuguez no Japão.

O seu a seu dono. A Exposição industrial de Osaka, aberta em 1 do corrente mez, impõe-se ao chronista como o acontecimento momentoso d'estas ultimas semanas, reclamando especiaes referencias da parte de quem se occupe de cousas japonezas.

Historiemos um pouco o assumpto. E' esta a quinta exposição industrial do Japão, não contando as innumeras exposições parciaes que se téem realisado em differentes pontos do paiz; tendo tido logar as tres primeiras em Tokyo,

respectivamente em 1877, em 1881 e em 1890, e a quarta em Kyoto, em 1895, a qual o auctor d'estas linhas teve a fortuna de visitar. Em todas ellas, comparadas com as anteriores, se foram successivamente registrando notaveis progressos, no que respeita á disposição dos productos e sua qualidade; e esta quinta exposição, sem duvida alguma a mais grandiosa de todas, offerece ainda a novidade de apresentar um recinto de amostras estrangeiras, destinadas á comparação dos productos estrangeiros com os seus similares de proveniencia indigena e a promoverem a expansão do trafego entre este imperio e os differentes paizes do mundo civilisado.

Tokyo, a moderna e imponente capital do Japão, havia já tido tres exposições industriaes successivas, dentro da sua circumscripção. Seguiu-se-lhe Kyoto, a antiga capital dos soberanos, a cidade por excellencia artistica e a que mais invoca, pelos seus maravilhosos templos, palacios, castellos e jardins, os passados tempos da grandeza feudal. Osaka, o primeiro centro industrial do Japão de hoje, fóco das maiores prosperidades filhas da iniciativa moderna, tinha, pois, bastante jús agora, que se tratava de levar a effeito uma quinta exposição industrial, a que o seu sólo fosse escolhido para este novo certamen; e conseguiu tal honra, posto que

vivamente disputada, pois a gente de Tokyo ainda queria para si esta quinta exposição.

Osaka, como acabo de dizer, é a primeira cidade industrial do Japão, a Manchester japoneza, como lhe chamam os naturaes. A sua população, ha pouco de 922:000 habitantes, e agora certamente muito superior a tal cifra, entrega-se a uma labuta incessante de variadissimos ramos de trabalho, constituindo o centro de actividades indigenas mais digno da observação do viajante extrangeiro. Uma população tão laboriosa é naturalmente abastada; o que, dada a feição jovial e dissipadora dos japonezes, é bastante para se poder concluir, e não se erra, que Osaka é a cidade nipponica mais alegre, mais attrahente em diversões, resultando-lhe d'isto um outro aspecto, igualmente interessante para o *touriste* que por primeira vez relanceia este paiz. Mas não pára aqui: Osaka, pelos melhoramentos do seu porto, de que me occuparei em outra carta, tende a progredir incessantemente e a passos gigantescos: e dentro em pouco não será apenas um centro importantissimo do Japão, nem do Extremo-Oriente, mas um emporio formidavel de energias, de commercio, de riquezas, emmoldurado na mais emocionante apparencia de luxo exotico e delicado. Bem merece, pois, a sua Exposição, que é, nem

mais nem menos, a eloquentissima apotheose de todos os esforços, officiaes e particulares, da nação japoneza, na senda dos progressos modernos.

A abertura da Exposição effectuou-se no dia 1, ás 10 horas da manhã, sem grandes formalidades, por estar de luto a côrte, pela morte do principe Komatsu, e porque todas as formalidades se reservam para o dia da inauguração solemne, em principios de abril, a qual será honrada com a visita do imperador. Em presença de um grande numero de circumstantes, pela maioria expositores, nacionaes e estrangeiros, reunidos n'uma vasta sala, compareceu o ministro do commercio e agricultura, barão Hirata, o qual pronunciou em japonez um breve discurso allusivo ao grande emprehendimento civilisador que se commemorava. Entre os presentes estava o consul portuguez em Kobe e Osaka, Wenceslau de Moraes, representante official dos expositores portuguezes, e o snr. Wolst, substituindo o snr. Van Nierop, considerado negociante hollandez em Kobe, agora ausente do paiz, e que é o agente commercial no Japão de tres expositores portuguezes já citados n'estas correspondencias.

Em seguida ao discurso, o barão Hirata e todos os assistentes percorreram em rapida vi-

sita as diversas secções da Exposição; e, terminada ella, foram offerecidos a cada convidado um plano do recinto e uma caixinha com bòlos. Foi depois inaugurado o aquario do porto de Sakai, a curta distancia de Osaka.

Esta primeira visita á Exposição de Osaka não permittiu fixar minudencias, deixando apenas impressões muito geraes; reservo-me para aqui apresentar mais tarde um estudo sufficientemente rigoroso. O conjunto é magnifico, denotando um delicado gòsto em todas as disposições. Subindo a uma ligeira encosta, onde está construido o edificio das Bellas-Artes, disfructa-se um espectaculo delicioso, abrangendo *a vol d'oiseau* todas as secções de productos, os jardins, os lagos, os mil elegantes kiosques dispersos.

Ha ainda muito que fazer, para ficarem concluidos os trabalhos; pensa-se que só em abril a exposição poderá ser contemplada em todo o seu primor Em todo o caso, as salas de productos indigenas estão quasi em ordem, offerecendo um delicioso aspecto. A exposição de bellas-artes está completa. O edificio de amostras estrangeiras é que se encontra em maior atrazo; raras são as vitrinas concluidas; as nossas, como muitas outras, estavam-se construindo então. O que se póde desde já assegu-

rar, é que a Exposição industrial de Osaka constituirá uma verdadeira apotheose das maravilhosas iniciativas industriaes do povo japonez, sendo ao mesmo tempo um magnifico campo de estudo para todos aquelles que se interessem pelas producções e commercio do Japão e se empenhem em participar no grande trafego que já hoje se exerce n'este imperio, susceptivel de subir a muito maiores proporções.

Ao meio dia abria-se ao publico o monumental portal da entrada; mais de 35:000 pessoas invadiam o recinto, abrilhantando o aspecto do scenario pelos risos, pelos applausos, pelos variados matizes dos vestidos, primorosos, sobretudo, no traje habitual das raparigas. A inauguração da exposição de Osaka entrava na ordem dos factos consumados.

Duas palavras mais a respeito da Exposição. Se os commerciantes portuguezes ainda não se decidiram a enviar a este brilhantissimo certamen industrial um delegado seu, observo que ainda será agora tempo de fazel-o; a Exposição de Osaka encerra-se em fins de julho. Convençam-se os que desejam sériamente entrar em relações mercantís com o Japão, de que todas as informações que possam colher dos seus correspondentes aqui não bastarão. São tão variados os productos do paiz, tão diversos igualmente

os que importa, e tão estranho para nós o meio, que só os olhos e uma justa apreciação de quem é entendido em cousas de commercio, poderão orientar satisfactoriamente os emprehendedores.

A Exposição de Osaka offerece uma opportunidade unica para que de tal visita se colham os melhores resultados; devendo acrescentar-se, o que não é positivamente banal, que ella proporcionará aos seus visitantes o mais maravilhoso quadro da vida e dos aspectos d'este interessantissimo Extremo-Oriente.

— Parece que o nosso sal, não refinado, poderia constituir um importante ramo de commercio com o Japão. Assim me informa pessoa entendida no assumpto, acrescentando que algum sal portuguez já aqui tem chegado, mas por intermedio de firmas allemãs. Estude-se isto.

XXII

8 de abril de 1903

A Exposição de Osaka — Os productos portuguezes — Os que melhor collocação pódem ter n'este Mercado — Movimento de visitantes — A proxima revista naval — Inauguração solemne da Exposição.

A exposição industrial de Osaka continúa sendo o acontecimento capital, occupando diariamente a imprensa japoneza e a attenção do publico.

Diga-se, antes de tudo, que a Exposição, aberta ha mais de um mez, póde já hoje ser julgada; e deve confessar-se que é, sem duvida alguma, magnifica, recompensando largamente todos os esforços empregados e pondo em evidencia, pela maneira mais brilhante, perante nacionaes e estrangeiros, o grandioso e rapido desenvolvimento a que chegou este imperio.

Vou hoje encetar uma difficil tarefa, tentando dar uma ideia aos leitores do *Commercio do Porto* do que seja a Exposição industrial de Osaka, a qual occupa, no extremo sul da cidade, um espaço total de cerca de um terço de kilometro quadrado, não comprehendendo o aquario, que foi estabelecido no porto de Sakai, a curta distancia de Osaka.

Vencendo o grande portal da entrada, ficanos á direita o edificio da agricultura (19:890 metros quadrados), e á esquerda o da industria (20:750 metros quadrados), seguindo-se depois outros de menor vulto, de modo a formarem duas linhas parallelas de construcções, separadas por uma amplissima avenida central, ajardinada; esta avenida termina no extremo opposto pelo palacio das Bellas-Artes, assente sobre uma ligeira elevação do terreno, d'onde se disfructa uma vista geral de todo o recinto, deliciosa.

Além dos edificios citados, notam-se, entre os mais importantes, o da educação, dos pastores, das machinas, dos meios de transporte, pavilhão de amostras estrangeiras, pavilhão da ilha Formosa, *ménagerie*, estufas, jardim botanico, e outros. São sem conta, espalhados por diversos sitios e concorrendo gentilmente para o brilho geral os kiosques, os pequeninos poisos, uns de puro estylo japonez, outros em estylo europeu,

os quaes são restaurantes, casas de chá, casas de leitura, vendas de cerveja, de jornaes, etc.

Fóra dos limites da Exposição ha, por assim dizer, uma segunda exposição, de quasi igual grandeza: é a dos bazares, divididos por districtos, e onde o visitante póde comprar tudo que lhe appetecer, dos innumeros productos expostos das mil e mil industrias do paiz. Aos bazares seguem-se outros restaurantes e theatros populares e uma infinidade de poisos de descanso e de prazer, frequentados, dia e noute, por uma multidão immensa. Este bairro, que era até ha pouco pobrissimo e quasi infecto, transformou-se por encanto e ornou-se de mil galas. O seu aspecto ultra-exotico, animado pela polychromia dos vestidos dos que passam, pelas bandeiras desfraldadas, pelo ruido das risadas, dos pregões, das musicas em festa, do rodar dos carrinhos puxados por um homem, é surprehendente e indescriptivel. O Japão inteiro invade as ruas de Osaka; e, no meio d'este cardume humano, encontra-se aqui e ali um ou outro loiro, — um viajante americano ou europeu, — grandes olhos esbogalhados, labios entre-abertos em sorriso e admiração, pasmando em frente do quadro phantasmagorico que a vista relanceia. Hei-de ter ensejo, presumo, de referir-me ainda com mais minuciosidade a cada uma das secções da

exposição de Osaka. Hoje, porém, por um capricho perdoavel, salto por toda esta magnifica profusão de artefactos indigenas, todos tão dignos de interesse, muitos de tão proveitoso ensinamento, e, entrando no pavilhão de amostras estrangeiras, fixo particularmente a minha attenção n'uma modesta vitrina encimada por duas bandeiras nacionaes, que como que traduzem um gracioso desejo, de inalteravel amizade e de futura communhão de interesses, — a bandeira portugueza e a bandeira japoneza. — E' a secção de Portugal.

Modesta, disse, e assim é, comparando-a com alguns luxuosos mostruarios das grandes industrias europeas e americanas; mas a vitrina portugueza é ampla e muito elegante, offerecendo á inspecção dos visitantes as suas largas vidraças guarnecidas de frisos de madeira escura e tendo as faces lateraes artisticamente decoradas com pranchas de cortiça e rolhas; ao lado da vitrina, algumas magnificas photographias, referentes ás industrias do vinho e da cortiça, despertam a attenção dos transeuntes.

São expositoras n'esta vitrina as tres casas do Porto — Menéres & C.ª, Lopes, Coelho Dias & C.ª, e Clemente Menéres. Ao centro, em vistosas pyramides, vêem-se as amostras das excel-tes conservas alimenticias da segunda das casas

citadas, em numero de mais de cem latas. A um dos lados estão as cortiças e rolhas da terceira casa; no lado opposto, os azeites e vinhos de Menéres & C.ª, alinhando-se garrafas de vinho verde, «Victoria», «Condecorado», Madeira e Clarete. O effeito geral d'este mostruario é excellente; a vitrina portugueza não só não envergonha o nome do nosso paiz, mas até o recommenda, sendo dignos do maior elogio os negociantes que indiquei, pelos esforços que empregaram, hoje coroados de melhor exito, para que Portugal figurasse ao lado das outras nações europeas n'este brilhante certamen, que é a Exposição industrial de Osaka.

A Companhia Vinicola do Porto tambem expõe, n'uma outra vitrina, algumas das marcas dos seus conceituados vinhos; reservo-me para mais tarde, quando estejam reunidas outras amostras que ainda se esperam, dos vinhos d'esta Companhia, para uma referencia mais minuciosa.

Convém, mais uma vez, lembrar que as cortiças e rolhas, vinhos e conservas são dos productos portuguezes que mais devem ser favorecidos nos mercados do Japão, não fallando agora nos nossos artigos coloniaes. Alguns dos vinhos em vista na Exposição encontram-se actualmente á venda em Kobe, expediente que me parece muito acertado; pena é que não procedessem da mesma

fórma os outros expositores. A cortiça portugueza, em bruto e em obra, póde constituir aqui um importante ramo de commercio, como já tenho insistentemente indicado n'este logar. As conservas, especialisando sardinhas e fructas, poderão igualmente ser bem acolhidas no mercado japonez.

— Eis alguns curiosos dados estatisticos com referencia ao movimento de visitantes na cidade de Osaka.

Desde o 1.º de março, dia em que foi aberta a Exposição, até ao fim do mez, notaram-se 74:063 entradas no recinto da Exposição, o que dá uma média diaria de 23:905 visitantes. No dia 30 de março, o numero de viajantes chegados a Osaka pelas diversas linhas de caminho de ferro foi de 71:247, mais 51:158 do que em igual dia no anno anterior.

Os viajantes estrangeiros, que téem estacionado em Kobe e em Osaka, attrahidos pela exposição, são em grande numero; e maior affluencia se espera durante o mez de abril e seguintes, por ser a quadra mais agradavel e consequentemente mais convidativa.

— N'esta época de festas e de demonstrações brilhantes, que o Japão está offerecendo a nacionaes e estrangeiros, um dos mais notaveis espectaculos, sem duvida, será a grande revista

naval da esquadra japoneza, a qual se realisará na magnifica rada de Kobe no dia 10 do corrente. A esquadra tem andado em manobras no alto mar; terminadas ellas, reune-se em toda a sua força no ponto que acabo de indicar.

O imperador embarcará, na manhã de 10, no couraçado «Assama», passando então revista á esquadra, seguido dos avisos «Miyako» e «Chiwaya», cruzador «Kongo», e *destroyer* «Iugiri». Os navios que compõem a esquadra, serão os seguintes: couraçados «Mikasa», «Hatsuse», «Shikishima», «Asahi», «Fuji» e «Yashima»; cruzadores «Tokiwa», «Iwate», «Izumo», «Yakumo», «Azuma», «Kasagi», «Chitose», «Takasago», «Yoshino», «Naniwa», «Takachiho», «Akitsushima», «Suma», «Akashi», «Chinyen», «Fuso», «Izumi», «Chiyoda», «Heiyen», «Takao», «Chikushi», «Saiyen»; mais 13 *destroyers* e 23 torpedeiros. Seria inutil insistir sobre a magnificencia da scena, que porá em indiscutivel evidencia o poderio da marinha japoneza, a qual já hoje causa inveja a varias nações de primeira ordem da nossa velha Europa.

Os paizes que mantéem forças navaes no Extremo-Oriente, como os Estados-Unidos, a Inglaterra, a França, a Allemanha, a Russia, a Italia, a Austria e talvez outros, far-se-hão re-

presentar por alguns dos seus vasos de guerra n'este imponente espectaculo naval. Será para desejar que a nossa canhoneira «Diu», em estação em Macau, tambem compareça, se as exigencias do serviço colonial, que está prestando, assim lh'o permittirem. Se alguem suppõe que as diminutas proporções d'este nosso barco e o seu exiguo poder de guerra tornariam ridicula a sua presença entre tão poderosissimos navios, eu peço licença para retorquir-lhe que se engana: — todo o mundo está ao facto dos nossos recursos navaes e de todos os nossos meios de força, sendo, portanto, comica tarefa o tentar encobril-os, e a presença da bandeira portugueza nas aguas de Kobe, em occasião tão notavel, representará, sem duvida alguma, além de um acto de cortezia, um testemunho do nosso interesse pelos grandes acontecimentos, pelos progressos mundeaes, o que só póde accarretar-nos sympathias.

— Alguns dias depois da revista naval, o soberano inaugurará solemnemente a Exposição de Osaka, para o que se preparam já ruidosas manifestações de jubilo.

Contarei o que se fôr passando.

XXIII

29 de abril de 1903

A revista naval japoneza — Necessidade que tem o Japão de conservar e augmentar a sua esquadra — Inauguração da Exposição de Osaka.

O Japão continúa em festas e em manifestações grandiosas.

No dia 10, como annunciei, realisou-se, na rada do Kobe, a grande revista naval japoneza. A esquadra japoneza estava disposta em quatro columnas, na força de 7 couraçados, 21 cruzadores, 13 destroyers e 23 torpedeiros, ao todo 64 navios, sem contar o cruzador «Asama», que recebeu a seu bordo o imperador, e os avisos «Miyako» e «Chiwaya», cruzador «Kongo», destroyer «Yugiri» e transporte «Kure-maru». Os navios de guerra estrangeiros presen-

tes á revista formavam uma outra columna e eram os seguintes: couraçado inglez «Glory», cruzador inglez «Blenheim», cruzador allemão «Hansa», cruzador russo «Askold», cruzador italiano «Calabria» e cruzador francez «Pascal».

Ás 10 horas da manhã, com um excellente tempo, o «Asama», tendo o imperador a bordo, suspendeu ferro e começou a navegar, precedido pelo «Yugiri» e seguido pelo «Miyako», «Chiwava» e «Kuremaru». O «Asama» seguiu, em inspecção, ao longo das forças, passando entre a columna dos navios estrangeiros, que era a que estava mais ao mar, e a 1.ª columna dos navios japonezes, manobrando depois a passar entre a 2.ª e a 3.ª, e indo, finalmente, occupar o seu primitivo logar, a oéste da esquadra, onde fundeou.

Durante a revista, os navios déram a salva imperial, as musicas tocaram o hymno do Mikado, as guarnições soltaram os *hurrahs* do estylo — «Ho-hai! Ho-hai! Ho-hai!»

O espectaculo era então, realmente, imponentissimo, magnifico; raramente se terá visto outro igual, mesmo nos portos da Europa.

A bordo do «Asama» encontravam-se tambem os principes da familia imperial, varios altos dignitarios japonezes, os consules estrangei-

ros de Kobe, os addidos navaes das legações e mais alguns europeus e americanos, que todos tiveram a honra de ser apresentados ao soberano.

Quando terminou a revista, cerca do meio-dia, os almirantes e commandantes de todos os navios japonezes e estrangeiros dirigiram-se a bordo do « Asama », onde foi servido um banquete a cerca de quinhentos convidados.

A cidade estava em gala, ornamentada com innumeras bandeiras, arcos triumphaes e outras decorações.

A' noute, tanto a esquadra como as ruas da cidade, illuminaram esplendidamente. A concorrencia de povo era enorme, a população duplicou n'aquelle dia ; póde assegurar-se que nunca, em Kobe, se reuniu tanta gente e se fez commemoração tão brilhante e tão enthusiastica.

As forças da esquadra japoneza representavam um total de cerca de 18:000 homens, dos quaes uma grande parte desembarcou em terra á noute, para passeio, contribuindo para tornar ainda mais estranho o aspecto de Kobe, ordinariamente pacato.

— O grandioso espectaculo de forças navaes prestou-se a que alguns estrangeiros, que o presencearam, fizessem o seguinte commentario : « Para que quererão os japonezes uma tamanha marinha, tão custosa, impondo ao paiz

tão duros sacrificios, quando é certo que para defender as suas costas, já bem guarnecidas em muitos pontos com grandes fortificações, lhes bastava muito menor força naval?» A resposta a este ponto de interrogação seria cousa mui difficil, mesmo para um japonez, quanto mais para mim, que o não sou, e estou longe de perscrutar as intimas aspirações dos dirigentes d'este imperio, no que ha de profundamente mysterioso na alma japoneza, tão subtil, tão perspicaz e tão differente da nossa.

E' certo que actualmente, das grandes marinhas do mundo, a japoneza é uma d'ellas, inferior á italiana em tonelagem, mas superior em material, igual ou quasi igual á dos Estados-Unidos, o que lhe dá direito a ser considerada como a 5.ª ou 6.ª Resta vêr se quererá manter-se n'esta altura, isto é, proseguir nas construcções navaes, melhorando, augmentando, para não ser excedida; e é precisamente este ponto, a que já me referi em anteriores correspondencias, que constitue o pômo de discordia entre o governo, que quer mais navios, e a dieta, que os não quer.

Em todo o caso, e sem querer adivinhar altas intenções politicas, póde dizer-se que o Japão quer uma poderosa marinha, assim como as outras grandes potencias tambem querem para si

uma poderosa marinha. E' bem notorio que este estado agudo de megalomania, que ha annos grassa, affecta intensamente os interesses do mundo inteiro pela fórma mais deploravel, e muito seria para desejar que cessasse. Mas tem de cessar por um accordo geral — que não sei quando poderá dar-se, — e não por um acto isolado. A nação que n'este momento, de poucos escrupulos e de grandes cobiças, deliberasse o desarmamento das suas forças navaes e terrestres, — o Japão ou outra qualquer, — correria o grave risco de vêr-se do subito invadida por uma horda de estranhos, que a devorariam, como o abutre esfomeado devora a presa indefeza.

Ha mais. O Japão não carece só de impôr-se para defender o seu proprio territorio. Este paiz vivia até ha pouco isolado do mundo inteiro, e parece mesmo que vivia muito bem, dando-lhe tudo o sólo e não precisando dos estranhos. Mas bateram-lhe á porta os estrangeiros e obrigaram-no pela força a abrir os seus portos, a entrar em relações com elles e a moldar-se pela sua civilisação. Os japonezes, cujo elevado patriotismo lhes não consentia que vissem o seu paiz transformado n'uma colonia da Europa ou da America, como talvez a Europa ou a America houvessem imaginado, acceitaram a impo-

sição, civilisaram-se á nossa moda, crearam novas necessidades e tornaram-se, como era forçoso que succedesse para se manterem, um povo industrial e commercial, interessado nas grandes actividades mundeaes. Na China e na Coréa encontraram os japonezes, como era natural, os principaes consumidores dos seus novos productos, e assim augmentaram a riqueza nacional, circumstancia absolutamente necessaria á sua nova feição politica e administrativa, que o mundo civilisado lhe impozéra.

Pois, agora, toda a região oriental do continente asiatico, e especialmente a China e a Coréa, se acham ameaçadas pelas grandes potencias do Occidente, que riscam já na carta áreas da sua influencia e bem desejariam um ensejo para tudo esphacelaram em seu proveito proprio. A partilha da China e da Coréa, pelas potencias da Europa e da America, corresponderia a um córte tremendo nos privilegios commerciaes que o Japão aufere dos paizes visinhos, e por consequencia ao desmoronamento inevitavel do seu edificio economico, tão diligentemente architectado. Ao Japão assiste, pois, tambem o dever de manter forças capazes de fazerem valer os seus desejos em relação á integridade do territorio das nações asiaticas extremo-orientaes.

Do que valem, no presente tempo, a boa fé

dos contratos e as allegações politicas das grandes potencias do Occidente, teve ainda ha poucos annos o imperio japonez uma dura experiencia, quando em 1895, terminada a guerra com a China, tão gloriosa para elle, lhe ia ser cedida pelo vencido a peninsula de Liao-tung, com Porto-Arthur e Talien-wan. Em tal occasião, a Russia, obtendo o auxilio moral da França e da Allemanha, expunha ao soberano japonez a necessidade de renunciar á posse de Liao-tung, abandonando-a ao seu legitimo possuidor, no interesse da paz universal; e o soberano japonez cedeu. Mas, tres annos depois, a propria Russia, esquecendo-se *do interesse da paz universal*, forçava a China a ceder-lhe Liao-tung... *por emprestimo.*

A presente alliança entre o Japão e a Inglaterra de certo modo multiplica o poder naval do imperio japonez, tendendo a evitar novos arrojos de cobiça, no genero do que deixei indicado. Mas tal alliança não será provavelmente de longa dura; em todo o caso, não corresponde aos interesses, muito dissimilhantes e mesmo oppostos, dos dous paizes; e o Japão deve contar de futuro unicamente com a sua propria força e os seus proprios recursos na defesa dos seus direitos, em possiveis complicações que sobrevenham.

Bastariam estas ligeiras considerações para explicar o interesse do Japão em manter uma forte marinha de guerra. Mais se póde dizer, ainda, porém. Este imperio, desempenhando hoje o papel de primeira potencia do Extremo-Oriente, nutre certamente intimas esperanças de constituir-se o educador, o dirigente, dos paizes que se lhe avisinham. As nações occidentaes, animadas de justos receios, oppõem-se tenazmente á acção efficaz de uma tal influencia; mas ninguem poderá assegurar que ella se não exerça um dia, quando complicações imprevistas afastem a attenção da Europa d'esta longinqua região. Não se pense que a China seja o inimigo irreconciliavel do imperio japonez; bem pelo contrario, existem entre os dous paizes affinidades irreductiveis, de raça, de costumes e até de interesses; e nenhum povo poderia exercer, como o japonez, o seu prestigio na immensa China, educal-a, erguel-a do abatimento em que crystalisou, tornal-a forte. A China, a Coréa, o Siam e ainda outros povos, civilisados á maneira japoneza, unidos em intima alliança com o Japão, trabalhando de accordo, constituiriam um enormissimo colosso, inatacavel, que viria dar leis ao mundo, impôr por toda a parte a sua vontade, transformar inteiramente o actual equilibrio politico. Este resultado ideal, que hoje se

define vagamente pelo nome de *perigo amarello*, seria a tremenda apotheose dos incessantes esforços do povo japonez no caminho dos progressos modernos. No intimo mysterio da alma japoneza, alguma esperança deve haver na caprichosa força do destino, que poderá transformar um dia em realidade este sonho maravilhoso. Mais um motivo para que todos os sacrificios se supportem sem murmurio, quando sejam para manter um grande exercito e ostentar uma poderosa esquadra...

— No dia 20 do corrente effectuou-se, como estava determinado, a inauguração solemne da Exposição de Osaka.

N'um amplo e magestoso pavilhão, construido para tal fim e graciosamente engalanado, reuniram-se, de manhã, os principes da familia imperial, as principaes auctoridades do imperio, os expositores, o corpo diplomatico estrangeiro, os consules de Kobe e de Osaka e alguns outros europeus, ao todo cerca de 3:000 convidados. O imperador, que está residindo temporariamente em Kyoto, chegou á estação da linha ferrea em Osaka, pelas 9 horas e meia, e ao recinto da exposição ás 11 horas, dirigindo-se em seguida ao pavilhão a que me referi, e tomando logar n'um estrado reservado. O soberano lêu uma breve allocução allusiva á solemnidade, e assim termi-

nou a ceremonia, que foi muito imponente na sua simplicidade.

O aspecto de Osaka, sobretudo nas ruas por onde passavam o imperador e os convidados, era surprehendente: bandeiras, galhardetes, festões de gala, arcos de triumpho, viam-se por toda a parte. Osaka tem presentemente cerca de um milhão de habitantes, e por certo muitas dezenas de milhares de forasteiros acudiram de fóra a presencear a festa; pois toda essa gente veio para a rua, encontrando-se as longas arterias de communicação litteralmente coalhadas de povo, que apenas deixava uma estreita passagem para os vehiculos transitarem. Bellos *kimonos* domingueiros, graciosos rostos de *musumés*, abundavam. De quando em quando, rompia a multidão um regimento, ao som de cornetas mavorcias. Mas o que era realmente encantador era a interminavel linha de creanças das escolas, rapazes e raparigas, formando alas pelas ruas, offerecendo á observação do forasteiro o enlêvo da sua agradavel compostura, dos seus rostinhos sorridentes, cheios de saude, de esperanças, de alegria; estava alli o Japão moderno, a geração que dentro de vinte, de trinta annos, terá sobre si a responsabilidade da evolução social d'este bello paiz.

— A festa da inauguração solemne da Expo-

sição industrial de Osaka terminou deliciosamente por um *garden party*, offerecido pelo *maire* da cidade a mais de 3:000 convidados, japonezes e estrangeiros; as esposas dos ministros europeus compareceram a esta festa. Musicas, banquete, fogos de artificio, dansas indigenas e muita amabilidade e cortezia. Pela noute, a Exposição illuminou a luz electrica, desenhando-se nas trévas, phantasticamente, os contornos dos differentes edificios. Uma grande lampada electrica, de rotação, estendia sobre toda a cidade o seu sector irradiante, como uma aureola de triumpho d'este povo japonez, tão estranho, que em trinta annos de marcha progressiva sahiu do seu mysterio asiatico para assimilar as ultimas culminancias da civilisação occidental.

XXIV

13 de maio de 1903

Questão da Mandchuria — A Exposição de Osaka e os productos portuguezes — Illuminação eletrica em Macau.

Tem andado muito atrapalhada, n'estes ultimos dias, como é sabido, a questão da Mandchuria. Tendo chegado o limite do praso para a evacuação das tropas russas do territorio chinez, deu-se noticia de que a Russia tratava de impôr á China novas e affrontosas condições, que correspondiam praticamente á perda, para esta, da soberania de tão vasta e importante região, em proveito exclusivo do imperio moscovita. A noticia espalhou-se rapidamente, e com igual rapidez se annunciou pela imprensa que o Japão, os Estados-Unidos e a Inglaterra iam apresentar

os mais energicos protestos contra as audaciosas machinações do governo do czar, tendentes a ferir profundamente não só os interesses e os melindres da China, o que pouco pesa na balança das nações, mas os interesses commerciaes, e tambem politicos, das tres potencias citadas.

Pelo que respeita a este paiz, por alguns dias correram boatos aterradores sobre a attitude que o Japão tomaria em tão delicada crise; não faltando, por parte dos nacionaes, quem advogasse a ideia de que é agora e não mais tarde o momento de se medirem as forças entre os dous imperios, o Japão e a Russia, destinados, ao que parece, a viverem sobresaltados por continuas rivalidades. No emtanto, o governo russo acaba de publicar por toda a parte, com uns ares de sinceridade, que é licito pelo menos pôr-se em duvida, que não são verdadeiros os designios que se lhe attribuem, achando-se no firme proposito de cumprir as suas promessas, sem outras exigencias; a declaração trouxe a paz aos espiritos e tudo serenou.

Seja como fôr, e declare-se o que se declarar, é bem certo que a politica usurpadora da Russia ha-de proseguir em seus intentos e que a Mandchuria se acha fatalmente dominada pela influencia moscovita. O estupendo drama ex-

tremo-oriental está ainda no primeiro acto e assistimos apenas aos primeiros preludios.

— Continua dando assumpto a estas correspondencias a Exposição de Osaka, a qual constitue verdadeiramente um grande triumpho para a industria moderna japoneza, e cuja influencia nas actividades futuras d'este imperio se fará certamente sentir de uma maneira intensissima.

Irei dando ligeiras informações, como prometti, das differentes secções da Exposição; no emtanto, como já me referi aqui á das amostras estrangeiras, parece-me justo que, antes de tudo, exponha o que ainda tenho a dizer sobre tal assumpto.

Como já informei, os productos portuguezes expostos são vinhos e azeites, cortiça e rolhas e conservas alimenticias. Convém investigar se alguns expositores de outras nacionalidades apresentam artigos similares aos nossos, de modo a fazer-lhes concorrencia.

De amostras de vinhos e azeites ha profusão, principalmente nas *vitrinas* francezas, devendo em particular especialisar-se uma d'ellas, onde tambem se encontram muitos productos da Tunisia, que constitue, como é sabido, um protectorado da França. O estudo da producção tunesina deve merecer aos negociantes portu-

guezes o maior interesse, não só pelo que respeita o caso particular do commercio com o Japão, mas para todo o nosso commercio, em geral.

Na *vitrina* citada encontram-se bastantes amostras de vinhos, tinto, branco espumoso e licoroso, todos de proveniencia tunesina, incluindo um chamado *Port wine*, certamente destinado a entrar em competencia com o nosso vinho do Porto. A Tunisia exporta annualmente cerca de 72:000 hectolitros de vinho, cujo valor commercial, antes do embarque, varia entre 15 e 20 francos e 18 e 35 francos o hectolitro, conforme se trata de vinho tinto ou branco; o Moscatel vale entre 60 e 100 francos, e o licoroso entre 70 e 150 francos.

Na mesma *vitrina* citada encontram-se igualmente algumas amostras de azeite da Tunisia; n'este paiz, a exportação de tal artigo elevou-se em 1901 a 10.032:168 kilos.

A Tunisia tambem expõe cortiças, que me pareceram muito inferiores ás amostras portuguezas. As mattas de sobreiros da região tunisiana abrangem uma área de cerca de 82:000 hectares; a média annual de cortiça produzida eleva-se a 13:000 quintaes, mas em 1901 a producção foi de 18:000 quintaes, dos quaes 16:000 representam a exportação; n'esse

anno, o preço foi de fr. 32,85 por quintal, no logar productor; em 1902, foi de fr. 27,60.

A secção franceza e tunesina expõe tambem algumas conservas e fructas sêccas, artigo este que nós igualmente deveriamos tentar introduzir no Japão; mas com respeito a conservas, são as americanas que se apresentam mais convidativas, sobresahindo o Canadá, que expõe uma esplendida collecção de fructas em frascos, de admiravel apparencia.

Durante uma exposição qualquer de productos industriaes, é conhecida a vantagem que ha em proporcionar ao visitante facilidade de encontrar no mercado os artigos que viu nos mostruarios, e porventura lhe despertaram mais interesse.

Com os vinhos portuguezes deu-se o caso: algumas das nossas marcas encontram-se á venda em Kobe, e posso affirmar que téem procura, pois ainda ha pouco os provei n'um *garden-party*, na residencia de um estrangeiro. E' pena que não se tenha dado o mesmo com as outras amostras.

Parece-me da maior utilidade que o expositor portuguez de cortiças e rolhas envie, sem demora, para aqui, ao seu agente, uma remessa, embora pequena, dos seus artigos. O mesmo, com relação

ás conservas: remettam-se, de preferencia, fructas, sardinhas e azeitonas.

Direi agora, muito de passagem, que as restantes amostras de productos estrangeiros constituem uma importante secção, posto que muito reduzida. Citarei, de entre muitos artigos, os de tinturaria, de photographia, perfumarias, machinas diversas, bicycletas, automoveis, phonographos, microscopios, relogios e locomotivas.

A secção do Canadá é interessantissima e adornada com inexcedivel gôsto. A secção colonial neerlandeza é tambem digna de particular attenção; entre muitos artigos que expõe, encontram-se varias amostras de café, o que faz lembrar, com magua, que o café portuguez não figura na exposição, embora o districto de Timor, a curta distancia do Japão, produza excellente café.

— O recinto da Exposição de Osaka, visto de noute, é uma maravilha. Miriades de lampadas electricas definem os contornos dos edificios; das fontes jorra fogo; devido a bem combinadas projecções de luz, as estatuas de marmore, que ornamentam os lagos, tomam diversos tons, ora o verde, ora o roxo, ora o vermelho; o povo, nas suas curiosas vestes indigenas, enxameia.

O conjunto é encantador, magnifico; guarda-

se do que se viu uma impressão de sonho delirante.

No recinto da Exposição, durante a noute, duas diversões attrahem particularmente a turba. No *Palais d'Optique*, uma mulher europeia, Carmencella, exhibe uma curiosa dansa, fazendo ondular em serpentina a sua longa tunica, sobre a qual se projectam surprehendentes effeitos luminosos: o espectaculo, creio eu, é já bem conhecido dos occidentaes, mas aqui é novidade. A outra diversão é uma dansa indigena, chamada *Naniwa-odori*, a dansa de Naniwa (Naniwa é o nome archaico por que é conhecida a cidade de Osaka), e imaginada expressamente para a Exposição de Osaka.

E' sabido que dos pequenos nadas se tiram por vezes importantes consequencias: é o que se dá com *Naniwa-odori*. Descrevamos a dansa. São figurantes algumas dezenas das mais gentis dansarinas (*gueishas*) da cidade, as quaes se apresentam em ricos e graciosos trajes. A pantomima, que, diga-se de passagem, sáe muito dos moldes do puro estylo japonez, é uma interessante allegoria á moderna civilisação do Imperio. O movimento, a mimica, o scenario, são encantadores. No primeiro quadro, uma *gueisha* representa a Agricultura, uma outra a Industria, uma outra o Commercio, uma outra a

Sciencia, etc., e por ordem dos deuses começam exercendo as suas differentes tarefas. N'um outro quadro, todas ellas vestem roupas estrangeiras, excepto uma, que vem saudar as companheiras,— allusão á fraternidade estabelecida entre o Japão e os povos distantes. N'um outro quadro ainda os vestidos das *musumés* representam as bandeiras nacionaes das nações mais conhecidas: uma rapariga é a *Inglaterra*, uma outra a *França*, uma outra a *China*, e assim para as demais, devendo aqui lembrar-se que uma outra é *Portugal.*

Ora, o caso de ser uma graciosa rapariga, vestida de sêdas pompejantes, a representante de Portugal, n'esta agradavel e querida diversão da Exposição de Osaka, não é para passar despercebido. Até ha alguns annos, apenas quatro ou cinco, a bandeira portugueza era symbolo ignorado em Osaka, como em Kobe, e nunca figurava quando as outras figuravam, quando em qualquer festejo eram requeridas. Não succede agora assim. Nas solemnidades officiaes, como no banquete servido no convez do cruzador «Asama» após a revista naval, em Kobe; no pavilhão da Exposição de Osaka, onde o imperador procedeu á inauguração solemne; por estas duas occasiões, para não nomear outras, o pavilhão portuguez era visto em evidencia, ao lado dos outros pavilhões estrangeiros.

Se quizer referir-me ainda aos mais modestos adornos de iniciativa privada, bastar-me-ha dizer que a nossa bandeira não só figura no *Naniwa-odori*, mas profusamente se encontra na ornamentação dos mais modestos poisos indigenas, que enxameiam no recinto da Exposição, sendo igualmente reconhecida em todas as festas em Kobe. O facto não é positivamente chimerico: denuncía um conhecimento, uma sympathia, uma intimidade. Provém de existir um consulado portuguez em Kobe e Osaka, com um mastro e uma bandeira içada e gerido por um funccionario portuguez, que naturalmente concorre a todas as ceremonias publicas; e isto não succedia até ha pouco, andando o cargo por mãos dos consules estrangeiros, por conseguinte pouco ciosos do nosso prestigio, e mesmo algumas vezes por mãos de simples negociantes, nem sempre muito recommendaveis para a representação do seu mister. Provém tambem do commercio iniciado entre os dous paizes, — o Japão e Portugal, — commercio que se anima, que renasce, posto que por emquanto em diminutas proporções. Provém finalmente de se ter Portugal feito representar no pavilhão estrangeiro do brilhante certamen industrial de Osaka, parcamente, mas dignamente. Isto que narro, desde já agradavel ao amor proprio de todos os

portuguezes que visitem as duas cidades citadas, indica mais que o campo se aplana, se limpa de urzes damninhas, se prepara para a cultura; sendo agora o bom momento de lançar á terra a semente germinadora de intimas relações de amizade e de productivo trafego mercantil entre portuguezes e japonezes. Os esforços devem partir d'aquelles.

— Chega-nos aqui a noticia de que o Leal Senado de Macau emprehende o fazer illuminar a cidade a luz electrica, para o que já espalhou projectos de contrato pela China e Japão, e provavelmente pela metropole, e aguarda agora as propostas dos concorrentes. Alegra-me registar esta meritoria iniciativa, que tende a embellezar a nossa colonia de Macau, sensivelmente beneficiada já, a muitos respeitos, n'estes ultimos annos.

Ligo á ideia ainda maior alcance. Os chinas não se tentarão provavelmente com a empreza. Se se formar no reino uma Companhia para tal fim e venha a estabelecer-se em Macau, será motivo para felicitações, havendo muito a esperar do advento de actividades nossas, da metropole, particulares, porque de officiaes não se carece mais. Se não se formar tal Companhia, serão presumivelmente os japonezes que tomarão conta da empreza, pois no Japão já se fabrica

todo o material de electricidade, que lhes permittirá apresentarem propostas muito mais convidativas, sob o ponto de vista economico, do que quaesquer outros estranhos, por exemplo os inglezes. Do facto porvirá o irem residir na nossa colonia bastantes japonezes, o que deve promover efficazmente o estreitamento de relações entre Macau e o Japão, e é d'isto que se precisa. E' lastima recordar que, emquanto que uma importante colonia de japonezes honestos e activos, prospéra em Hong-Kong, beneficiando o paiz, em Macau apenas algumas japonezas representam a nacionalidade do imperio visinho: e não serão ellas, pobres *musumés* de contrabando, que trarão a ventura á *cidade do Santo Nome de Deus*...

E' facto, segundo me informam, que o mais acreditado jornal japonez de Kobe, o «Kobe Yushin Nippo» já se occupou largamente do assumpto, convidando os nacionaes a occuparemse da empreza.

XXV

30 de maio de 1903

Officiaes da marinha portugueza na Japão — Visitas que fizeram — A exposição de Osaka — Osaka porto franco — A questão da Mandchuria — A attitude do Japão n'esta questão — Problema complicado — Um conto allegorico japonez.

Estiveram ha poucos dias entre nós, em Yokohama, os officiaes da nossa marinha de guerra snrs. Polycarpo de Azevedo e Elysio dos Santos, o primeiro ex-commandante e o segundo ex-immediato da canhoneira «Diu», em estação em Macau; estes dous distinctos officiaes retiram para Portugal, viâ America, terminada a sua commissão de serviço. Consta-me que igualmente estiveram em Kobe e em Osaka, visitando em Kobe o muito importante estabelecimento de construcções navaes de Kawasaki,

onde agora trabalham 3:500 operarios, e em Osaka a Exposição, prestando patriotico interesse ás amostras portuguezas expostas.

Julgo poder affirmar serem estes dous officiaes os primeiros portuguezes da Europa que visitam a grande Exposição industrial japoneza, e provavelmente, pena é dizel-o, poucos mais se lhes seguirão. Ao menos irão esses dous, inteligentes, illustrados e estudiosos, levando comsigo uma agradavel e justa impressão d'este imperio: sendo para desejar que outros venham após, o que muito concorrerá para o alargamento futuro das relações entre os dous paizes.

Bastantes portuguezes de Macau, vindos d'aquella colonia e dos centros proximos, téem visitado a exposição de Osaka.

Osaka porto-franco. Parece decidido pelo governo imperial que Osaka, ou pelo menos uma determinada zona do seu porto, seja considerada isenta de direitos aduaneiros, tão depressa as grandiosas obras d'este porto fiquem concluidas, o que succederá em breve tempo. Tal medida, que tem um enorme alcance com referencia ás relações commerciaes do Japão com as nações estranhas, é de molde, quando levada a effeito, a transformar a cidade de Osaka n'um florescentissimo emporio mercantil, sem rival no Japão inteiro, impondo-se

de tal modo aos residentes estrangeiros, hoje estabelecidos em Kobe, que provavelmente terão dentro de poucos annos de ir viver para Osaka.

— Na Mandchuria estão-se certamente passando cousas mysteriosas. Não são os jornaes que poderão elucidar-nos sobre os secretos designios da politica russa, que se alastra, cobiçosa e dominadora, por toda aquella vasta região, ainda hoje nominalmente sob o dominio do imperio chinez. São até elles, os jornaes, que mais nos desnorteam, pelas suas noticias confusas, em que se trata de declarações e de contra-declarações dos diplomatas russos, e em que se apontam movimentos das tropas do czar, umas vezes interpretados como representando a evacuação definitiva das mesmas tropas do territorio chinez, como fôra antecipadamente combinado, outras vezes como novas machinações usurpadoras, tendentes a não deixarem duvida sobre a politica aggressiva da Russia.

Estão-se passando cousas mysteriosas na Manchuria, na verdade; e os boatos que chegam, vão irritando profundamente a nação japoneza, muito interessada naturalmente no assumpto.

A principio fallou-se n'uma acção de protesto collectiva de tres potencias, a Inglaterra,

os Estados Unidos e o Japão, contra os provaveis intentos absorventes do imperio russo; mas parece que a primeira, embora alliada do Japão, e a segunda, já se desinteressaram da questão, ficando em campo e isolado apenas o imperio japonez.

Parece incontestavel que a grande maioria da nação, o povo e com elle o exercito e a armada, quer fazer a guerra á Russia. Os dirigentes, mais instruidos e compenetrados da gravissima responsabilidade que pesa sobre as suas deliberações, é que não a querem. E' evidente que o Japão possue hoje forças de mar e terra de sobejo para repellir qualquer ataque que de fóra lhe viesse, da Russia por exemplo. Mas não é d'isso que se trata. A Russia, que tambem não quer a guerra, o que pretende é ir-se fixando pachorrentamente na Mandchuria e alli alastrar cada vez mais a sua influencia, já agora importantissima, até que um bello dia possa positivamente chamar sua áquella vastissima região; é isto uma questão vital para os seus grandes designios expansivos.

Se, pois, o Japão intentasse por meios bellicosos oppòr-se a tal proposito, não tinha que defender o seu territorio, mas sim que invadir o alheio, atravessar o mar e ir espalhar na propria Mandchuria ou na Siberia os seus solda-

dos, que teriam então de medir-se com os russos. Ora, é isso que seria de uma temeridade sem limites, quando é certo que o imperio moscovita já concentrou nas regiões citadas forças temiveis; e, dispondo do seu caminho de ferro trans-siberiano e de uma população enorme, se acha em condições de reforçar esses effectivos com um enxame de novos combatentes.

Assim julgada a questão, e parece que com fundamento, uma possivel guerra com a Russia seria para o imperio japonez uma calamidade de tremendas consequencias, arrastando-o a enormes despezas com que não póde, e a tristissimos desenganos politicos, e lhe imporia fatalmente um deploravel recúo na marcha triumphal das suas actividades creadoras. Cumpre-lhe, pois, ser prudente com a Russia, com a qual esteve quasi a contrahir uma alliança politica ha cerca de dous annos; mas preferiu a alliança ingleza.

Mas ser prudente corresponde pouco mais ou menos a deixar livre acção á Russia para em breve apoderar-se da Mandchuria, pouco depois da Coréa, mais tarde de outro ponto, e assim ir fechando as portas e os mercadas onde hoje o Japão encontra os melhores consumidores da sua industria, e onde poderá encontrar mais tarde, quando não russificados, elementos preciosissimos de expansão. A um tal passivis-

mo tambem os japonezes não pódem resignar-se, sob pena da propria ruina, quando hajam perdido a sua influencia preponderante, commercial e politica, nos Estados asiaticos visinhos.

O problema, como se deprehende, é dos mais complicados. O europeu imparcial não lhe adivinha uma solução qualquer satisfactoria; mas apresso-me em dizer que o europeu não é o que melhor vê n'este scenario exotico, tão differente do seu meio; e muito possivel será que tudo se harmonise, no jogo politico extremo-oriental, sem consequencias desastrosas para ninguem.

— Tratando da Mandchuria, permitta-se-me, por diversão, que termine esta carta com a traducção de um conto japonez que lhe respeita, curioso pela fórma essencialmente caracteristica da litteratura indigena e tambem pelas qualidades do povo que revela, — brio, orgulho nacional, — sem já fallar na importancia material que os japonezes votam áquella região asiatica, visinha do seu sólo.

Eis o conto.

YAMATODAMASHI

Estavam na Mandchuria o snr. Neves, o snr. Gêlo e o snr. Saraiva; e em certo dia, como era de costume, achavam-se reunidos, discutindo

estratagemas para fazerem soffrer o povo d'aquella vasta região.

Grandes oculos nos narizes, dedos aduncos voluteando em gestos, os tres compadres tinham em frente de si um mappa geographico do paiz, sobre o qual iam combinando planos de desolação e de tortura.

Eis que irrompe espavorido, ruidoso, o snr. Tufão:

— Que pressas são essas, cavalheiro? — lhe brada o snr. Neves.

— Não se perturbe, amigo: chego farto de percorrer montes e valles e de assoprar por toda a parte. Beberia um copo de agua antes de tudo, se o désse, camarada.

— Agua? — retorquiu o Neves. — E' cousa que não ha. Ignora acaso que a fizemos gelar inteiramente, nos poços, nos rios e nas nascentes?...

— Pois bem, dêem-me neve.

O snr. Neves colheu de sobre as vestes um punhado de neve, que offereceu na palma da mão ao recemvindo, e perguntou-lhe:

— Ha novidade? o seu aspecto estonteado inspira-me receios...

— Certamente que ha. Imaginem que venho de percorrer toda a Mandchuria, no meu officio de exterminio; e posso assegurar-lhes que dei-

xei prostradas sobre o sólo muitas centenas de arvores e não pequenos campos de arrozaes aniquilados...

— Aproveitou bem o tempo, como sempre, disse o Gêlo.

— Oh! não me gabe muito. Uma arvore, uma só, resistiu a todos os esforços, por mais diligencias que empreguei.

— Que nos conta? Com toda a sua valentia, tão famosa, não conseguiu deitar por terra uma arvoresinha? — atalhou o Neves com ar motejador.

O Tufão sentiu-se ferido em seus melindres; e foi com voz tremente e lagrimas nos olhos que balbuciou estas palavras:

— Assim é. Até hoje, nenhuma arvore, por mais vigorosa que parecesse, zombou do meu furor. Zombou aquella, e assim acaba de deshonrar-me para sempre...

O Neves, mais humano e arrependido da graçola, perguntou:

— Que arvore é?

— Muito estranha, nunca vista, de amplo e robusto tronco e longas ramificações de ramos e raizes...

— Conhece a especie? — atalhou o Gêlo.

— Supponho-a uma variedade do carvalho. Com elle se assimilha, mas o seu forte caule é

duro como o ferro, e cada folha da sua bella rama persistente lembra, na fórma, a bandeira do Japão.

O Gêlo enfureceu-se e bradou :

— E' vergonhoso que tal arvore prospere no nosso sólo. Juntemo-nos e vamos derribal-a !...

Todos concordam. O Tufão vai na frente, guiando os companheiros. Ao cabo de uma hora de caminho, eil-a que a todos se apresenta, no seu porte imponente e gracioso. O Tufão aponta-a com o dedo e diz baixinho :

— Cuidado, que é possante e orgulhosa...

O Saraiva, pimpão, exclama :

— Que importa ! Lembrem-se do dictado : *o grão da pimenta é muito picante, embora tão pequeno.* Pois eu sou como o grão da pimenta e nada me resiste.

Dito e feito. A um signal dado, o Saraiva acommette com uma metralha de granizo ; mas zomba a arvore do granizo, sacudindo-se, espalhando-o pelo chão. Acode o Gêlo, mas sem melhor effeito. Atacam juntos o Neves e o Tufão, mas a arvore açoita-os com a larga ramaria. Assustados por fim, os companheiros desistem da batalha e tratam de fugir. Brada-lhes então a arvore :

— Amigos ! não se espantem e não fujam. Perdôo-lhes por esta vez e aconselho-os a que

o melhor que téem a fazer é prestarem-me sincera obediencia e submetterem-se aos meus designios soberanos.

O Tufão, o Gêlo, o Neves, o Saraiva, prostraram-se aos pés da arvore; um d'elles atreveu-se a fazer-lhe esta pergunta:

— Quem sois, por piedade?...

O roble respondeu:

— Vim do Japão para a Mandchuria o anno passado; o meu nome é Yamatodamashii.

Ao ouvirem tal nome, os quatro companheiros beijaram a terra, por humildade, e exclamaram:

— Poderoso vencedor, perdoae-nos o nosso vil intento; bem sabeis que os nossos esforços reunidos em nada conseguiram molestar-vos...

E retiraram-se para as florestas visinhas, confusos, trementes de pavor.

Assim termina o conto; mas, para bem o perceber, convém elucidar que *Yamato* foi o nome primitivo que teve o imperio do Japão; *damashii* traduz-se por *espirito, cavalheirismo;* de sorte que a phrase *Yamato-damashii,* muito empregada desde remotos tempos, quer dizer *o espirito japonez, o cavalheirismo japonez.* Por

outro lado, *shii* é *carvalho*, em lingua japoneza; de sorte que *Yamatodama-shii* pode significar um carvalho, o *carvalho Yamatodama.*

Ora pois, por um jogo de sons, de palavras, muito vulgar na litteratura do Japão, o auctor d'este conto póde, como se está vendo, representar por uma arvore os nobres attributos dos nipponicos; quanto ao Gêlo, ao Saraiva, ao Neves, ao Tufão, que são os terriveis flagelos naturaes das terras de Mandchuria, tambem aqui figuram as hordas selvagens do chamado exercito chinez, e os seus mandarins, crueis, petulantes e covardes.

O conto, que é uma inteira allegoria á guerra chino-japoneza, em 1894-1895, apresenta um interessante exemplo da litteratura classica do Japão.

XXVI

11 de Junho de 1903

O Tratado luso-chinez; considerações que o mesmo suggere — Os vinhos da Companhia Vinicola — Falta de encommendas aos expositores estrangeiros — A morosidade na viagem dos artigos de importação.

Os jornaes de Portugal trouxeram-nos o texto do novo Tratado com a China, o qual foi apresentado ao Parlamento, conjuntamente com a proposta de approvação e ratificação, em 17 de abril ultimo.

Segundo me informam, a noticia foi recebida em geral com aprazimento por parte dos portuguezes aqui residentes, conhecedores — e são todos — das condições de vida de Macau.

Ha um ponto que muito surprehende ao primeiro exame: é o artigo 3.º, que estabelece

uma delegação das alfandegas chinezas no sólo portuguez. Está isto em flagrante opposição com toda a nossa politica por longos annos seguida com respeito a Macau, não se tendo esquecido ainda o triste fim do bravo governador Amaral, que pagou com a vida as suas deliberações arrojadas, uma das quaes fòra a de limpar a colonia dos esbirros aduaneiros chinezes, que alli permaneciam, com grave vexame da nossa soberania.

Notemos, porém, que os tempos mudam, que Macau se encontra hoje em condições indiscutiveis de desafogo e de independencia, e não será agora a China que ouse renovar vexações, sob pretexto do que é estipulado no artigo citado. Deve ainda considerar-se, em opposição áquelles que julguem o estabelecimento de um posto fiscal chinez no nosso territorio como pouco em harmonia com a soberania portugueza e o pundonor da nação, que nas relações entre os Estados europeus e os paizes exoticos se dão em muitos casos anomalias curiosas, legisladas e admittidas no interesse d'esses mesmos Estados, sem que suscitem commentarios desrespeitosos. Siam, a Coréa, muitos potentados africanos e outros fornecem bastantes exemplos n'este genero.

Ora, a medida a que me referi, é de inques-

tionavel interesse para a colonia de Macau, e conseguintemente para a metropole. Expliquemos o caso.

A florescentissima colonia ingleza de Hong-Kong, por exemplo, visinha de Macau, vive e prospéra pelo seu commercio, pelo seu alto commercio — devemos antes dizer — constituido pelo enorme movimento mercantil que se opéra por meio de innumeros vapores navegando entre Hong-Kong e os outros portos da China e do mundo inteiro. Ora, no que Macau nunca deve pensar, porque seria pensar no impossivel, é em fazer competencia e rivalisar com Hong-Kong. O destino que lhe está principalmente assignalado, e para tal é ainda forçoso que trabalhe muito, destino próspero e que póde trazer-nos, a todos nós, grande proveito, será o de engrandecer-se pelo pequeno commercio, commercio de cabotagem e costeiro, emprehendido por lorchas e lanchas, constituindo-se Macau um verdadeiro entreposto (já o é, mas póde ser muito maior) para a corrente mercantil dos innumeros pequenos portos dos rios e estuarios das provincias chinezas do sul. O que convém, pois, é facilitar quanto possivel a navegação das embarcações que sáiam de Macau, e é isto que o artigo 3.º do Tratado parece que realisará, permittindo que taes embarcações larguem do porto

de Macau com um destino qualquer directo, livrando-se do grave inconveniente de terem que dirigir-se primeiro a um dos portos chinezes intermedios, onde haja postos fiscaes que lhe examinem e despachem os carregamentos. A navegação para o chamado Rio de Oéste aproveita especialmente com tal arranjo, encontrando-se Macau, como porto europeu, excepcionalmente favorecido para emprehender o trafego d'aquella região.

Convém ainda fazer sentir que a nova Convenção só vem trazer-nos vantagens práticas, porque os inconvenientes, se os ha, já existem de ha muito. A Alfandega chineza já mantém um posto aduaneiro, desde annos, á entrada do porto de Macau, em sólo chinez, é verdade, mas incommodando-nos em tudo, sem nos aproveitar em nada; e a secretaria de tal posto, considerada theoricamente na Lappa, terra chineza fronteira de Macau, existe de facto em Macau, graças á benevolencia, justificada, das nossas auctoridades. O Tratado, quando seja approvado e posto em prática, vem, assim, quasi que legalisar apenas o estado de cousas actual; mas de tal legalisação tiraremos vantagens muito importantes.

Parece, pois, ser do maximo interesse para nós a approvação do Tratado. Quando elle ve-

nha a obtel-a, a missão do governador de Macau augmentará grandemente em responsabilidades, sendo-lhe imposto um novo campo de vigilancia, no que respeita a ter que sustentar as relações mais cordeaes com as auctoridades chinezas dos centros vizinhos e attender escrupulosamente a que os nossos direitos soberanos não sejam nunca menosprezados em consequencia do estabelecimento do posto chinez no nosso sólo. Mais ainda: a politica portugueza na China tem de entrar n'uma phase de novas actividades, reclamando tambem do governo central muito mais estreitas relações com o governo de Pekim do que as que existem actualmente.

Um outro grande facto que se liga com o Tratado é a concessão dada pelo governo chinez a uma companhia sino-portugueza, que emprehenda um caminho de ferro ligando Macau a Cantão. Affigura-se-me que a realisação de tal obra póde e deve abrir á colonia portugueza rasgados horizontes commerciaes, com o que ella até hoje, pondo de parte as grandezas ficticias dos velhos tempos, ainda se não regalou. Mas é forçoso que esse caminho de ferro seja sem demora levado a effeito, antes que outras emprezas similares estrangeiras realisem as suas linhas ferreas n'outras direcções, sob pena de

perder a concessão portugueza todo o alcance que d'ella é licito esperar-se.

Bem. Terá finalmente soado para Macau a hora de despertar da profunda modorra em que ha tão longos annos se encontra, votando o que lhe resta de energias, como colonia europea, a pouco mais de que simples mexericos banaes e práticas anachronicas de beaterio? Custa a crèr — tão acostumados nos achamos a essa absoluta indifferença da colonia perante as effervescentes actividades estranhas, que se estão desenvolvendo por toda a vastissima região do Extremo-Oriente... — Mas, se assim fôr, se soou agora tal hora, bem vinda seja ella!...

Macau, beneficiado pelas medidas que hoje se annunciam, póde ainda adquirir uma grande importancia, como centro mercantil, como entreposto do enxame dos pequenos portos maritimos das provincias do sul do imperio chinez. No entretanto, para que não seja uma colonia europea só no nome e na bandeira que fluctua nos seus fortes, para que as vantagens do seu trafego não beneficiem apenas chinezes, mas tambem filhos nossos, é da maxima conveniencia que os commerciantes da metropole voltem a sua attenção para este torrão asiatico e estudem todos os meios de tirar d'elle o melhor proveito. Reconhecer-se-ha então que a nossa

colonia do Extremo-Oriente, embora destinada a ser um centro do commercio costeiro, poderá ainda alargar a sua esphera de operações, sem que deva, comtudo, afagar a pretensão de ir competir com as grandes nações mercantis, que n'estas paragens exercem o seu activo trafego: no jogo de permutação de Macau, os differentes portos preponderantes da China, como Hong-Kong, Shanghae e outros, não lhe serão defezos, antes muito convirá entrar tambem em relações com elles. O mesmo deve dizer-se dos portos do Japão: Portugal póde e deve encetar o seu commercio com o Japão, devendo convir muitas vezes que o porto de Macau sirva de intermedio, de entreposto; é sob este ultimo ponto de vista que julgo me serão desculpaveis as referencias que faço n'este logar á nossa colonia asiatica, de cujas prosperidades futuras muito dependerá o objecto principal que sempre tenho tido em vista nas minhas correspondencias — o estreitamento das relações mercantis entre portuguezes e japonezes.

— Em um dos primeiros dias d'este mez começaram a ser expostos, n'uma *vitrina* especial do edificio de amostras estrangeiras da Exposição de Osaka, alguns vinhos da nossa *Companhia Vinicola do Norte de Portugal*, que tem como agente no Japão a firma *Gomes Brothers*

& C.ª, de Kobe. Mais vale tarde que nunca. Lastimando que taes vinhos só podéssem ser expostos tão tarde, felicito sinceramente a Companhia citada pelos esforços que empregou para concorrer com os seus productos a este notabilissimo certamen, honrando assim o nome portuguez n'estas remotas paragens, onde outr'ora os portuguezes desempenharam tão significativo papel.

Ficam, pois, sendo quatro as casas expositoras de Portugal, todas do Porto, que figuram na Exposição de Osaka. Oxalá seja isto o inicio de novas actividades nacionaes, tendentes a desenvolver o commercio directo de Portugal com o Japão, como se torna urgente que succeda.

— Informam-me de que aos expositores estrangeiros em Osaka não téem affluido até hoje muitas encommendas dos productos cujas amostras exhibem. Era de prevêr. Nada mais difficil do que introduzir n'um mercado qualquer artigo novo. Referindo-me ao Japão, são principalmente os proprios residentes estranhos, votados ao commercio, que se oppõem a taes innovações, que véem, por via de regra, ferir os seus interesses e os das firmas europeas e americanas que representam.

Pensem bem n'isto os commerciantes portuguezes que encetam agora o trafego com o Ja-

pão. Disponham-se com muita pachorra á lucta de competencias, contem mesmo com desillusões e contratempos; mas continuem porfiando, pois só assim, nos tempos que correm, se alcançam resultados satisfactorios em emprehendimentos mercantis.

— Consta-me que alguns artigos ultimamente importados de Portugal chegaram aqui com tres mezes e mais de viagem. Esta grande demora é consequencia inevitavel dos trasbordos que téem fatalmente de dar-se em Londres, em Marselha, em Hamburgo ou n'outros pontos; mas estude-se attentamente o assumpto, procurando investigar quaes as Companhias de navegação que, offerecendo mais vantagens, garantam ao mesmo tempo mais rapida viagem.

XXVII

30 de junho de 1903

Ainda a Exposição de Osaka: algumas referencias a seu respeito — Um artigo sensacional — Boato a proposito do assumpto anterior e chegada de um ministro moscovita.

Em uma carta anterior, apresentei ligeiras considerações a respeito da secção de amostras estrangeiras da Exposição de Osaka. Para concluir o assumpto, devo hoje referir-me ás outras differentes secções da Exposição, embora muito pelo alto, pois não cabe aqui um demorado estudo a tal respeito.

Como já tive occasião de dizer a actual Exposição de Osaka representa uma imponente affirmação dos enormes progressos, sem parallelo no mundo, que o intelligentissimo povo japonez

tem alcançado no campo prático das industrias modernas e do desenvolvimento do trabalho.

No respeitante á agricultura, dendrologia e productos aquaticos, o certamen apresenta-se magnifico, evidenciando-nos o escrupuloso desvelo que os japonezes, povo essencialmente agricultor, votam á cultura da terra e das aguas. A agricultura do Japão já pouco póde progredir, porque chegou quasi á sua perfeição, devendo accrescentar-se que, exceptuando a parte norte do paiz, todos os terrenos cultivaveis se encontram hoje escrupulosamente aproveitados.

Com respeito á industria, se considerarmos os productos luxuosos, propriamente indigenas, teremos de convencer-nos de que não avança, antes recúa. Os tempos são outros: as deliciosas preciosidades de charão, de seda, de porcellana, em cuja factura se absorviam por longos annos os grandes artistas e que eram destinadas aos principes e aos *daimios* do imperio, já hoje não encontrariam comprador: a industria japoneza popularisou-se, barateou-se, com manifesta perda dos seus esmeros, visando unicamente a ter facil procura no paiz e a prestar-se á exportação em grande escala; no entretanto, tão profundamente artistico é o sentimento japonez, que os objectos mais infimos, mais baratos, ainda conservam como que uma *marca de*

fabrica que os distingue das bugigangas banaes do mundo inteiro, um mimo de fabríco encantador. Nas industrias modernas, como tecidos de algodão, louças, vidros, construcções mechanicas, utensilios de electricidade, é que o Japão tem feito progressos enormes, e a Exposição de Osaka é uma brilhantissima prova de taes progressos.

No respeitante a machinas, tambem muito tem feito este povo. Citemos, por exemplo, as empregadas no fabrico de tecidos, as quaes ainda ha bem pouco eram todas importadas do estrangeiro; pois muitas de taes machinas são agora de fabricação indigena, não faltando na Exposição modêlos que o demonstram.

Na secção de meios de transporte encontram-se os carros e os barcos primitivos, a par das locomotivas modernas, carruagens de caminho de ferro, e varios modêlos de navios de guerra e mercantes, que foram construidos nos arsenaes navaes de Yokosuka e de Kure e nos estabelecimentos particulares de construcções navaes, dos quaes os mais notaveis são o de «Mitsui Bishi» em Nagasaki e de «Kawasaki» em Kobe.

No edificio da Educação expõem-se muitos modêlos, diagramas, desenhos, specimens, que

muito elucidam sobre os excellentes methodos de ensino escolar em prática no imperio.

No palacio das Bellas-Artes é que o visitante soffre uma verdadeira decepção.

As numerosas pinturas expostas denunciam uma preoccupação de *réclame*, de modernismo, de arremedo de arte europea, que muito as prejudicam. A pintura nacional, que é a aguarella sobre sèda, dedicada a assumptos graciosos e singelos, é encantadora de mimo e suggestão; ora, os enormes quadros da Exposição de Osaka apenas muito de longe, em geral, nos dão ideia d'esse encanto. Com respeito a esculptura, os japonezes, que são admiraveis nas miniaturas em marfim, como attestam em todos os museus as suas deliciosas *netsuké*, dão-se agora a trabalhos gigantescos, em que as figuras se apresentam em grandeza natural, ou mais do que natural, despidas de todo o enlèvo. Morreu a arte japoneza? Não o creio; mas encontra-se n'uma phase infeliz, embebida de ideias evolutivas, de imitação. Emquanto os homens se distinguirem entre si em grupos de differente sentimentalidade, de differentes aptidões estheticas, a arte não póde ser *uma*, nem sujeitar-se a regras universaes, mas sim manifestar-se segundo as qualidades sensitivas de cada um d'esses grupos, que constituem em geral as na-

ções. E' d'isto que conviria que os japonezes se compenetrassem, lembrando-se de que a sua individualidade moral é distinctissima da dos povos occidentaes, e de que a sua arte, para não cahir na vulgaridade, tem de ser *exclusivamente japoneza*, melhorando-se sem duvida pela evolução, mas seguindo sempre as tradições dos seus grandes mestres.

— Um bem conceituado jornal japonez de Tokyo, o «Niroku Shimpo», costuma publicar alguns artigos em inglez. No seu numero de 15 do corrente appareceu um d'estes artigos, «Japan's aspiration», notavel pela sua fórma bellicosa e tambem por certas considerações interessantes que apresenta, embora algumas susceptiveis de controversia; o numero referido foi enviado profusamente aos residentes europeus d'este imperio.

Falta-me espaço para reproduzir na integra o artigo; por isso me limito a transcrever d'elle algumas passagens.

O «Niroku Shimpo» refere-se primeiramente aos grandes progressos emprehendidos pelo Japão, no intuito de adquirir a civilisação occidental e alcançar um logar honroso na sociedade das nações, progressos effectuados sem luctas religiosas, nem machinações de vulgaridade ou de hypocrisia. Nega as combinações que por

vezes os estranhos téem julgado reconhecer n'este paiz, ambições de invasão e de dominação sanguinaria, e que déram motivo á expressão de *perigo amarello*, imaginada na côrte de Berlim e depois vulgarisada em toda a Europa. — «Hoje, diz o jornal citado, o imperio do Japão conta 46 milhões de habitantes, por outras palavras, contém 160 individuos por cada milha quadrada. Esta prodigiosa população cresce annualmente na proporção de 1,1 p. c., em média; dentro de 62 annos será de 90 milhões, o dòbro da actual. Pense-se n'isto. E', pois, para o Japão uma questão de necessidade que uma extensão qualquer de terra se offereça para seus filhos e para os filhos de seus filhos; a Coréa e a China, paizes visinhos, proporcionam esta vantagem e dão a solução do problema. O Japão deve desenvolver o seu trafego com estas duas nações, no intuito de melhorar as condições economicas internas, e d'ellas deve receber aquillo de que careça; em troca, transmitte-lhes as industrias modernas e as virtudes civicas da civilisação occidental, melhorando, sob a sua aza protectora, as condições de vida das populações chineza e coreana.» — O «Niroku» refere-se em seguida á politica absorvente e machiavelica da Russia na China, e em especial na Manchuria, d'onde não mostra intenções de sahir e onde alista

bandidos chinezes para promover desordens e conseguir os seus fins; descrê de qualquer acção collectiva da parte da Inglaterra, dos Estados-Unidos e do Japão, para forçarem os russos a abandonar o sólo alheio, e conclue: — «Approxima-se rapidamente o momento em que o Japão terá de representar o papel do joven David em face de Golias. Quando o proximo fresco mez de outubro haja passado, que terá succedido? Evacuação ou occupação? Paz ou guerra? Paraizo ou inferno? O futuro o dirá. Possa o auxilio do Alto, com o qual conta o joven pastor para esmagar o monstruoso gigante, nunca pender para o lado d'aquelle que, em nome da religião grega, labuta só pelo proprio proveito, mas sim para o lado d'aquelles que vivem e trabalham pelo amor da causa da Justiça, da Humanidade e da Civilisação.».

— Depois de se lêrem estas palavras, que pódem levar a acreditar-se, e em parte com razão, n'um estado de grande excitamento da opinião publica japoneza contra a politica russa na China, convém aqui referir um boato que ultimamente tem corrido, tendente a fazer suppôr que o *joven David* terá ainda que refrear os seus impetos, continuando as cousas politicas na habitual serenidade, ao menos apparente.

Chegou ha dias ao Japão, e aqui se tem

demorado por algumas semanas, depois de ter visitado a Siberia, o general Kuropatkine, ministro da guerra no imperio moscovita. A visita é um pouco estranha, na época presente; mas a quadra amena, e sobretudo a Exposição de Osaka, bastam para dar-lhe a côr, sem mais commentarios, de excursão de prazer; e ninguem póde negar ao general Kuropatkine a faculdade de querer divertir-se n'este agradavel paiz.

No entretanto, dous jornaes japonezes, dos melhor informados, attribuem muito maior alcance á visita do ministro russo; e publicam o texto de uma convenção entre os dous paizes, apresentada pelo general ao ministerio japonez, provavelmente ainda dependente de approvação definitiva. Nemhum outro jornal conhece o caso, mas alguma cousa se deve ter passado em tal sentido.

Pela supposta convenção, o governo do czar declara preparar-se para a evacuação da Mandchuria *o mais breve que lhe fôr possivel;* mas o Japão obriga-se a não levantar obstaculos a que uma força de policia permaneça no territorio, com o fim de proteger a linha ferrea russa. Não se oppõe o mesmo governo á abertura ao commercio de certos portos chinezes da Mandchuria, nem a que o Japão estabeleça em taes portos consulados seus, nem ao estabelecimento alli de

residentes japonezes debaixo de certos limites. Finalmente, o governo russo reconhece a influencia preponderante japoneza na Coréa, não apresenta objecção á construção da linha ferrea japoneza de Séul a Wiju (na fronteira chineza) e transfere o direito de que gozava, do córte de madeiras n'uma ilha coreana, ao governo do Japão.

Eis, pois, o que se diz ser a convenção apresentada em Tokyo pelo general Kuropatkine e provavelmente em via de ser approvada. E' interessante observar-se que ella não tende a modificar práticamente a politica russa na Mandchuria, apenas a reforça, pois tira ao Japão a faculdade de offerecer resistencia aos designios dominadores do governo do czar; representa, pois, uma cartada habilissima de uma diplomacia que, como é notorio, participa das subtilezas europeias e das asiaticas por affinidades intimas de raça do povo moscovita e, como tal, é famosa em supinas ardilezas.

Deduz-se, porem, da convenção uma consideração muito importante: é o reconhecimento da influencia japoneza na Coréa pela Russia, a qual reconhece a si propria, perante o Japão, a sua influencia na Mandchuria.

É n'isto, afinal, que se resume, pouco mais ou menos, a politica do grande estadista japo-

nez, marquez Ito: deixar á Russia o que quasi já é d'ella e não se lhe póde rehaver, a Mandchuria, tratar de fortalecer a influencia japoneza no desmoronado mas rico imperio coreano. É, pois, possivel que a politica japoneza passe em breve por uma grande transformação, entrando em accordo com a Russia, á qual deixará livre campo para proseguir nos seus designios sobre a China, em troco de igual liberdade no que respeita ás vistas do Japão sobre a Coréa.

Veremos.

---

*

XXVIII

23 de julho de 1903

Japão e Russia — Movimentos militares desusados — Grande problema que se levanta — A distribuição das medalhas na Exposição de Osaka — Festival no recinto da Exposição — A estação das chuvas — Inundações — Impressões agradaveis — O commercio entre Portugal e o Japão — Considerações e conselhos.

— As cousas com a Russia continuam mal, turvam-se os horizontes, sem comtudo se poder ajuizar da acção publica que o governo japonez pretende seguir. É facto que algumas medidas já se téem tomado: notam-se movimentos desusados de tropas, uma esquadra acaba de partir para o Mar do Norte.

Ha algumas semanas um grupo de conceituados professores da universidade de Tokyo

dirigiu um memorial ao governo, pedindo que sem mais delongas se resolvam as desintelligencias com a Russia pela guerra, aproveitando o momento presente como o mais asado para tal commettimento. O memorial produziu grande impressão no publico; os jornaes fallaram muito do caso, apreciando-o de diversos modos; e por ora nada mais.

É indiscutivel que, perante o desenvolvimento do imperio japonez, um grande problema se levanta, de gravissima solução, seja ella qual fôr. Vejamos. O enorme augmento gradual da população offerece-se como um facto innegavel. Tambem se não pode pôr em duvida o mui rapido progredir das forças vivas da nação, isto é, da sua industria, do seu commercio, de todas as suas actividades productoras. A um paiz em taes condições impõe-se como necessidade absoluta o alargamento das suas relações externas, a expansão pelos paizes visinhos e mesmo a annexação futura de territorios, que no caso presente devem ser os da Coréa e porventura uma parte da China.

Ora, supponhamos que o Japão opta presentemente por uma politica de paz, que se affigura a mais prudente e a mais aconselhavel. Por este simples facto, por esta simples possibilidade, o imperio dos Mikados decreta o aniquilamento

do seu proprio prestigio, levanta invenciveis barreiras a todo o seu desenvolvimento material. A Mandchuria, que é já da Russia, continuará a sel-o; a mesma sorte terão tambem a Coréa e outras zonas da China; e o imperio moscovita, forte e ameaçador, encontrar-se-ha estabelecido mesmo ás portas do Japão. Outras potencias da Europa, animadas pelo exemplo, escolherão para si outros retalhos da malfadada China. Dentro em pouco, o Japão verá toda a vastissima costa do continente visinho nas mãos de poderosas nações hostis, e fechada ao seu trafego e á sua expansão, o que equivale a suppôr-lhe uma tremendissima catastrophe economica, sem remedio possivel...

Se, pelo contrario, o Japão prefere oppòr um decidido protesto á acção dominadora da Russia, eis a guerra, a terrivel lucta sangrenta, de resultados inconcebiveis. Forçado, não só a defender o seu sólo, mas a enviar os seus soldados ao alheio e os seus navios a outros mares, que succederá a este bravo povo, sem auxilio de fóra, quando se sabe com que enormes recursos conta o imperio moscovita e de que enormes meios dispõe já para aproveital-os?

Em todo o caso, e sem querer nem de leve aqui apresentar uma opinião pessoal sobre questão tão melindrosa, o que é forçoso é fazer ple-

na justiça ao raciocinio dos professores de Tokyo. A Russia acha-se presentemente envolvida em sérios embaraços, de ordem economica e de ordem social; o seu monumental caminho de ferro trans-siberiano ainda hoje offerece deficiencias na prática, mas dentro de tres ou quatro annos taes deficiencias terão cessado de existir; a sua organisação militar e as suas fortificações na Siberia não estão ainda concluidas. Se o Japão entende pelas armas impòr á Russia moderação nos seus designios, póde ainda tental-o, mas já; dentro de poucos annos ser-lhe-ha impossivel fazel-o.

— Deixemos de parte este assumpto tenebroso e fallemos de cousas alegres; mesmo porque se me affigura ser este o melhor partido a seguir em tal materia, deixando ao tempo a missão de elucidar-nos um problema tão difficil, que mui possivelmente será resolvido sem grandes catastrophes, satisfactoriamente para o Japão, permittindo-lhe prospera continuação na brilhantissima marcha que encetou.

No dia 1 do corrente verificou-se a distribuição de medalhas e diplomas na Exposição de Osaka. A ceremonia foi simples e impressiva, presidida por sua alteza o principe Fushimi, representante do imperador, e com a assistencia do principe Kam-in, presidente da commissão or-

ganisadora da Exposição, e de outros altos personagens.

De um total de 152:564 expositores, 36:546 foram contemplados com distincções. Não sendo a Exposição uma exposição internacional, os expositores estrangeiros foram excluidos de qualquer distinção; no entretanto, aos governos que officialmente se fizeram representar no certamen, foram enviadas cartas de agradecimento. Taes governos foram o do Canadá, da China, da Coréa, das Indias-Neerlandezas e de Oregon.

Foram 24 as firmas japonezas que receberam medalhas de ouro, classificadas como se segue: 2, pelos processos seguidos no tratamento dos bichos de sêda e em dobar o fio; 1, pela sua producção de arroz; 1, de Kobe, pela exportação de chá; 1, pelos seus productos florestaes; a Companhia Mineira Mitsui, pelo seu carvão; 1, de Osaka, pelas suas amostras de minerio metalico e industria de fundição; o capitalista Sumitomo, de Osaka, pelo seu minerio de cobre; 1 firma do Hokaido, pelo seu carvão; 2 companhias de Tokyo, pelas suas amostras de minerio e fundição; 1, de Kyoto, pelos seus specimens de sêda bruta; 2, de Kyoto, pelos seus specimens de sêda e bordados; 1, do districto de Nagano, pela sua sêda bruta; a Companhia Mitsu Bishi, constructora de navios em Naga-

saki; a Companhia Kawasahi, constructora de navios em Kobe; 1 firma de Hiago, pelos seus artigos de algodão; 1, de Tokyo, pelas suas machinas electricas, de gaz e outras; 3 Companhias de caminhos de ferro; a Companhia de Navegação Nippon-Yusen-Kaisha; e ainda 1 firma de sêdas.

Foram distribuidas medalhas de prata a 102 expositores.

Na noute de 3 e em relação com a ceremonia dos premios, a municipalidade de Osaka offereceu um festival no recinto da Exposição a mais de 2:000 convidados, entre japonezes e estrangeiros.

Poderiam contar-se maravilhas d'esta brilhantissima commemoração, talvez a mais surprehendente de todas, desde a abertura do imperio ao mundo occidental. Eram illuminações, musicas, fogos de artificio, marcha de lanternas, salão de jantar, innumeros kiosques de refrescos, jogos, loterias... e a mais um bando de duzentas *gueishas* de Osaka, vestidas á moda dos bons tempos feudaes de ha trezentos annos, dansando juntas ao longo dos jardins ou volteando ao acaso como um enxame de deliciosas borboletas nocturnas. E quantos sabios naturalistas, votados á curiosa especialidade dos *lepidoptéros*, enxameavam por alli tambem,

perseguindo as travêssas, almejando por colhel-as, no louvavel interesse scientifico de enriquecerem as suas collecções...

— Como nem tudo são rosas, cabe-me aqui registrar que na primeira quinzena d'este mez declarou-se a costumada estação das chuvas, cahindo estas torrencialmente durante alguns dias e produzindo grandes estragos, principalmente no Japão central. A cidade de Kobe foi uma das que mais soffreu, ficando muitas das suas ruas n'um estado miseravel, abatendo algumas casas e perecendo varias pessoas. O districto agricola de Kansaki, visinho de Osaka, acha-se ainda transformado n'um mar, e nada ha a esperar dos seus vastos arrozaes completamente submergidos e invadidos por uma grande camada de areia. Kyoto, Otsu, Nagoya e outros pontos soffreram igualmente.

— É para mim ponto de fé que a corrente de boa vontade, por parte dos negociantes portuguezes, de estenderem o seu negocio até este longinquo imperio, se acha iniciada; demonstram-m'o os successivos pedidos que chegam aqui para a introducção dos nossos productos nos mercados japonezes. Está, pois, resolvida a parte mais difficil do problema, a qual se resumia em vencer a proverbial indifferença que a nossa gente ia manifestando por tudo que se

passava no Extremo-Oriente. Concorreram por certo para este prospero inicio a propria força das cousas e o conhecimento mais preciso que em Portugal se vai tendo do Japão, até ha pouco considerado como uma terra de chimeras, propria quando muito para deleitar phantasistas e bohemios. Possivel é tambem que estas singelas correspondencias hajam contribuido igualmente, dentro dos limites da sua modestissima acção, para o referido inicio; se assim é, bem recompensado se julga o auctor d'ellas por algumas horas de trabalho que lhes vota, revertendo então todo o merecimento á illustre redacção do *Commercio do Porto* que tão benevolentemente as acolhe e publica.

É, pois, opportuno irmos pensando agora na segunda parte do problema, difficil tambem, qual é a de se arranjarem agentes no Japão, que se occupem do nosso commercio incipiente. É difficil, porque as firmas estrangeiras, estabelecidas em Kobe ou em Yokohama, já téem os seus clientes certos, uma rède definida de transacções, e não estão dispostas geralmente a occupar-se em tentativas, que pouco lhes aproveitariam em comèço. Viesse para cá um commerciante portuguez, do reino, para aqui se estabelecer, e muito poderia fazer em tal sentido, animado pelo amor do torrão patrio, que é

no fim de contas um grande factor em taes emprezas. Mas não vem, pelo menos por agora.

Haveria um excellente meio de se adquirir aqui agencias sérias estrangeiras, á falta de melhor: seria o de os nossos negociantes enviarem temporariamente ao Japão, por dous ou tres mezes, delegados seus, que estudassem os mercados, as duas questões bem distinctas de importação e de exportação, entrando desde logo em negocios firmes com algumas firmas respeitaveis, que por esta fórma se não negariam a proteger-nos. Mas não véem tambem.

N'estas circumstancias, não me parece fóra de proposito nomear e recommendar n'este logar um negociante portuguez, filho de Macau e estabelecido em Kobe, o snr. J. L. Gil Pereira, o qual acaba de dizer-me que de muito boa vontade se prestará a servir de agente, em artigos de importação e de exportação, ás firmas portuguezas do reino. Bom será que o offerecimento seja aproveitado sem demora.

O snr. Gil Pereira, que paciente e intelligentemente tem procurado desenvolver o seu negocio e hoje occupa uma situação muito desafogada, habita em um vasto edificio de tres andares (cousa rara em Kobe), que eu tive o prazer de visitar ha pouco. O andar inferior é destinado aos escriptorios; no 2.º andar estabe-

leceu o seu gabinete de amostras e officina de amostras de trança de palha; no 3.º é a habitação particular; os armazens de deposito de mercadorias ficam a curta distancia. Confesso que me maravilhou a boa ordem que encontrei em tudo, accusando uma séria administração, muito digna de inspirar confiança aos nossos homens de commercio.

O snr. Gil Pereira brindou-me com alguns cartões com o endereço da sua firma (*Sannomija-cho 1-chome, n.º 28, Kobe, Japão*) e com uns elegantes annuncios em forma de *Kakemono*, onde se encontra uma lista dos principaes productos naturaes e manufacturados d'este paiz, muito util para consulta. Tomo a liberdade de enviar por este correio alguns dos referidos cartões e annuncios á redacção do *Commercio do Porto*, contando antecipadamente que ella se prestará a patenteal-os a todos aquelles que desejem entrar em relações mercantis com o sympathico commerciante portuguez, que acabo de apresentar aos leitores d'estas cartas. Repito: o que seria para desejar é que taes relações se iniciassem sem demora; porque... *o tempo é dinheiro*, como dizem os nossos bons amigos inglezes, profundos conhecedores em tal materia.

Aqui fica o conselho, e até outra vez.

XXIX

7 de agosto de 1903

Encerramento da Exposição de Osaka — Festa curiosa e suggestiva — Os productos portuguezes na Exposição — Um artigo a respeito d'estes productos — Considerações — Menção aos expositores portuguezes.

Acabou a Exposição de Osaka, como tudo acaba n'este mundo; acabou, como estava bem previsto, pois muito antecipadamente havia sido determinado que o dia 31 de julho marcaria o seu fim. No entretanto, o acontecimento causou tristeza e quasi surprehendeu, em geral, a todos os japonezes e residentes estrangeiros do Japão, e em particular aos que habitam em Osaka, em Kobe ou nas suas visinhanças. Tal é a força dos habitos. A gente havia-se acostumado, durante cinco mezes, ás continuas referencias da

imprensa a tal respeito, ás publicações especiaes lindamente illustradas, á extraordinaria affluencia dos forasteiros, e principalmente ao grandioso certamen, campo de interessantissimo estudo sobre as actividades productoras do paiz, e tambem agradabilissimo local para passatempo durante algumas horas ociosas, no enlevo do espectaculo festivo, animado pelo enxame humano, por este povo alegre e sem cuidados, tão sympathico nos aspectos, que se alastrava pelas differentes secções da Exposição, pelos jardins, pelos restaurantes e pelos bazares.

Faz realmente pena saber que o machado demolidor vai em breves dias reduzir a nada o que foi um recinto cheio de attractivos, embora seja forçoso confessar que a Exposição de Osaka, acabando, acabou muito a tempo e não deveria prolongar-se. A bella *Hakurankwai* (exposição) conservou por assim dizer suspensos todos os espiritos do seu prestigio; não se fallava senão na *Hakurankwai*, não se queria ir vèr senão a *Hakurankwai*, nada interessava senão a *Hakurankwai*; as occupações ordinarias da vida como que se paralysaram, soffrendo a assistencia domestica, soffrendo a industria, soffrendo o commercio, soffrendo tudo. Os inconvenientes tornaram-se sobretudo sensiveis em Osaka, augmentados com os gastos extraordinarios dos seus habi-

tantes em dar pousada e em proporcionar diversões aos amigos e conhecidos, que lhes *choviam* em casa, vindos de toda a parte do Japão. Poderia juntar ainda algumas razões secundarias, mas igualmente dignas de aprêço, que demonstrariam que a Exposição de Osaka terminou quando devia terminar; citarei apenas o facto das bellas sobrecasacas agaloadas dos guardas da mesma exposição acharem-se positivamente *no fio* após 153 dias de arduo serviço, não podendo certamente resistir a mais uma semana de exercicio...

Muitos negociantes se lamentaram de não terem auferido da Exposição de Osaka o grau de beneficios com que antecipadamente contavam. Convém dizer, porém, que uma exposição nacional não visa ao fim particular de enriquecer um certo grupo de individuos. É, antes de tudo, uma affirmação historica, perante o mundo civilisado, do desenvolvimento material de um paiz; e, debaixo d'este ponto de vista, esta, a que me refiro, nada deixou a desejar, patenteando esplendidamente, perante nacionaes e estrangeiros, os progressos florescentes, realisados n'estes ultimos annos, pelo intelligentissimo povo japonez. Vantagens de outra ordem e de caracter mais prático, como é por exemplo o alargamento do commercio, tambem resultam das exposições;

mas não se manifestam de chofre, antes se affirmam lentamente, como convém; e incontestavelmente a Exposição de Osaka deve imprimir no commercio do Japão uma muito benefica influencia, que não tardará a ser reconhecida nas estatisticas. E' tambem evidente que a secção de amostras estrangeiras, a qual constituiu uma novidade no Japão, não pouco concorrerá para o aperfeiçoamento das industrias nacionaes e desenvolvimento do commercio exterior.

A Exposição de Osaka terminou, como indiquei, no dia 31 do mez passado, verificando-se no dia 1 do presente a ceremonia do encerramento, presidida pelo ministro do commercio e com a assistencia de alguns altos personagens, consules estrangeiros de Kobe e Osaka, funccionarios superiores japonezes e outros.

— O *maire* de Osaka, que já se havia distinguido nos arranjos de uma deliciosa *garden-party* no recinto da Exposição, que havia offerecido, ha algumas semanas, a um avultado numero de japonezes e estrangeiros, organisou na noute de 1 do corrente, *em memoria* da Exposição finda, uma outra brilhantissima festa, uma *river-party*, no rio Yodo, de Osaka. O local era um vasto estrado de madeira, alongando-se no rio sobre estacadas; bandeiras, musicas, lumes electricos, renques de lanternas de

papel, fogos de artificio, abundavam e produziam um maravilhoso effeito, indiscriptivel. No rio, pairavam muitas embarcações tambem em gala, onde os convidados embarcaram e onde lhes foram servidos varios refrescos, seguindo então os barcos lentamente, atracando uns aos outros, trocando-se risos e cumprimentos.

O quadro tinha um enlêvo exotico de grande festival pagão, ao qual mais colorido davam umas 300 lindas raparigas, vestidas de graciosos *kimonos*, e que alli concorriam com a unica missão de sorrir aos hospedes, de lhes segredar amabilidades, de lhes servir fructas, que mais appeteciveis se tornavam por virem das mãos finissimas de quem vinham. Só os japonezes são capazes de organisar estas festas delicadissimas, admiraveis pelo subtil sentimento esthetico que lhes preside, pela sábia harmonia com a quadra climaterica reinante e com a paizagem natural, e pela graciosa cooperação dos encantos femininos, sem comtudo haver a registrar a mais ligeira incorrecção ou grosseria.

— O «Kobe Chronicle», o mais conceituado jornal escripto em lingua estrangeira, não só de Kobe e do Japão, mas de todo o Extremo-Oriente, tem-se occupado, n'uma série de muito interessantes artigos, dos differentes productos estrangeiros expostos na secção respectiva de

Osaka. No dia 30 de julho appareceu um d'estes artigos, intitulado «As amostras portuguezas expostas pelo snr. Ed. L. Van Nierop», o qual particularmente deve interessar-nos.

Eis a traducção do artigo.

«Encontra-se na Exposição um modesto mostruario de productos portuguezes, dos quaes o snr. Ed. L, Van Nierop, de Kobe e Yokohama, é o agente no Japão. O mostruario está exposto no edificio das amostras estrangeiras, cerca da secção de Oregon, e consiste de varios artigos, muito bem dispostos — vinhos, cortiça, rolhas, conservas e azeites. — Vèem-se alli tambem algumas photographias, representando florestas de sobreiros, etc.

«O snr. Van Nierop é agente do snr. Clemente Menéres, proprietario das vastas florestas da arvore de cortiça em Romeu e Quadraçal, na provincia de Traz-os-Montes, Portugal. Esta casa é uma das grandes firmas portuguezas productoras de cortiça, a qual é, especialmente, exportada para Inglaterra e Allemanha; ha pouco tempo, porém, alguns carregamentos téem sido enviados com bom exito para o Japão, sendo provavel que o trafego directo d'este artigo entre os dous paizes venha a desenvolver-se. A série de photographias exhibidas pelo

snr. Van Nierop explica os resultados da colheita da cortiça e manufactura de rolhas.

« A firma igualmente representa os snrs. Menéres & C.ª, do Porto, productores e exportadores de vinhos. *Sherry* (?), vinho do Porto, Madeira, são as especialidades d'esta casa.

« Uma outra firma portugueza, cujos artigos estão expostos na mesma vitrina, é a dos snrs. Lopes, Coelho Dias & C.ª, de Mattosinhos, uma casa das maiores productoras de conservas — vegetaes, fructas, peixes, carnes, etc.— Posto que principalmente destinados ao consumo local, os productos d'esta fabrica estão agora tendo uma notavel procura em muitos outros mercados.

« Como agente das casas citadas, o snr. Van Nierop apresenta um muito importante e completo mostruario.»

— Depois de transcripto o artigo do « Kobe Chronicle », parece-me virem a proposito algumas considerações sobre as vantagens que trouxeram ao nosso paiz as amostras portuguezas da Exposição de Osaka, as quaes são as que ficaram citadas e ainda as dos vinhos da Companhia Vinicola do Porto, que figuram em vitrina separada.

Algumas marcas dos vinhos indicados achamse á venda em Kobe, mas julgo que téem tido apenas uma modestissima procura. De azeites,

conservas, rolhas e cortiça, não tem havido venda, por uma razão bem convincente, que poderia figurar na velha canção philosophica do «Amigo Banana»..., porque não se encontram á venda. No emtanto, consta-me que a cortiça e rolhas despertaram, pela sua excellente qualidade, a attenção dos industriaes japonezes, alguns dos quaes, por intermedio do snr. Van Nierop, procuram já fazer chegar remessas do artigo. Mais parece que alguns portuguezes de Macau, aqui residentes, pretendem louvavelmente encommendar algumas marcas de vinhos e certas qualidades de conservas. Quanto ás differentes amostras retiradas das vitrinas, affigura-se-me que se venderão promptamente.

O que acabo de expôr, representa todavia um detalhe especial respeitante a tres ou quatro firmas e que directamente lhes interessa, pelos ganhos ou perdas que podem resultar das suas iniciativas. Os beneficios geraes, com os quaes lucra o paiz inteiro, são do mais alto alcance. Salvou-se em primeiro logar a dignidade nacional, vendo-se assim o nome portuguez briosamente representado ao lado das outras nações occidentaes, e por este facto com justo direito ás honras que lhe foram dirigidas em varias occasiões, em actos commemorativos da Exposi-

ção de Osaka. Em segundo logar, as amostras portuguezas vulgarisaram o nome do nosso paiz n'um grande centro, onde o povo em geral pouco o conhece; instruiram este povo nos productos portuguezes, naturaes e manufacturadas, de mais facil acceitação no imperio; iniciaram necessariamente uma mutua sympathia. Por todas estas razões é certo que futuras iniciativas da nossa parte, de ordem commercial ou mesmo de outra ordem, encontrarão facilidades no desempenho, o que não succederia se Portugal se tivesse evidenciado — evidencia negativa — pelo seu completo retrahimento perante tão notavel certamen de industrias, certamen que representa um dos factos mais brilhantes da moderna evolução extremo-oriental.

Voltando ainda ao caso particular das quatro firmas citadas, estou persuadido de que, se as suas iniciativas fôrem mais além, não se limitando aos mostruarios que enviaram, e pelo que já são crédoras do mais caloroso elogio, se forem mais além no seu empenho de desenvolver o commercio directo de Portugal com o Japão, hão-de ter em breve tempo a justa recompensa dos seus benemeritos esforços.

— A' ultima hora consta-me que os expositores portuguezes receberão cartas de menção

e agradecimento do commissariado imperial da Exposição de Osaka. É o mais que poderia esperar-se, porque, não tendo tido a referida Exposição um caracter internacional, os estrangeiros são excluidos de premios e outras distincções.

XXX

29 de agosto de 1903

Carta em que não se falla, por excepção, nem em vinhos, nem em conservas, nem em rolhas — As razões para isso — Carta de férias — Tudo para o campo — Porque não foi o auctor da carta — O aquario de Sakai — O que elle vale como campo de estudo e passatempo agradavel — Aquarios de gabinete — O que são aqui estes aquarios — Considerações que suggerem sobre o estudo das cousas da natureza.

Esta carta, meus caros e benevolos leitores, não fallará, por excepção, nem de vinhos, nem de conservas, nem de rolhas, (*mas sempre foi fallando*, como diria a historia das gagas que me contavam em pequeno); votará prepositadamente ao esquecimento a Exposição de Osaka, ainda ha bem pouco encerrada e de que haverá ainda muito que dizer; affectará mesmo indifferença pelo gravissimo assumpto actual, embora

merecedor de profundas considerações, qual é o das possiveis complicações politicas entre o Japão e o imperio moscovita. Esta carta, meus caros leitores, será simplesmente uma carta de *férias*, de litteratura vagabunda e incoherente, justificavel, affigura-se-me, pelas razões que resumidamenie vou expôr.

Estamos, effectivamente, em férias, como succede todos os annos n'esta quadra de calor, calor tropical a despeito da latitude, e que prostra em modòrra todo o machinismo social da nação. Estão em férias a còrte e os ministerios; os diplomatas estrangeiros, fartos das casacas e dos uniformes de gala, das reuniões do anno inteiro, vão para o campo, para Nikko ou para Miyanoshita, embora, para variarem, continuem usando a casaca, com o que muito se devem espantar os pardaes zombeteiros, as cascatas murmurantes e as florestas incultas; os consulados funccionam geralmente só durante a manhã, das 10 ás 12; os escriptorios pela mesma; o povo, emfim, indigena e não indigena, deserta como póde das cidades, nos limites dos seus haveres e seus negocios. Esta paralysia da vida, cabalmente justificada em todos os annos pela alta temperatura reinante, de pouca dura, felizmente, mais o é durante este verão, excepcionalmente quente, como o demonstra o thermo-

metro caseiro, marcando o meu, muitas vezes, 35º centigrados, e mais á sombra, o que é francamente um horror!...

Ora eu não vou para o campo, faço excepção á grande corrente de viajeiros, fico no meu nicho habitual. Isto, meus senhores, por varios motivos, sendo o primeiro o detestar cordealmente o *campo official*, consagrado pela moda, nas visinhanças da cidade e por isto offerecendo grandes commodidades, mas enfadonho pelos habitos da pragmatica que os estrangeiros alli implantaram desde alguns annos, pelo seu *tennis* que é preciso jogar, pelo seu *wisky* que é preciso beber, pelas suas damas delambidas que é preciso cortejar. O campo que eu adoro, aqui no Japão, e que me convida a longas horas de paz, durante estas calmas supremas, é o campo distante, afastado dos centros, dos caminhos de ferro, quasi inaccessivel á praga dos *touristes*; e onde, á paizagem pittoresca e agreste, á dôce frescura das ribeiras, á densa sombra das florestas, se allia o caracter hospitaleiro e respeitoso do japonez ainda não pervertido pelo contacto com os europeus, guardando todos os seus velhos costumes e todas as suas velhas usanças, e que nos chama cortezmente *danna* (meu amo) em vez de *ketojin* (o selvagem de grandes cabellos). Alli, por aquelles sitios rusticos, o raro estran-

geiro que apparece, é bemvindo e merece delicada cortezia; não em Yokohama, em Kobe e n'outros centros *civilisados*, e seus respectivos arredores, onde o estrangeiro é geralmente detestado, talvez com fundamento, pelos pequenos industriaes e pela massa do povo, e sobre o qual todos cahem, como um cardume de sanguesugas, no simples intuito de lhe sugarem os cobres.

Mas tal campo distante requer do excursionista inteira despreoccupação, longos dias de ocio e absoluto desinteresse pelo que se vai passando nos grandes centros do imperio; como não me encontro, infelizmente, n'estas favoraveis circumstancias, fico, como disse, no meu albergue habitual, em plena cidade, embora o sol dardeje desapiedadamente, o ár escasseie por estas longas ruas estreitas, onde a população se condensa. Parece-me, porém, que devo aproveitar d'estas férias geraes, que chegam a todos, tanto quanto puder; e por isto a presente carta vai em harmonia com a quadra reinante, em divagações vagabundas, sem respeito pelo leitor, que desejaria certamente encontrar aqui mais alguma cousa do que a palestra banal de um pobre diabo que abafa em calor...

— Em todo o caso, fallemos um pouco do aquario da cidade de Sakai, annexo á Exposição

de Osaka. A Exposição acabou, mas o aquario continúa, tendo sido doado á municipalidade de Sakai, que começa administrando-o e d'elle recolhendo os proventos respectivos.

N'um espaço de cerca de 60:000 jardas quadradas, cuidadosamente ajardinado, eleva-se o elegante edificio do aquario, em cujos vastos salões internos e através de grandes chapas de vidro, que substituem as paredes, se observa a interessantissima vida das aguas — do mar, e dos rios — sendo muito numerosos os exemplares de peixes, de crustaceos, de molluscos, que alli se encontram. No Japão abundam os aquarios, onde o publico concorre mediante uma infima moedita de cobre; eu conhecia já tres pelo menos, um em Tokyo, outro em Osaka, outro em Kobe: mas este de Sakai é o mais sumptuoso de todos, merecendo incontestavelmente uma minuciosa inspecção, já como campo de estudo, já como simples mas agradavel passatempo.

Ao lado do edificio principal encontram-se vastos e numerosos tanques, rasos com o sólo, contendo curiosissimas variedades de peixes de luxo, como as carpas douradas e outros generos de *cyprinus*, tão apreciados, desde remotos tempos, na China e no Japão. Ha tambem uma curiosa exposição e venda de pequenos

aquarios de gabinete, de faces rectangulares, artisticamente providos de areia e de rochedos, de plantas e de animaes aquaticos. Os garridos pousos onde se toma um resfresco ou uma refeição, servidos por gentis *musumés*; alguns jogos de innocente passatempo; a illuminação a luz electrica do aquario e jardins, durante a noute; e, a curta distancia, os naturaes encantos pittorescos da cidade, com a sua bella praia de areias louras, *Ohama*, e os sumptuosos restaurantes japonezes ha annos alli estabelecidos, eis tudo que se offerece, e não é pouco, áquelle que visita o aquario de Saka.

Ora, os japonezes, admiradores até ao fanatismo de todas as bellezas naturaes, adoram a paisagem serena das praias e o horizonte azul. Votam tambem particular amor aos bichos, aos peixes, não esquecendo os peixes de luxo, que invariavelmente se encontram nos lagosinhos mui cuidados dos seus jardins liliputianos. O pequeno aquario domestico, ordinariamente o simples globo de vidro, onde dous ou tres peixes dourados nadam em agua purissima, é artigo indispensavel no verão para o adorno de uma casa, a ponto de enxamearem pelas ruas em tal quadra os vendedores de peixes; isto, porque a subtilissima sensibilidade d'esta gente goza no espectaculo da agua e dos peixes em

immersão contínua, possuindo-se de uma noção de *frescura altruista,* que consola do proprio soffrimento...

Não deve, pois, estranhar-se, quando se saiba que o aquario de Sakai foi, tem sido e continuará a ser muito frequentado pelo povo. É tambem certo que tem concorrido muito para divulgar ainda mais os pequenos aquarios de gabinete, de secção rectangular; fabricam-se hoje excellentes em Osaka e em Yokohama, vendidos por baixo preço e muito procurados.

Tambem eu acabo de comprar um d'estes pequenos aquarios (tal é a força do exemplo!), de collocal-o no meu gabinete de trabalho, ao abrigo dos raios directos do sol, como convém, e de provêl-o de tudo que é preciso para a alegria dos meus olhos e satisfação dos seus delicados habitantes. A tarefa aqui é muito facil, pois não faltam ribeiras, riachos, poças de agua, onde se póde pescar o que se quer; e quanto me foi agradavel, mal se crê, tendo eu, em rapazola, praticado no officio, e assim revivendo agora essa vida passada, como que alliviado de uns bons trinta annos, que a mais me vão pesando!...

Enchi primeiro de agua o aquario, cuja capacidade é de uns 15 litros, quando muito. De-

pois seguiu-se a operação de cobrir o fundo com uma camada de areia, muito limpa, sobre que lancei ao acaso algumas conchas, pedacitos de coral, pequenos seixos, reimprimindo assim uma feição elegante de paizagem aquatica ao modesto recipiente referido. Juntei ainda um rochedo para completar a illusão! Pedaços de pedra-pomes, ligados entre si por meio de cimento hydraulico, prestam-se perfeitamente para o caso.

Muda-se a agua quatro ou cinco vezes, de modo a ter a certeza de que passados alguns dias a que nos vai servir, não contem em dissolução particulas nocivas. Segue-se a escolha das plantas, que se vão buscar aos charcos e ás ribeiras: umas fluctuantes, e por isso facilmente dispostas no aquario: outras que enraizam no sólo, e então se lançam amarradas por um fio a um seixosinho, o que lhes permitte depositarem-se sobre a areia, onde promptamente se fixarão. As fluctuantes são as *lentilhas de agua*, a *riccia*, a *salvinia natans*, o *myriophyllum* e ainda a *chara*. As que enraizam são a *callitriche*, a *anacharis*, a *vallisneria*, o *potamogeton*, a *selaginella* e ainda outras.

Depois de ter composto o *jardim aquatico*, vem, finalmente, a vez de povoal-o de animaes, o que se deve fazer com parcimonia, para con-

serval-os em paz e a agua em boas condições de limpidez.

Os *cyprinus* dourados e os pequeninos peixes do rio, desde que sejam de indole pacifica (ha-os ferozes, que não convém admittir), fazem excellente companhia. Juntem-se alguns molluscos — *limneas, planorbis, paludinas, physas, ancylus*, etc., — uma pequena salamandra, dous ou tres gyrinos (rã no seu primeiro estado), pódem tambem participar no grupo.

A agua do aquario não se muda: apenas se lhe vai addicionando a necessaria para compensar a falta de que se evapora. E' mesmo n'isto que differe o aquario do gabinete, de caracter scientifico do simples globo de vidro, contendo apenas alguns peixes e uma gôtta de agua. A razão é bem clara. Os peixes respiram como nós, aproveitando do ar em dissolução na agua o oxygenio e expellindo o acido carbonico. As plantas respiram ao revés, convindo-lhes o acido carbonico, ou antes o carbone, e expulsando o oxygenio. De modo que n'um aquario bem disposto, os peixes dão ás plantas o que rejeitam, e estas dão aos peixes tambem o que não querem. Quanto aos detritos — folhas mortas e outros — os molluscos se encarregam da limpeza, devorando-os. E', pois o aquario um objecto interessantissimo, offerecendo-nos a

verdadeira imagem da vida das aguas e onde animaes e plantas prosperam bellamente. Os molluscos depositam as ovas sobre as folhas, multiplicam-se; succederá o mesmo a certos peixes. Outros pequenos sères, como certos crustaceos infimos em grandeza, os infusorios, as hydras, apparecem por encanto. Outras plantas tambem se desenvolvem, como os limos. Os limos em excesso servem de pastagem aos molluscos; os infusorios de sustento aos peixes, aos quaes convém em todo o caso melhorar de quando em quando o tratamento, regalando-se com pedacitos de carne, ou mesmo pão.

Eis o aquario, funccionando por si, pois raramente os nossos cuidados directos são requeridos: exemplo frisantissimo da harmonia das leis da natureza das compensações e concessões trocadas entre os sères do equilibrio vital emfim. Um modesto aquario de gabinete, quando o seu possuidor folheie de quando em quando um manual da especialidade (ha-os excellentes em francez), e tenha ao seu alcance uma lente e um microscopio, é um objecto cheio de encantos e de surprezas, proporcionando-nos um espectaculo variadissimo, onde a vista se pousa por horas inteiras com amor; interessante para todos, mas especialmente á juventude.

Ha uns bons vinte annos, houve em Portu-

gal a mania dos aquarios. Creio que passou, como passam todas as manias. Pois é pena. O estudo das cousas da Natureza — a mãe de todos nós — é o mais proprio para desenvolver a intelligencia dos jovens, para lhes suggerir uma comprehensão sã da vida, despida de preconceitos funestos. O modesto aquario do gabinete inicia admiravelmente o amor por tal cultura; constitue quasi que um brinquedo; encaminha o espirito, pelo aprazimento, a proseguir nas investigações scientificas, a consultar de preferencia os livros serios, pondo de parte as leituras *of fictions*, que tantas vezes envenenam a sentimentalidade dos novos. E quando a educação intellectual progride a passos de gigante; não havendo hoje menino ou menina, que se prese, que não falle tres linguas pelo menos, que não saiba dançar, cantar, tocar piano, pintar e muitas coisas mais; digam-me se não é francamente deploravel que o Manoelito ou a Mariquinhas, que tão precoces se mostram em diversas prendas do espirito, nada saibam por exemplo sobre a vida dos peixes, limitando-se no assumpto a certos conhecimentos *post mortem* quando cosidos, com batatas, ou mesmo em caldeirada?...

XXXI

2 de setembro de 1903

O encerramento da Exposição de Osaka — A concorrencia de visitantes — O espirito incomparavel do saber do povo japonez — Os portuguezes que visitaram a Exposição — Visitantes e estudantes de Macau — Considerações — Jornalista portuguez no Japão — As relações politicas entre a Russia e o Japão.

Terminou a Exposição de Osaka, como dei noticia n'uma correspondencia anterior, no dia 31 de julho. Apurou-se que este interessante certamen das industrias japonezas foi extraordinariamente concorrido de visitantes, muito mais do que primeiro se calculára, pois se julgava a principio que o seu numero attingiria uns tres milhões, quando effectivamente subiu a mais de quatro. Mais se apurou que os estrangeiros que visitaram a Exposição, durante os 153 dias em que funccionou, foram 14:443 eu-

ropeus e americanos e 8:677 chinezes e coreanos, o que demonstra cabalmente o vivo interesse que os estranhos votaram a tão notavel affirmação das iniciativas d'este imperio.

Assim se conclue que não menos de uma decima parte da população total do Japão visitou o certamen. Com effeito, emquanto elle durou, affluiram a Osaka de todos os pontos do paiz, ainda os mais distantes, verdadeiros enxames de povo. Eram os bons burguezes, os negociantes, os industriaes, os militares, os estudantes das escolas, os simples aldeões, os bonzos, homens e mulheres, novos, velhos e macrobios, n'uma interessantissima promiscuidade de typos e de costumes; todos alli concorriam, cheios de patriotismo e cheios de curiosidade, a admirar os enormes progressos da mãe-patria, alcançados no campo da evolução moderna; e muitos deveriam de certo pasmar, os que ainda a conheceram, esta mãe-patria, immersa no exclusivismo asiatico, reclusa, defeza aos europeus, aos seus processos de industria, de commercio, de administração e de politica.

Precisamente, com referencia a esses pequeninos exercitos escolares, de rapazes e de raparigas, que um distincto portuguez encontrou profusamente em visita de estudo á Exposição

de Osaka, vindos das aldeias, vindos das montanhas, mas não só ali, em todos os logares de interesse, como templos, museus, fabricas, onde esse mesmo portuguez se dirigia, escrevia-me elle, já de regresso a Portugal, expressando-me a sua admiração por este povo extraordinario, que educa os seus filhos, desde a mais tenra idade, e seja qual fôr a sua condição social, estudando por seus olhos os segredos das industrias, os mysterios da sciencia e a estetica da arte. O distincto viajante concluia por duvidar que todos aquelles jovens, quando homens, com uma cultura tão desenvolvida das cousas d'este mundo, se prestassem alegremente ás humildes condições da existencia, indo ganhar o seu arroz como soldados, operarios, cavadores de enxada, varredores das ruas ou peor ainda.

São infundados, permitta-me, os receios. O povo japonez, dotado de uma frescura de espirito incomparavel, de uma curiosidade de saber excepcional, apraz-se em adquirir conhecimentos varios, sem que d'isto lhe resulte uma perniciosa vangloria. Os livros, nas escolas, ensinam-lhe muito; mas mais lhe ensinam a iniciativa propria, a experiencia das cousas, as excursões aos logares notaveis, a sciencia prática vulgarisada até aos espectaculos das barracas

de feira por todas as aldeias. Aqui não ha ignorantes. Nos paizes de analphabetos é que um qualquer, que adquiriu vernizes de cultura, se compara com a turba e se incha de estultos orgulhos. Aqui toda a gente sabe lêr e escrever. O mais obscuro japonez conhece e consulta a carta geographica do seu paiz. Os ultimos descobrimentos da acustica, da optica e de outras sciencias tornaram-se populares. Não ha criada de servir (fallo das que me téem servido), que não conheça o thermometro e não saiba registar a temperatura.

Ora poder-se-ha dizer o mesmo dos paizes occidentaes? Esses paizes são, certamente, o berço de todas as maravilhosas evoluções da sciencia e a patria de tantos grandes sabios; mas ahi a cultura do espirito é o monopolio de poucos; a massa enorme da população é crassamente ignorante.

— Quando se considera a muito notavel concorrencia de visitantes, japonezes e estranhos, que attrahiu a Osaka a recente Exposição industrial, é triste lembrar, como já se disse n'estas correspondencias, que dos 14:443 europeus ou americanos que a visitaram apenas *tres* individuos eram portuguezes da Europa. E note-se mais: d'estes tres, dous eram officiaes da armada e seguiam de Macau para o reino

via Japão e America; o terceiro, official reformado residente em Macau, veio ao Japão para tratar da sua saude. De modo que só a circumstancias fortuitas se deve o poder registar-se que tres portuguezes europeus visitaram a Exposição de Osaka; mas nem um só portuguez se animou a deixar por alguns mezes as costas de Portugal e a vir em viagem de recreio e de estudo até estas paragens do Paiz do Sol Nascente, no momento em que um notabilissimo acontecimento o tornava excepcionalmente interessante.

Isto prova especialmente duas cousas: 1.°, o proverbial desamor por longas viagens dos portuguezes de hoje, o que em parte se explica e mesmo se justifica pela amenidade do torrão patrio e conforto da vida, circusmtancias que apenas incitam a diversões sedentarias; 2.°, a quasi completa ignorancia em que se vive em Portugal com respeito ao Japão, do que resulta uma absoluta indifferença por tudo que aqui se passa, e que tanto interessa outros povos. Esta ignorancia e esta indifferença conviria que se dissipassem.

E' facto que alguns portugueses de origem asiatica, vindos de Macau, de Hong-Kong e de outros portos da China, visitaram a Exposição de Osaka, demorando-se algumas semanas no

Japão, como acontece todos os annos na primavera e no verão, quadra propicia para o gôzo de umas curtas férias, que repousam do arduo trabalho dos escriptorios. Mas ainda sobre este ponto, e referindo-me particularmente a Macau, onde ha profusão de escolas e uma associação protectora de estudantes macaenses, é licito lamentar que tal associação, por exemplo, não promovesse a vinda a este imperio e a visita á Exposição de Osaka a alguns estudantes mais distinctos, como premio da sua applicação e incentivo a maiores vôos. Quando se pensa n'esses moços de Macau, sobretudo nos menos protegidos de fortuna, e que por isto permanecem durante longos annos, ou mesmo toda a vida, no exiguo torrão patrio; aos quaes se impõe uma vasta erudição escolar, nas aulas primarias, no lyceu, no seminario, sem fallar n'outros tabernaculos de sciencia; faz realmente pena pensar n'essa pobre mocidade condemnada a uma existencia quasi de encerro, limitada ás estreitas barreiras da colonia, conhecendo dos aspectos mundeaes apenas o seu lar, os utensilios domesticos, a fria paizagem que espreita pela janella e... o gato do visinho. Sabe muito, os livros ensinaram-lhe muita cousa; mas nunca viu um trem de caminho de ferro, nem um regimento de artilheria, nem uma fabrica moderna, nunca

visitou um jardim zoologico, nem uma exposição industrial, nem um museu de arte, nunca abrangeu com o olhar a paizagem grandiosa de um grande paiz coberto de rica vegetação e palpitante de actividades productivas. N'estas condições, tanta sciencia é, na grande maioria dos casos, mais do que inutil — é perniciosa.

— Chegou ha poucos dias a Kobe, seguindo horas depois para Yokohama, onde se encontra, o jornalista portuguez snr. L. de Mendonça e Costa, director da «Gazeta dos Caminhos de Ferro», de Lisboa.

Este senhor, acompanhado de sua esposa, seguiu de Portugal pela via terrestre, aproveitando o novo caminho de ferro russo trans-siberiano, que o trouxe até ao Extremo-Oriente, onde acaba de visitar alguns portos da costa da China, internando-se depois até Pekin, passando a Changae e embarcando alli no magnifico vapor «Hong Kong Maru», que o conduziu ao Japão; d'este imperio regressará brevemente ao reino, seguindo pela mesma via trans-siberiana. Vem em viagem de prazer e de estudo.

Viagem de prazer e de estudo! Apesar do muito respeito e da muita estima que me inspira o sympathico portuguez, não posso esquivar-me de rir a bandeiras despregadas n'este ponto da minha noticia, estado hilariante que

traduzo, com a devida venia, com tres pontos de admiração e as competentes reticencias, que aqui pespego sem a menor ceremonia!!!... Mas então o snr. Mendonça e Costa é o primeiro portuguez que pratica tal arrojo! Desde Fernão Mendes Pinto, desde os missionarios que acompanharam e seguiram o dòce Xavier, até hoje, não consta que um só filho dos lusos viesse de proposito recrear-se a este paiz. Ha mais de trezentos annos, era a obra religiosa ou a obra mercantil, ou ambas conjugadas, que attrahiam ao Japão bastante gente nossa. Depois fechou o Japão as suas portas. Modernamente, como Macau fica pertinho, aqui chega mui raramente alguma canhoneira em serviço na estação de Macau; aqui passam, aqui véem de quando em quando os filhos de Macau e um ou outro funccionario europeu de tal colonia; possivel é até que um ou dous empregados consulares tenham vindo directamente de Portugal até aqui... Mas arranjar um sujeito as suas malas lá no reino, dizer aos amigos no «Martinho»: — «Adeus, vou ao Japão distrahir-me e volto em breve...» — isto é que nunca succedera, desde que o mundo é mundo, antes do snr. Mendonça e Costa.

Pois muito bem. Veio este senhor um pouco tardinho, pois passa sem vêr a Exposição; mas

em todo o caso muito a tempo para gozar dos primores d'estas paizagens e do gracioso exotismo d'esta gente. O snr. Mendonça e Costa não deixará por certo de publicar no importante jornal que dirige, ou n'outro, as suas notas de viagem. Fará sentir como actualmente, graças ao trem trans-siberiano, a vinda ao paiz japonez deixou de ser uma viagem para se tornar n'uma simples excursão, com notavel economia de tempo, de dinheiro e de transtornos. Seja isso o incentivo para animar curiosidades latentes e iniciar uma corrente de visitantes portuguezes ao interessantissimo *Dai-Nippon*, e a viagem, ou antes a excursão do sr. Mendonça e Costa, além do aprazimento pessoal, que julgo certo, terá um alcance muito mais amplo, com que muito poderá lucrar o paiz, pelo que desde já felicito cordealmente o distincto viajante, *a portuguese traveller*, como lhe chamou ha dias um jornal inglez de Kobe.

XXXII

24 de setembro de 1903

Inicio de exportação de artigos portuguezes para o Japão — Os charões, as sedas, as porcelanas e as quinquilherias japonezas — Observações a proposito da sua importação directa em Portugal — Cruzada que se deve emprehender — A minha insistencia em ser enviado ao Japão um delegado dos negociantes portuguezes a fim de percorrer as fabricas e os bazares e estudar os mercados. — As relações entre a Russia e o Japão — Haverá guerra? — A opinião dos observadores mais sensatos — O perigo amarello e o perigo russo.

Embora ultimamente se haja manifestado um ligeiro inicio de exportação de artigos portuguezes para o Japão, como o demonstram não só os mostruarios portuguezes exhibidos na Exposição de Osaka, mas tambem algumas modestas remessas de vinhos aqui recebidas do nosso paiz

para venda, é curioso registar que nenhuns esforços téem sido simultaneamente empregados para introduzir em Portugal os artigos da industria japoneza. E' certo que varias amostras de artigos japonezes foram expedidas n'estes ultimos tempos para Lisboa e Porto; mas é tambem certo, segundo me affirmam, que não mereceram o apreço dos nossos commerciantes, os quaes se abstiveram de fazer a minima encommenda.

Diga-se antes de tudo que não é admissivel que a industria japoneza, nos seus charões, nas suas sedas, nas suas porcelanas, nos seus bronzes, nas suas quinquilherias, não agrade. Agrada em toda a parte, na America, na Australia, na Inglaterra, na França, na Allemanha, e não é possivel admittir — não é assim? — uma depravação de gôsto excepcional na nossa gente. Poderia ainda dizer-se que estes artigos japonezes, muitos de luxo, e cujos preços chegariam enormemente sobrecarregados com os direitos das alfandegas portuguezas, não são vendaveis n'um meio pobre, de funccionarios e proletarios vivendo existencia mesquinha; mas o argumento não serve: nem o nosso meio é tão mesquinho que exclua taes regalos, como o provam as innumeras casas de novidades e de objectos de

luxo, que abundam nas nossas cidades principaes.

Os artigos da industria japoneza não são absolutamente desconhecidos em Portugal: algumas quinquilherias véem da França, alguns leques véem da Hespanha, mui certamente encarecidos pela maneira indirecta de importal-os; um ou outro negociante, assuguram-me, importa mesmo taes artigos, em quantidade infima, e de *qualidade idem,* directamente do Japão. Mas tudo isso não passa de méros ensaios, de pequeninos monopolios, nos quaes se faz pagar a raridade pelos exaggeradissimos preços por que tudo isso é posto á venda.

O que é preciso é acabar com esses arremedos de monopolios, popularisar, variar e baratear o artigo. O que, de industria japoneza, hoje se vende em Portugal, póde começar a vender-se por menos de metade do seu preço actual; e uma infinidade de outros artigos da mesma procedencia, até agora desconhecidos no nosso paiz, póde um momento para o outro invadir o nosso mercado a preços baixos. Emprehenda-se esta cruzada, cultive-se o gôsto do publico e façam-no habituar a este genero de industria, tenha-se um pouco de paciencia; estou convencido de que o negociante que se dedique a similhante trafego, póde contar com larga remuneração do seu

trabalho e terá realisado um grande beneficio para o seu paiz.

E' especialmente para este commercio da importação em Portugal dos artigos da industria japoneza que a visita ao Japão de algum delegado dos nossos negociantes se torna urgente, delegado que estude os mercados, percorra as fabricas e os bazares e adquira agentes; uma curta demora de dous ou tres mezes produzirá melhor resultado que longos annos de aturada correspondencia, julgando as producções pelas escassas amostras que possam ser enviadas ao nosso paiz. E' sobre tal ponto que eu tenho insistido n'estas correspondencias, lembrando em tempo opportuno que a Exposição de Osaka, agora encerrada, offerecia magnifico e excepcional ensejo para o estudo de todas as producções industriaes do imperio, reunidas n'um limitado espaço. Ora á Exposição de Osaka, onde concorreram negociantes do mundo inteiro, nem um só delegado dos commerciantes portuguezes appareceu. Por motivo de tão lamentavel indifferença, foi-se embora tal ensejo. No entretanto, para o fim especial que devemos ter em vista, nada está perdido; antes se poderá dizer, pondo de parte a circumstancia dos attractivos que a cidade de Osaka offerecia aos estrangeiros durante o seu monumental certamen, que mais

vale talvez que tal visita tenha logar n'uma quadra normal do paiz, sem festas, que desviam a attenção do estudioso, que o fatigam, que tornam a existencia mais cara. Mesmo sem exposição, os centros de Osaka, Kobe, Kyoto, Nagoya, Yokohama e mais algum outro, offerecem ao viajante portuguez que aqui venha, sobejos specimens do que a industria japoneza produz de mais apreciavel nos mercados europeus.

Venha, pois, alguem da nossa terra a este paiz, no intuito de estreitar relações de negocio; venha dentro de dous mezes, dentro de quatro, dentro de seis, mas venha; o indifferentismo em tal assumpto, tratando-se de um paiz florescente como é o Japão, que de dia para dia mais desperta o interesse dos commerciantes de toda a Europa e de toda a America, sem já fallar na Asia, e tratando-se por outro lado de um paiz como o nosso, precisando a todo o transe de participar na existencia activa em que collaboram todas as nações ciosas da propria grandeza, é altamente ridiculo, é altamente condemnavel, é altamente prejudicial. E até então, emquanto que o primeiro emprehendedor se não resolve a pôr na mala seis camisas de reserva e a abalar para este imperio, persista-se em tentar introduzir nas nossas principaes cidades algumas amostras dos productos japonezes, embora em

pequena escala, mas que servirão a despertar a attenção do publico e a animar as casas de negocio a mais vastos emprehendimentos. E trate-se, sobretudo, de resolver o seguinte problema: o snr. *Fulano* tem, por exemplo, 20 leques japonezes no seu estabelecimento do Chiado, os quaes classifica *artigo raro* e vende com um lucro de 300 p. c. (não se riam, a cousa é tal e qual); pois cuide-se de adquirir 20:000 dos mesmos leques, ou melhores, que passem a ser *vulgaridade* e se vendam com ganho de 10 p. c; é isto que convém.

— Nada se póde avançar com respeito ás relações actuaes e proximamente futuras entre o Japão e a Russia. Proseguem certamente em S. Petersburgo as negociações diplomaticas, tendentes a acharem uma solução pacifica á questão da Mandchuria e outras, no que n'ellas affecta os interesses japonezes, devendo suppôr-se que attinjam um bom resultado.

Aqui sabe-se apenas que os russos continuam impondo á China convenções sobre convenções, que os pobres chinezes mal sabem como acceitar; e deve ter-se por certissimo que a evacuação das tropas russas do territorio chinez, promettida para o começo do proximo mez de outubro, não se realisará. Na Coréa tambem os russos continuam intrigando e fugindo á boa-fé

dos Tratados. Por tudo isto a opinião publica no Japão acha-se justamente excitada, evidenciando-se cada vez mais um forte partido que opta pela guerra.

O governo japonez prepara-se para qualquer contingencia, e sabe-se que as tropas e a marinha se encontram presentemente em desusada actividade. Os russos, por seu lado, parece terem já reunidos nos seus portos militares uma respeitavel esquadra e espalhado pelo sólo que occupam, seu e de outros, uma enorme legião de soldados.

No entretanto, segundo a opinião dos observadores mais sensatos e mais imparciaes, a guerra não se fará. Os japonezes, ou antes os dirigentes japonezes, finamente perspicazes, devem ter uma noção segura da situação delicadissima em que o imperio se acha. Embora a justiça da causa penda para o seu lado, embora se apresente antipathica para muita gente a desmedida e ambiciosa arrogancia do colosso moscovita, contra a onda invasora e dominadora dos russos, protegidos pelo melhor argumento do direito das gentes hoje em moda — o da força — é que não ha que luctar.

Guerra? E que lucrariam n'este momento os japonezes com ella? Imaginemos que, após uma longa e sangrenta campanha, venciam final-

mente os japonezes, mercê não do numero dos seus soldados, mas da sua maravilhosa organisação, do seu enorme valor, e do seu enorme patriotismo, sem parallelo no mundo. Imaginemos, pois, que eram elles os vencedores, embora já custe muito a admittir a hypothese. Que fariam depois? E' evidente que, como compensação da sua mui ardua empreza, dos grandes sacrificios feitos, do muito dinheiro gasto, das muitas vidas dizimadas, da industria e do commercio em marasmo, deveriam procurar uma natural recompensa, que só poderia ser uma occupação de sólo, que a China e a Coréa, desmoralisadas, não lhes negariam, e a que a Russia, por vencida, não se poderia oppôr. Mas seriam então a Europa e a America em peso, — a Allemanha, a França, a Italia, os Estados Unidos, e até a Inglaterra (a actual alliada do Japão) — que se levantariam contra o vencedor, forçando-o com armas na mão a contentar-se com a gloria platonica do seu triumpho, sem mais um palmo de terra a accrescentar aos seus dominios.

Seria, no momento presente, sem delongas, que a alliança das nações teria ampla justificação no intuito de impôr á Russia, pela palavra, a moderação dos seus impulsos, deixando á China o que é da China, á Coréa o que é da

Coréa, e não pondo empecilhos ao desenvolvimento material do Japão, tão digno das sympathias mundeaes. Mas um accordo altruista das nações, nos tempos que vão correndo, tão caracteristicos pelo egoismo feroz e pelas vistas mesquinhas das sociedades chamadas *cultas*, é inadmissivel. Deixemos, pois, o acaso ir resolvendo tão complicados problemas sociaes ; mas talvez a Europa e a America, que tanto se mostram preoccupadas com o *perigo amarello*, tenham n'um futuro proximo de vèr-se a braços com um outro perigo, porventura mais terrivel, o *perigo russo*. *Amarello* ou *russo*, é uma simples questão de côres.

XXXIII

20 de Outubro de 1903

A situação politica entre o Japão e a Russia—As probabilidades de um rompimento—A Russia e a Mandchuria—A principal interessada: a China—Despachos entre Tokio e Porto Arthur—As negociações—A Coréa—Uma carta de agradecimento á firma portuense Menéres & C.ª—A proposito das sardinhas de conserva—Fallecimento de um portuguez.

Muito de proposito, tenho-me ido retardando em enviar esta correspondencia ao seu destino, esperando alguma noticia importante com referencia á gravissima situação politica actualmente existente entre o Japão e a Russia; mas, como nada, apparentemente, vá alterando esta situação, resolvo-me a não esperar mais.

Depois do dia 8 do corrente, as probabilidades de um rompimento téem augmentado

consideravelmente. A Russia não cumpriu a sua promessa, indicando esta data como o limite extremo para a permanencia das suas tropas no sólo da Mandchuria; e assim se esperava francamente, conhecido como é o enorme interesse que o imperio moscovita liga á posse d'aquelle retalho de terra chineza, e conhecida tambem a sua diplomacia, nada escrupulosa em publicar intenções que nunca imaginou cumprir.

Agora é que não resta a menor duvida sobre o assumpto, se duvida havia. A Russia fica na Mandchuria, a Russia apropria-se da Mandchuria, sem se importar com o acto eminentemente immoral que pratica... se é certo que tal qualificativo ainda tem curso perante a cobiça das nações.

A China, principal interessada na questão, não se insurge, nem ninguem esperava que o fizesse; pois tão incompativel se acha a massa immensa do povo chinez para participar da vida mundeal, que nem forças encontra em si para repellir os ultrages de que é victima. Mas insurge-se o Japão, que não póde assistir impassivel á quebra do seu prestigio, como primeiro Estado extremo-oriental, e ao golpe tremendo com que se pretende feril-o nos seus enormes interesses economicos e sociaes, já de hoje, mas muito mais importantes de futuro.

A partir do dia 8, os protestos diplomaticos do Japão, junto da côrte russa, redobraram de insistencia e de energia. Nada se sabe do que se tem passado em tão mysteriosa região; mas presume-se, com razões plausiveis, que as negociações em S. Petersburgo não chegaram a bons resultados. O campo de discussão passou depois de S. Petersburgo para Porto-Arthur, onde se encontra o almirante Alexeieff, hoje investido do alto cargo de vice-rei da Siberia e mais pontos do Extremo-Oriente pertencendo, pelo direito ou pela força, ao imperio moscovita. Estão-se trocando constantemente correspondencias entre Tokyo e Porto-Arthur; até o ministro russo no Japão já se dirigiu a Porto-Arthur, a fim de communicar pessoalmente ao vice-rei importantissimas referencias sobre o assumpto.

Ignora-se por completo quaes os accordos, ou desaccordos, a que téem chegado as negociações, embora se presuma que o desfecho não tardará a ser conhecido — questão apenas de alguns dias. O Japão encontra-se prompto para qualquer eventualidade, tendo toda a sua esquadra em completo armamento e o seu exercito prestes a marchar á primeira voz. A Russia tambem está prompta, constando que concentrou forças enormes em certos pontos estrategicos do seu dominio asiatico.

Quanto á esquadra russa, inferior á japoneza, tambem se acha preparada para tudo; como importante reforço, alguns novos couraçados e outros barcos de guerra largaram já dos portos europeus e encontram-se hoje a meia viagem do Extremo-Oriente; havendo mesmo quem attribua á diplomacia moscovita d'estes ultimos dias, em face das insistentes reclamações do Japão, uma compostura morosa e indecisa, quasi carinhosa, dando tempo ao tempo, até que o valioso reforço naval chegue ao seu destino, para então poder fallar mais arrogante.

Aqui, as opiniões dividem-se. Uns julgam a guerra inevitavel. Outros presumem que o Japão saberá evital-a com dignidade, enviando os seus soldados a Coréa, apoderando-se da administração d'aquelle desorganisado paiz, salvando assim o seu prestigio e porventura os seus interesses. Basta que declare, em nome do equilibrio asiatico, que não abandonará a Coréa emquanto a Russia não largar a Mandchuria; a Russia, logicamente, não póde oppôr-se a tal medida; e as outras nações da Europa terão de admittir os factos consumados, aproveitando talvez o ensejo para arrancarem á desventurada China mais alguns pedaços do seu torrão. Será então a franca politica da pilhagem, em pleno seculo XX; mas ninguem deverá culpar o Japão de tel-a iniciado.

Esperemos ainda alguns dias: grandes acontecimentos se preparam.

— A Coréa, que entrou agora no dominio dos assumptos palpitantes, merece certamente algumas referencias n'este logar.

A sua situação geografica é conhecida; a simples inspecção de um mappa da Asia evidenceia a importancia estrategica e economica, que ganharia o Japão ou a Russia em possuil-a.

A Coréa, paiz muito montanhoso, abrange uma área de 82:000 milhas quadradas, cifra não muito inferior á que representa a área do Japão. A sua população, mal avaliada, deve ser superior a 8.000:000 e inferior a 17.000:000 de individuos. O seu solo é rico em minas e susceptivel de larga cultura.

A Coréa teve uma época de florescente actividade. Diz-se que a China foi o mestre do Japão em tempos remotos, e assim é; mas a Coréa representou quasi sempre o papel de intermediario, sendo d'ella que o Japão colheu o primeiro ensino sobre muitas artes chinezas, que depois se nacionalisaram no paiz do Sol Nascente.

Aquelle periodo de felicidade durou, porém, bem pouco. As guerras internas, a politica de intrigas, foram lançando o paiz na desordem e na miseria e dizimando a população; e é assim que hoje se encontra.

Ha poucos annos, o rei deu ao mundo o espectaculo irrisorio de nomear-se imperador, passando o reino a ser um imperio, sem que naturalmente as condições precarias do paiz melhorassem com tal transformação. Diga-se ainda que as influencias japoneza e russa exercem-se no imperio coreano de uma maneira quasi despotica. Sem exercito que valha, sem marinha, e tambem sem noção alguma de dignidade propria como Estado independente, a Coréa não offerecerá a minima resistencia á nação que resolva occupal-a effectivamente; e póde affirmar-se — tal é a abjecta condição actual do seu povo! — que, seja qual fôr o usurpador, o povo terá tudo a ganhar com o regimen do novo jugo. Com uma administração sensata, muito poderá esperar-se das riquesas naturaes do sólo.

— Eis a traducção da carta de agradecimento, escrita em bellos caracteres japonezes, que o commissariado da Exposição de Osaka acaba de enviar á firma portugueza Menéres & C.ª, do Porto:

« Portugal. Vinhos e Azeites. Menéres & C.ª = Nós por ordem de S. I. A. o principe Kotehito, presidente da 5.ª Exposição Nacional e Industrial no Japão, por esta fórma expressamos os nossos agradecimentos pela importante

exhibição dos artigos acima mencionados, que constituem especial objecto de lição para o nosso povo, no Edificio das Amostras Estrangeiras da 5.ª Exposição Nacional Industrial, realisada no 36.º anno (1903) de Meiji. — (a) *Barão Tosuke Hirata*, vice-presidente da 5.ª Exposição Nacional Industrial. Dia 1.º do 7.º mez do 36.º anno de Meiji.»

Cartas no mesmo teor foram enviadas ás outras firmas portuguezas.

— Contam-me uma historia, que, supponho-a verdadeira, merece a attenção dos nossos commerciantes. Um negociante japonez de Tokyo mandou vir, por intermedio de uma casa estrangeira de commissões, creio que ingleza, uma certa porção de sardinhas francezas em conserva. No fim de algum tempo, o homem recebeu as sardinhas, mas não eram francezas, eram portuguezas. Parece que o negociante japonez, achando boas as sardinhas, concluiu, e muito bem, que mais vale então mandar vir directamente de Portugal os seus futuros fornecimentos do mesmo artigo, e n'este sentido tratou de procurar um agente competente.

Vem a proposito lembrar que em Yokohama e em Kobe se encontram, desde alguns annos, latas de sardinhas portuguezas á venda em algumas casas de provisões de individuos chinezes.

Como chegam cá, não se sabe bem; os chinezes são pouco communicativos em assumpto do seu negocio; parece que vêem por via da Allemanha. Deus abençôe esta Allemanha, que é, como se sabe, o principal fornecedor, no Japão, da cortiça portugueza.

— Finou-se, no dia 10 do corrente, em Yokohama, o portuguez Francisco da Rosa, natural de Macau, com 64 annos de idade. O fallecido foi um dos primeiros estrangeiros chegados ao Japão, no interessante e tumultuoso periodo, que marcou o inicio do restabelecimento das relações do imperio com as nações estranhas. Veio estabelecer-se em Nagasaki em 1859, creando alli o primeiro jornal escrito em linguagem europea, que appareceu n'este paiz. Pouco depois passou a residir em Yokohama, publicando outros jornaes, entrando em negocios de minas de carvão e em outras aventuras, desenvolvendo em tudo uma actividade pouco vulgar. Relacionado com alguns dos grandes vultos politicos, chegou mesmo a desempenhar uma alta missão em favor do *shogun* (generalissimo), que então jogava as ultimas cartadas para manter-se no poder, sendo finalmente vencido pelo partido imperial. Francisco da Rosa, que em varias épocas viveu na opulencia, incensado pelos magnates, morreu pobre e esquecido.

XXXIV

26 de outubro de 1903

Malas do Japão para a Europa pela Siberia — A inauguração d'este serviço — Como eu a solemnisei, remettendo esta carta. Algumas considerações que não deixam de vir a proposito — O tempo que se aproveita e que virá a aproveitar-se no futuro — Um bravo! — A Russia e o Japão; perspectivas.

Fui informado n'esta cidade de que vão começar a ser expedidas malas de correspondencia do Japão para a Europa vià Siberia, o que até agora não era permittido. De Kobe, hoje, segunda-feira, realisa-se a primeira expedição por aquella via, continuando regularmente todas as segundas-feiras.

Ora eu ainda ha bem pouco, no dia 20 do corrente, enviei ao *Commercio do Porto* uma longa carta, e comprehendo, embora me não falte

vontade de ir *japonizando* o meu paiz, que tem limites a paciencia dos leitores e não devo abusar d'essa virtude. No entretanto, a titulo de solemnisar, dentro da minha modestissima alçada, a inauguração do serviço postal entre o Japão e a Europa aproveitando a grande linha ferrea trans-siberiana, atrevo-me a mandar como correspondencia extraordinaria, as curtas linhas presentes.

Quando o caminho de ferro trans-siberiano se tornou uma realidade, nasceu aqui naturalmente o desejo, sobretudo por parte da colonia europea residente, de que as malas postaes do Japão com destino á Europa pudéssem aproveitar esta grande via de communicações; suscitaram-se, porém, não sei que difficuldades entre as auctoridades japonezas e russas, de modo que só agora vèmos inaugurado tão importante serviço.

Até hoje, o meio mais rapido de expedir correspondencia do Japão para a Europa era vià America, aproveitando os magnificos vapores *Empress*, que largam d'este paiz para Vancouver, no Canadá; uma carta para Portugal, por exemplo, levava uns trinta dias de viagem para chegar ao seu destino; a via maritima pelo canal de Suez exigia muito mais tempo. A linha trans-siberiana vem já approximar notavelmente as distancias entre o Extremo-Oriente e

a Europa, talvez de uns oito dias; differença que ainda mais consideravel será dentro de um ou dous annos, quando se hajam ultimado alguns importantes melhoramentos no material de tão vasta empreza, que então permittam imprimir maior velocidade aos comboios que vão da Siberia a Moscow. Perante o facto da gigantesca linha ferrea trans-siberiana, levada a effeito não sei com que tenebrosos designios de arrojadissima cobiça; machina de guerra, antes de tudo mais, que póde em breves dias levar ao coração da China e ás fronteiras da Coréa exercitos sobre exercitos e ainda ameaçar o visinho Japão; perante este facto colossal, que põe em perigo constante a paz de todo o Extremo-Oriente, seja-me hoje licito applaudir a unica qualidade benefica que lhe reconheço, qual é a de accelerar as communicações pacificas, mercantis e outras, entre este Extremo-Oriente e a Europa inteira. Um bravo, pois!

Ainda duas palavras sobre o assumpto, a fim de indicar o trajecto das malas do Japão. Seguem estas pelo caminho de ferro japonez até Nagasaki; embarcam n'este porto em um dos vapores da *Chinese Eastern Railway Company, S.*, até Dalny, cidade russa a curta distancia de Porto-Arthur; seguem depois pelo trans-siberiano até Moscow, d'onde partirão para o seu destino, apro-

veitando a rêde da linha ferrea que mais convenha.

— Que dizem os jornaes do dia sobre a questão palpitante, — a possivel guerra entre o Japão e a Russia?

Pouca cousa. Aguardava-se no dia 23 a ultima resposta do governo russo ás notas diplomaticas japonezas. Parece que tal resposta ainda não chegou, servindo de pretexto achar-se o czar ausente de S. Petersburgo. Segundo imagino, o que o governo russo quer é ir deixando correr o tempo sem alteração das condições presentes, até que chegue aos seus portos da Siberia, ou pelo menos se lhes avisinhe, a importante esquadra de reforço que já vem em viagem para o Extremo-Oriente.

As vistas dominadoras da Russia não se estendem só á Mandchuria, alcançam tambem a Coréa. Chegam informações de que o secretario da legação japoneza n'aquelle imperio se dirigira a Yon-ampho, porto coreano, a fim de proceder a um inquerito official; e alli encontrou soldados russos, que lhe impediram o desembarque. A affronta, por si só, póde constituir um *casus belli*.

Nada mais por emquanto. A guerra affigura-se imminente.

XXXV

17 de dezembro de 1903.

As relações entre a Russia e o Japão — Os temores da guerra — Horisonte que se esclarece — A attitude da Russia — Hoje e ámanhã — O livro «No Japão» — Leitura que se recommenda.

Assim como acontece algumas vezes, quando o horizonte se encontra carregado de negras nuvens ameaçadoras, rugindo ao longe o trovão, tudo presagiando emfim a proxima tormenta, e de repente, quando menos se esperava, um sôpro de brisa dissipa a tempestade, o céu reapparece azul e brilha do novo o sol; assim tambem o horizonte politico d'esta parte do mundo acaba de desanuviar-se, apresentando bastantes indicios de que a guerra — a medonha tempestade humana — ainda não fará ouvir

por esta vez o seu grito de desolação e de exterminio.

Não são conhecidas as negociações a que téem chegado os governos russo e japonez; mas sabe-se com certeza que o estado altamente irritante da materia, indicando como imminente o desfecho pelas armas, diminuiu de arrogancias, entrando-se no campo conciliador dos accordos mutuos, que levarão mui provavelmente os dous governos a uma solução pacifica da questão em que se envolveram. Ha tambem razões para crêr que a França vai figurar em tudo isto como medianeira.

O que é certo é que nem a Russia nem o Japão queriam a guerra. A Russia, embora confiante na immensa massa dos seus exercitos e nos bons serviços provaveis da alliada, bem sabia que ia encontrar-se com um povo de heroes, abrazados em mystico patriotismo, que duramente lhe fariam pagar os arrojos temerarios, embora finalmente vencesse, Deus sabe quando, o colosso europeu. O Japão, só em campo, sem poder contar com apoio effectivo de outro qualquer Estado, nem mesmo da sua nova amiga; apenas com a sympathia platonica e inutil dos raros que prestam culto imparcial á justiça que lhe assiste; ainda por cima encontrando-se ao presente em complicadas difficul-

dades financeiras; o Japão comprehendeu felizmente que o momento não lhe era propicio para se mostrar intransigente perante o seu poderoso rival.

Entra-se em concessões de parte a parte, sem desprestigio dos brios do imperio japonez annunciando-se um periodo de paz, que mui necessario lhe será para o seu engrandecimento futuro. Não nos illudamos, porém. Seja qual fôr a maneira como se comporá este negocio, é certo que a Russia não desistirá da politica de oppressão e de conquista em que trabalha, alastrando a sua influencia como uma grande nodoa de gordura que invade a China e a Coréa, avançando dia a dia para o seu grande ideal, que é o predominio no Extremo-Oriente, com gravissimo prejuizo das justas ambições do Japão para a hegemonia n'esta vasta zona asiatica. Acrescentemos, todavia, que, embora prime, nos tempos que correm, o principio do direito da força em contradicção a todos os direitos, a força do imperio moscovita constitue uma excepção tão incoherente perante a vida social das nações actuaes, que não deve confiar-se demasiadamente na sua suprema efficacia. A Russia é forte hoje porque possue um sólo immenso e uma população immensa, esta, estupendamente ignorante, estupendamente miseravel, estupendamente fa-

minta, arrebanhada como uma manga de escravos, cegamente servil, graças aos golpes de chicote que o governo autocrata que domina lhe applica ao minimo pretexto. No entretanto, aquella bicharia humana ruge no mysterio em fremitos latentes de desforço; um incidente qualquer, imprevisto, como um anno de pessima colheita, como um conflicto europeu, ou outra causa, póde ser o rastilho que occasione a natural explosão; e então, perdido uma vez o medo do chicote, adeus poderio colossal da força, será a revolta, será o desmembramento irremediavel... E de tal acontecimento, que se annuncia provavel, saberá tirar o devido partido o imperio do Sol Nascente.

Termino estas ligeiras considerações, reproduzindo as palavras do marquez Ito, o eminente estadista, respondendo aos pruridos bellicosos da classe militar japoneza e de alguns orgãos da imprensa local. Diga-se de passagem que parece que o conselho conciliador do marquez tem sido attentamente escutado e seguido pelo ministerio no momento actual, o que lhe tem angariado acerbas referencias nos jornaes mais irrequietos e até ameaças de morte. Diz elle: — «Conheço os termos das propostas feitas pelo Japão á Russia, a fim de se obter uma solução da questão da Mandchuria e o presente estado

das negociações, mas não me encontro em situação para os divulgar. Diz-se que a opinião publica é pela guerra. Nós faremos a guerra, se necessario fôr; nós ergueremos as armas, mesmo com risco da ruina do imperio; mas o governo não cederá perante a mais determinada opinião publica, arrastando a nação á guerra, emquanto o momento proprio para a acção não fôr chegado. A historia da Europa aponta muitos exemplos de governos induzidos á guerra pela opinião publica, sendo a consequencia a derrota. A attitude do nosso povo, ao presente, é fria e serena, quando comparada com a sua attitude por occasião da guerra chino-japoneza; isto indica que os recrutas d'aquelle tempo se tornaram experimentados soldados. Faço votos para que a nação mantenha a sua actual serenidade, abstendo-se de provocantes agitações.»

— Acaba de ser publicado no Japão um livro altamente recommendavel, contendo, 700 paginas e numerosos mappas, e intitulado «A History of Japan during the Century of early foreign intercourse» (1542-1651). E' escripto por James Murdoch, competentissimo em tal assumpto, em collaboração com o japonez Isoh Yamagata, igualmente conhecido pela sua erudição. Como o titulo está indicando, o livro refere-se á interessantissima época, principalmente

para nós, do descobrimento do Japão pelos portuguezes e das relações que em seguida mantivemos com este povo, lastimavelmente interrompidas pela má orientação politica e religiosa que lhes démos e pelas intrigas de estranhos, tendo como resultado os terriveis massacres bem conhecidos e a final expulsão dos europeus do sólo japonez.

O livro tem sido muito elogiado. Pela minha parte, só tive ainda tempo de folhear de corrida este trabalho, que n'um simples relance de olhos se me affigurou magistral. Apenas lhe notarei desde já um unico senão, que é o desdem com que o auctor se refere por vezes aos portuguezes, desdem a que devemos estar habituados, porque toda a gente diz mal de nós, mesmo os inglezes, nosso fieis alliados, como se dá justamente no caso presente, pois que o snr. Murdoch é inglez; confessemos que d'este mau juizo somos nós em muitos pontos os culpados.

Espero ter opportunidade, em correspondencias futuras, de apresentar alguns trechos da notavel obra litteraria aqui apontada.

XXXVI

6 de dezembro de 1903

A questão entre a Russia e o Japão — As negociações — O que transpira — A Russia augmenta as suas forças no Extremo-Oriente — A attitude do Japão — Contrastes entre a attitude do governo japonez e a de certas facções politicas — Factos significativos — O pinheiro mais velho do mundo.

As complicações politicas existentes entre o Japão e a Russia, posto que actualmente melhoradas, ainda não entraram n'um periodo de franca serenidade, nem o perigo de um brusco rompimento de hostilidades está ainda de todo dissipado. No entretanto, os observadores mais conceituados e imparciaes julgam poder affirmar que a guerra não se dará, pelo menos por agora.

Nada transpira da marcha das negociações.

E' comtudo provavel que a Russia não se tenha mostrado disposta a ceder ás pretensões do Japão, uma das quaes era a evacuação da Mandchuria. O que parece dever concluir-se do que se vê, ou antes do que se não vê, ó que o imperio moscovita vai tratando a questão por meio de respostas evasivas, inconcludentes, de modo a ir deixando correr o tempo, que elle vai aproveitando para melhor se estabelecer no territorio invadido, para alli augmentar as suas forças terrestres e concentrar nos mares do Extremo-Oriente uma esquadra de tal ordem, que já hoje os jornaes da Europa annunciam que a marinha imperial russa desappareceu praticamente das aguas europeas. A' medida que se fôr operando e completando este deslocamento dos recursos de guerra do ambicioso colosso, é de crêr que os seus dirigentes se vão tornando cada vez mais arrogantes perante o monumental problema extremo-oriental e proseguindo na sua politica de apropriação, não só na China, mas tambem na Coréa, onde a influencia japoneza lhes deve ser extremamente antipathica. A Russia nunca permittirá, está bradando a imprensa moscovita, que o estreito da Coréa se transforme, sob a acção japoneza, em outro Dardanellos.

Pelo lado do Japão, deve-se, antes de tudo, fazer plena justiça á attitude extremamente pru-

dente, sem comtudo envolver desdouro para a dignidade nacional, de que está dando provas o governo japonez; merece por isto o mais rasgado elogio dos imparciaes. Mas não se nota a mesma prudencia em certas facções politicas, em certos orgãos da imprensa e em certos individuos, alguns dos quaes occupando altas posições sociaes. Alguns jornaes continuam mostrando-se extremamente irritados, accusando de traidores o grande estadista marquez Ito e os membros do ministerio; junto da residencia do marquez encontrou ha dias a policia um individuo suspeito, que escondia um sabre entre as vestes. Tambem ha poucos dias dous almirantes e outros officiaes da armada dirigiram collectivamente ao ministro da marinha, almirante barão Yamamoto, um memorial, contendo largas considerações em favor da guerra. Durante as ultimas tres semanas, dous individuos tentaram aproximar-se da carruagem onde ia o imperador, no designio de lhe apresentarem petições, em que se depreciavam os actos do governo e se pedia uma acção decisiva pelas armas, e um outro individuo procedeu do mesmo modo para com a imperatriz; estes factos são extremamente significativos, dado o caracter de pessoas sagradas, intangiveis, de que a familia imperial goza entre o povo. Todos estes acontecimentos,

e outros já aqui anteriormente narrados, põem bem em relêvo o estado de anormal excitamento em que se encontra uma parte da população japoneza, sobretudo a parte intellectual, capaz, embora com poucas probabilidades, de arrastar a nação inteira a arrojos temerarios.

—Querem os leitores saber qual é o pinheiro mais velho do mundo, pelo menos de entre aquelles pinheiros que, como os homens illustres, pódem gloriar-se de ter uma historia? Cabem as honras ao Japão: é o pinheiro de Karasaki, situado á borda do lago Biwa, a curta distancia de Kyoto, no meio de uma pittoresca paizagem campestre. Conta perto de 1:500 annos de idade, pois foi plantado em tempos do imperador Jomei, que reinou nos annos 629-641 da nossa éra.

A extraordinaria arvore tem 72 pés de altura, a circumferencia do seu tronco principal é de 37 pés, o diametro da circumferencia que envolve a rama dos seus mil braços é de 288 pés. O seu aspecto, como o de um bisavô decrepito, incute veneração, mesmo a estranhos, sentindo a gente ganas de tirar o chapéu e ir pedir-lhe a benção; e é adorado como santo pelos naturaes, encontrando-se perto um pequeno templo que lhe é dedicado, mui concorrido do fieis.

Tem os troncos escamosos, lavrados de lichens purulentos, lembrando a pelle de um mendigo macrobio, que passou a existencia á beira dos caminhos; antigas mazellas, golpes profundos, alguem os tem coberto piedosamente com ligaduras, com argamassas, á laia de unguentos. Apoia os membros lassos, para não cahir, a vigorosos bordões; mas tem muitos membros, como os deuses hindús, de modo que são 380 os bordões que lhe aguentam, suspensa do sólo, a velha carcassa esburacada. E, no emtanto, como verifiquei ha poucos dias, peregrinando em Karasaki, dos extremos anemicos da maravilhosa arvore ainda espigam, em pennachos verdejantes, as suas folhinhas estreitas, lineares, fasciculadas, e aqui e além, pendem pinhas de fructos, revelando que o colosso ainda sente commoções de seiva, ainda palpita em amores serodios, aos raios vivificantes do sol primaveril.

Ditoso velho!...

---

*

XXXVII

13 de dezembro de 1903

Os japonezes e chinezes e os occidentaes—Commentarios a proposito.

Encontro transcriptas n'um dos ultimos numeros do jornal «L'Indépendance Belge» as seguintes considerações sobre os japonezes e chinezes, feitas pelo snr. Lanessan, notavel naturalista e homem politico francez, ex-governador geral da Indo-China, ex-ministro da marinha:

«E' preoccupação muito manisfesta dos japonezes, n'este momento, o pôrem-se ao corrente dos negocios commerciaes que se fazem na China, e das industrias que se poderá alli crear, a fim de tomarem logar importante em todos os trabalhos economicos que devem ser empre-

hendidos dentro em pouco e que serão extremamente numerosos. A similaridade de raça, o conhecimento commum dos caracteres ideographicos, o odio não menos conhecido que professam os dous povos pelos occidentaes, facilitam muito os esforços consideraveis que os japonezes fazem n'esta direcção.

«Em tal sentido são elles tambem fortemente estimulados pelos vice-reis das provincias chinezas e pelo governo de Pekim. Quasi todos os vice-reis téem junto de si instructores militares e agentes commerciaes japonezes. O proprio vice-rei de Yunnan tomou ao seu serviço officiaes japonezes para organisarem um exercito que se diz contar hoje uns cincoenta mil homens, bem instruidos e providos de armas modernas.

«Se o facto é exacto, é grave, pois os chinezes, apesar do seu horror atavico pelo mister militar, são muito bravos e muito resistentes ás fadigas da guerra. Se se conseguir disciplinal-os e instruil-os, poder-se-ha fazer d'elles soldados temiveis, sobretudo nos paizes onde elles estão em sua casa e onde o contacto com o sólo natal desperta os seus sentimentos patrioticos.

«Note-se, de passagem, que geralmente nos enganamos muito, na Europa, com respeito aos sentimentos dos chinezes ácerca do seu paiz, da sua patria, da sua nacionalidade, da sua raça.

Não haverá talvez povo no mundo em que estes sentimentos sejam mais vivazes do que nos chinezes, direi antes em todas os chinezes. Viu-se isto bem durante a guerra dos boxers: quando todos os representantes...nas legações (n'este ponto, um erro de imprensa do jornal citado torna a phrase incompleta) não encontraram um só chinez para levar um telegramma a Tien-Tsin. O que falta aos chinezes é o brio militar, é o gôsto pelo officio de soldado; mas não poderão adquiril-os?

«Seja como fôr, emquanto os vice-reis fazem instruir as suas tropas por officiaes e sargentos japonezes, o principe Tching confiou a um japonez, em outubro de 1902, a organisação da policia de Pekim, e envia a Tokyo agentes chinezes, a fim de se familiarisarem com os processos da policia japoneza.

«Por outro lado, o addido militar em Pekim, que era d'antes um simples capitão, é agora um dos generaes mais conhecidos do grande estado-maior japonez, antigo alumno das escolas militares da Allemanha. E' licito perguntar-se, á vista dos factos acima apontados, se elle não estará em Pekin antes para dar conselhos do que para se manter informado dos progressos militares realisados pela China.

«Sob a mesma ordem de ideias, a reorgani-

sação do serviço postal chinez foi confiada a um japonez, antigo discipulo da Universidade de Tokyo; prepara-se a organisação de uma fabrica de moeda debaixo da direcção de um japonez; e abrem-se escolas, em diversas cidades, especialmente em Nankim, em pleno coração da China, com professores japonezes. Medicos japonezes foram igualmente chamados para organisar os hospitaes.

«No entretanto, a China envia muitas centenas dos seus jovens a estudar nas universidades do Japão, onde elles se impregnam do espirito japonez, um tanto revolucionario, comparado com o conservantismo tradicional e excessivo dos chinezes.

«Em uma palavra, o Japão aproveita os seus progressos realisados na arte militar, na administração, nas finanças, no commercio, na industria, etc., sob a influencia dos mestres que outr'ora lhe vieram da Europa, para fazer, por sua vez, a educação da China. E póde-se estar certo de que uma tal educação não será em nada favoravel aos povos occidentaes.»

Eis o artigo, ou antes a traducção do artigo, alinhavada como melhor se me affigurou, ao correr da penna. E permitta-se agora ao auctor d'estas modestissimas correspondencias uns ligeiros commentarios sobre o que ficou dito, que

sirvam de diversão ao caracter de simples chronista que habitualmente se impõe.

O artigo em questão, áparte a fina observação de que dá provas —e não podia deixar de ser assim, dada a alta competencia do nome do auctor—revela uma decidida parcialidade pelos interesses da raça branca, certa má vontade, reprimida a custo, contra o chamado *odio dos asiaticos aos occidentaes*, e ainda como que um sentimento de surpreza perante o facto, que se me affigura naturalissimo, de duas grandes nações visinhas, de mui notaveis analogias ethnologicas, de importantissimos interesses communs, cuidarem de estreitar as suas relações, de se unirem mais intimamente para a constante lucta pela vida.

Taes qualidades de apreciação nada téem de inesperadas, quando é um occidental que as apresenta, naturalmente propenso a pugnar pelos interesses, justos ou injustos, da sua raça, do seu paiz. E' assim que se exprimiria um negociante europeu de assucares ou de algodões, ou um politico de soalheiro, ou mesmo um façanhudo general, para quem a justiça dos povos se resume no numero maior ou menor dos canhões de que dispõem. Mas, quando é um sabio, um naturalista que falla, esperar-se-hia, creio eu, que, do alto da sua philosophia, visse a huma-

nidade com mais independencia, porque o sabio não tem raça, não tem patria, é superior ao homem, porque julga todos os homens com a mesma fria imparcialidade tirada dos exemplos historicos e das deducções scientificas.

Vamos por partes. Que admira que o Japão pretenda exercer a sua hegemonia nos povos asiaticos e que a China procure fortalecer-se, sahir do seu lethargo, pelo ensinamento que os japonezes lhe pódem ministrar, mais utilmente do que qualquer outro povo? Que admira que estes dous imperios se unam no intuito de se prestarem mutuo auxilio e de erguerem uma barreira á desmesurada cobiça occidental, ultimamente insaciavel? Se, por uma lei natural das cousas, já se annunciam tendencias innegaveis, no mundo europeu, para a união dos saxonios, para a união dos slavos, para a união emfim de todos aquelles povos que apresentam entre si sympathias ethnicas, que espanta que, com muita mais razão, as grandes familias asiaticas se reunam tambem, a bem dos seus interesses, sagrados para ellas, como os nossos para nós?

Quanto ás ultimas phrases do artigo, nas quaes o auctor exprime o seu juizo, de que a educação dos chinezes, feita pelos japonezes, não será em nada favoravel aos povos occidentaes, confesso que acho immensa graça á ingenuidade

da asserção. E' admiravel!... E porque seria favoravel? Que deve o Extremo-Oriente ao Occidente, estorvado na sua velha civilisação patriarchal, muito differente da nossa, mas não inferior em muitos pontos, pela invasão dos cobiçosos, dos insaciaveis de conquista? Deve-lhe a perda de innumeros retalhos do seu sólo, deve-lhe as intrigas dos missionarios e muitas cousas mais. Certamente o resurgimento da China, se um dia se realisar, não impellirá a mesma China a ir agradecer aos invasores a sua rapina de hoje e a offerecer-lhes novos pedaços do seu torrão. Tal renascimento, quando aproveitadas para o bem commum da nação essas qualidades vivazes que o snr. Lanessan reconhece com pezar seu no chinez, — sentimento de nacionalidade, amor da patria, amor de raça, — tal renascimento induzirá, sem duvida, o imperio a uma politica vigilante, coisa da dignidade nacional e da intregridade do solo.

E não se diga que a acção expansiva dos occidentaes na China, se não é justificada pelas sympathias dos naturaes, é-o, tovadia, plenamente pelo bem que resulta para as duas familias europeia e americana, que constituem a facção mundial; por excellencia civilisadora, illustrada, humanitaria, virtuosa; sendo o que é bom para ella, bom para a humanidade inteira. É grave soberbia

o arrogarmo-nos estes privilegios. A nossa raça é actualmente a primeira em actividades de orientação pratica, em inventos mechanicos, o que a torna dominante no momento historico presente; mas isto não quer dizer que seja a melhor, nem que a sua supremacia seja eterna, nem que á asiatica, por exemplo, não caibam tambem um dia as mesmas honras.

Em conclusão: o unico argumento que póde explicar, justificar até, a actual politica usurpadora exercida pelas nações occidentaes no Extremo-Oriente e os seus esforços em impedir o engrandecimento da velha China, bafejada pela influencia japoneza, é o direito do mais forte, o principio universal que manda que o leão devore o antilope; mas, para tal politica de féras, é escusado então haver rhetorica.

Um outro ponto a considerar é o odio que professam pelos occidentaes (pobres accidentaes! como se o odio não fosse reciproco...) os chinezes e os japonezes. Este odio existe, se *odio* é, pois mais valia talvez chamar-lhe *aversão*, *repulsão*, *incompatibilidade*. Mas o odio de raça é uma qualidade do homem, talvez até benefica, e que persistirá emquanto o mundo não fôr uma familia só, o que está longe de ser visto.

O asiatico odeia o branco, o branco odeia o

asiatico, o pelle-vermelha odeia o branco e o asiatico, e assim por diante. A meu vêr, são as duas raças branca e negra que mais facilmente poderão fraternisar n'um futuro proximo: o preto tem medo do branco, mas não lhe tem odio; o preto é um sêr pueril, é o homem na infancia, susceptivel de sentir respeitosa admiração pelo seu irmão mais velho e de aprazer-se e lucrar com o seu conselho. Mas nunca serão as velhas raças, com civilisações bem mais remotas do que a nossa, completas e mesmo superiores á nossa em varios pontos, que poderão contrahir com a raça branca uma alliança cordeal.

Não são, porém, só as raças que se repellem, são as nações da mesma raça, como francezes e allemães, como russos e italianos; ás vezes povos da mesma nação, como irlandezes e inglezes; nas colonias, os mestiços e os residentes da metropole.

O principio é universal, de raça para raça, de nação para nação, de tribu para tribu, poder-se-ha dizer de familia para familia. Para que se vem, pois, fallar do odio do chinez e do japonez contra o europeu?...

Mas, já que se fallou, aprenda-se a conhecer como a norma de procedimento dos occidentaes tem por assim dizer primado em conservar, em atear tal odio. Segue a resenha dos factos, sem

commentarios e muito pelo alto, para apressar a conclusão d'esta correspondencia, que já vai longa.

Primeiro a China. A primeira aggressão séria que a China soffreu da parte da Europa foi-lhe infligida pela Inglaterra, por o governo chinez se ter recusado á entrada do opio inglez no seu sólo, opio que manifestamente lhe vinha envenenar e dizimar a população, como agora está succedendo. Venceu a Inglaterra, tomou-lhe Hong-Kong á viva força, entrou o opio. E foram-se succedendo outros ataques mais violentos. E activou-se a influencia dos missionarios de todos os cultos, em principio benefica, mas na prática mais nefasta do que util. E surgiram imposições ignominiosas, para o privilegio da exploração de minas, do estabelecimento de caminhos de ferro, mandando sempre mais os hospedes do que os donos. E imperou a escandalosa e cruel emigração chineza, iniciada em Macau, alli terminada em virtude de invejas diversas, mas proseguida depois em outras colonias europeias. E começaram as chamadas *espheras de influencia*, e outros pedaços de terra foram arrancados á patria, e crearam-se Kian-chan, e Porto-Arthur e Wei-hai-wei, e a Russia russifica (leia-se *crucifica*) a Mandchuria, e mais e mais.

Agora o Japão. Trazem-lhe as primeiras noções da Europa uns aventureiros portuguezes vindos por acaso ás suas costas, acossados por temporaes. Segue-se a corrente dos missionarios, cujo mister de paz se transforma muito breve em arma de intriga, dirigida contra as instituições de imperio, o que motiva um periodo de terriveis perseguições religiosas e da expulsão final dos europeus. Ficam apenas os hollandezes, prestando-se de bom grado, pela cobiça do ganho, a uma aviltantissima tutela, não de molde a elevar no conceito dos indigenas o sentimento occidental. Mais de dous seculos passados, os americanos, e seguidamente a Europa, impõem pelas armas a abertura do Japão ao convivio universal. O Japão cede á força, abre as portas; mas, cioso da sua nacionalidade, adapta-se á civilisação estranha, educa-se como nós, para impedir o seu desapparecimento do rol das nações livres. Começam a affluir os estrangeiros; podeis imaginar a que refugo pertenciam muitos d'elles, aventureiros de ganhar, que correm sempre na vanguarda a explorar um paiz novo.

A Russia cedo accusa os seus designios: tira ao Japão a rica ilha Sakhalien e dá-lhe em troca o esteril archipelago de Kourile. Chega o periodo de effervescencia em que o Japão julga

necessario entrar em guerra contra a China. Tal guerra foi cheia de glorias, mas tambem de fadigas, de duras privações; e quando os japonezes se preparam, com direito incontestavel, á posse de uma parte do territorio do vencido, acode a Russia, secundada pela Allemanha e pela França, a bradar em nome da paz universal que abandone a presa, que a devolva á China, o legitimo senhor. Cede ainda o Japão: e mezes depois é a propria Russia que toma para si aquella porção de territorio, sem se importar com a China, nem com o Japão, nem com a paz universal!... No momento presente, é ainda a Russia que trata por todos os modos de apoderar-se de vastas provincias chinezas e de multiplicar as suas influencias na Coréa, com gravissimo damno para a existencia futura, politica e economica do Japão. E digam-me se, justificado o odio dos japonezes pelos occidentaes como uma fatalidade de familia humana, não o está ainda pela triste experiencia que lhes proporcionou o seu contacto? Odio, em todo o caso, muito attenuado em apparencias, mercê da cortezia proverbial d'este povo e do seu tacto social, de modo a permittir que o occidental goze de um agradabilissimo conforto n'este paiz, que naturalmente lhe é adverso.

Que estas singelas considerações, mesmo

quando sejam parciaes, — o que não creio, — sirvam de modesta contribuição aos trabalhos d'aquelles que se esforçam por elevar o Japão, dentro dos limites do razoavel, á altura da sympathia universal, na certeza de que, postos taes trabalhos na balança das opiniões, estarão muitj longe de compensar a volumosa propaganda de depreciação que vai correndo mundo. Porque — diga-se toda a verdade — ha muita gente que gosta da paizagem japoneza, ha muita gente que gosta da japoneza (*femina*); mas ha muito pouca gente que consagre a sua estima ao Japão, como povo, como familia humana. E' esta mingua de sympathias que se me affigura injusta.

XXXVIII

3 de janeiro de 1903

As festas do anno velho e do principio do novo — A tempestade politica; gravidade da situação; resumo dos factos e das supposições — A marinha mercante japoneza; seu admiravel desenvolvimento em 30 annos — Um livro importantissimo.

Os annos no Japão são contados por periodos, sem grandeza fixa, correspondentes a uma determinada época. A época actual principia no grande acontecimento historico da Restauração Imperial (1868), e é chamada Meiji (Grandiosa). Acabamos, pois, de entrar no anno 37.º de Meiji. O fim do anno velho e o comèço do anno novo celebraram-se com as tradicionaes usanças. Estamos ainda em plena festa japoneza; o tempo está delicioso; de modo que é um encanto ir a gente percorrendo estas longas ruas em gala,

enfeitadas de bandeiras, de festões, de decorações symbolicas, as lojas ainda meio cerradas, as officinas inactivas. O povo inteiro invade as ruas, em roupas novas, domingueiras, rindo, felicitando os amigos, visitando os theatros e os templos. Cada anno novo que começa, corresponde, para o japonez, a mil novas esperanças que desabrocham, confiando seinpre no destino e na benevolencia dos seus deuses.

— O estranho vai contemplando este povo assim em festa; e amedronta-o a ideia de que dentro de tres ou quatro dias pode rebentar a terrivel tempestade politica, que ha já longas semanas paira ameaçadora sobre o Extremo-Oriente; tempestade que se affigura, para muitos que a presentem, como uma enormissima catastrophe, que só cessará quando o Japão, vencido, se encontre irremediavelmente esmagado pela pata do colosso moscovita.

Eu não sou tão pessimista como esses julgadores: penso ainda que a guerra não se realisará; mas admitto que a situação, má ha tres mezes, parecendo depois amenisada, se acha agora peor do que nunca ella esteve.

Resumamos os factos e as supposições. No comèço do mez passado, quando já se acreditava n'uma marcha conciliadora dos negocios debatidos entre a Russia e o Japão, inaugurou-se

em Tokyo a abertura da nova Camara de deputados; o imperador proferiu um ligeiro discurso; respondeu-lhe, como de estylo, o presidente da Diéta, porém em termos muito estranhos, não se limitando a uma franca condemnação da politica do governo, interior e exterior. Consequencia: a dissolução da camara. Tal medida, que em outra qualquer occasião se prestaria a amargos commentarios, pareceu a uma grande maioria, de ideias pacificas, incluindo a imprensa europea um incidente providencial, que ia permittir ao governo japonez o trabalhar tranquillamente na conclusão das negociações encetadas com a Russia, em via de uma solução conciliadora.

Não acontece, porém, assim. E' quasi certo que as ultimas respostas da Russia, esperadas com tanta anciedade, foram altaneiras, inacceitaveis para a dignidade do Japão. O gabinete japonez, que tudo fez, honra lhe seja, para conciliar os interesses nacionaes com os russos, não póde, parece, recuar mais. Assegura-se que um ultimo documento diplomatico, quasi na fórma de *ultimatum*, foi dirigido á Russia convidando-a a reconsiderar nas suas declarações e a enviar uma resposta em breve. Espera-se tal resposta.

As cousas, pois, pódem definir-se d'este

modo, no momento presente: — O Japão não póde mais continuar no caminho das concessões. Será agora a vez da Russia se mostrar tambem conciliadora, se não quer a guerra. — A Russia tambem não quer a guerra, está bem conhecido: o que ella quer, é ir deixando correr o tempo em evasivas, para se ir fortalecendo, mandando vir os seus navios, os seus soldados, até se estabelecer na Mandchuria e onde mais lhe convier de uma maneira inatacavel; e depois...

Mas a paciencia do Japão chegou ao seu limite. Agora, abertamente, publicam-se os ultimos decretos imperiaes referentes aos diversos ramos de administração naval e do exercito. O governo acaba de adquirir na Italia dous couraçados destinados, primitivamente, á Republica Argentina, os quaes os russos procuravam tambem comprar; entra em accordos com as Companhias japonezas de navegação sobre o preço do fretamento dos seus barcos, que lhe vão servir de transportes; conferenceia com os Bancos do paiz sobre fundos destinados ás despezas da campanha.

Dentro de breves dias, se a Russia não cede, algum grande acontecimento se dará. Poderá acaso o Japão invadir a Coréa sem declarar a guerra á Russia; mas ficará esta impassivel?... Antes d'esta correspondencia, o telegrapho in-

formará os leitores do *Commercio do Porto* da maneira como se vai pretender achar a solução do gravissimo problema extremo-oriental.

— No momento presente, em que um rompimento de hostilidades entre o Japão e a Russia se affigura pelo menos possivel, não me parece fóra de proposito apresentar aqui algumas breves informações sobre a marinha mercante japoneza, á qual, necessariamente, dado tal rompimento, está reservado um papel importante na marcha dos acontecimentos.

Em 1868 a marinha mercante japoneza era nada ou quasi nada, se exceptuarmos o enxame de barquinhos de pesca e de trafego costeiro. A radical transformação politica que o paiz soffreu n'aquelle anno, marca o ponto de partida do seu grande desenvolvimento, como acontece com todas as outras actividades modernas d'este povo; recentemente, depois da guerra gloriosa com a China (1894-1895), os seus progressos accentuam-se de uma maneira realmente assombrosa.

Em 1870 a marinha mercante do Japão contava, segundo as estatisticas officiaes que tenho á vista, 35 barcos de vapor, 11 navios de véla em estylo europeu e um grande numero de juncos de fórma primitiva. Em 1872 registam-se 96 vapores, 35 navios de véla e 18:640 juncos. Dez annos depois notam-se 344 vapores, 428

navios de véla e 17:331 juncos. No anno de 1901, até onde alcançam as estatisticas, contam-se 1:395 vapores com um total de 583:532 toneladas, 4:020 navios de véla com 336:436 toneladas, e 19:758 juncos com cerca de 292:156 toneladas, sem contar os barcos com tonelagem inferior a cinco toneladas. Ás leis proteccionistas emanadas do governo central e ao espirito altamente emprehendedor da nação se deve tão brilhante resultado.

Hoje são tres as principaes Companhias japonezas de navegação a vapor: Nippon Yusen Kaisha, Osaka Shôsen Kaisha e Tôyô Kisen Kaisha.

A Nippon Yusen Kaisha possue actualmente uns 80 vapores, correspondendo a um total de 260:000 toneladas. Além do serviço interno, pondo em communicação os principaes portos do imperio, mantém as seguintes carreiras principaes: linha da Europa (quinzenal), entre Yokohama, Londres e Antuerpia, com varios portos de escala; linha da America (quinzenal), entre Hong-Kong e Seattle, com varias escalas; linha da Australia (mensal), entre Yokohama e Melbourne, com varias escalas ; linha Yokohama-Bombaim (mensal); linha Yokohama-Changae (semanal); linha Kobe-Newchang (quinzenal); linha Kobe-Tientsin (quinzenal); linha Kobe-

Corêa-Norte da China (quinzenal); linha Kobe-Vladivostock (quinzenal); linha Changae-Hankow e ainda outras.

A Osaka Chòsen Kaisha conta perto de 80 vapores, em geral de pequena tonelagem, com os quaes mantém uma importantissima rède de communicações entre os portos do imperio, incluindo a Formosa. Estende, além d'isto, o seu serviço até á Corêa, sul da China e navegação fluvial do Yang-tse-Kiang.

A Tòyò Kisen Kaisha, de fundação recente (1898), possue tres bellos vapores, empregados na linha de Hong-Kong a S. Francisco, com escala pelos portos japonezes, Changae e Honolulu.

Durante a guerra com a China, as duas primeiras Companhias citadas prestaram relevantissimos serviços ao Estado, fornecendo ambas um total de 87 navios ao governo imperial; isto leva a dizer-se (e dil-o o proprio governo em documentos publicos), que o glorioso resultado da guerra foi em parte devido a tão efficaz coadjuvação. Resta vèr se os seus serviços téem de novo de ser aproveitados, mas então para empreza de muito mais arrojo.

Terminarei esta noticia com umas ligeiras referencias á linha da Europa da Nippon Yusen Kaisha. As escalas dos seus excellentes vapores, de 6:000 toneladas cada um, são para a ida:

Yokohama, Kobe, Moji, Changhae, Hong-Kong, Singapura, Penang, Colombo, Port-Said, Marselha, Londres e Antuerpia; na volta, suppri-mem-se Marselha, Penang e Changhae. A circumstancia de passarem estes vapores mui cerca da costa de Portugal tem concorrido para que alguns, raros, que se interessam pelo desenvolvimento das relações do nosso paiz com o Japão, com manifesta vantagem para a colonia de Macau, pensem no interesse que nos viria se tal linha incluisse Lisboa ou Porto nas suas escalas. Tambem eu me agrupo com esses raros, parecendo-me que a realisação d'este desejo não offerece grandes difficuldades, nem exige do governo portuguez largos sacrificios. No entretanto é util saber-se que a carreira da Europa da Nippon Yusen Kaisha entra na classificação das *linhas especialmente decretadas pelo Estado*, isto é, aproveita de um farto subsidio do governo japonez, submettendo-se, em troca, a uma administração rigorosamente official. Quer isto dizer que, quaesquer tentativas nossas, no sentido que indiquei, devem, principalmente, ser negociadas de governo para governo, por outras palavras — pelas vias diplomaticas.

XXXIX

24 de janeiro de 1904

A questão do Extremo-Oriente — A situação — O que aqui consta — Em Tokio aguarda-se a resposta energicamente pedida ao governo russo pelo Japão — O que a Russia quer e o Japão rejeita — Enormes preparativos já realisados pelo Japão — O que póde succeder em breves dias — A invasão provavel da Coréa pelos japonezes — O patriotismo japonez — Considerações sobre os resultados da lucta que possa haver — Os dous cruzadores comprados pelo Japão á Argentina — O chanceller do consulado portuguez em Nagasaki.

A momentosa questão do Extremo-Oriente, em que se vão debatendo os interesses oppostos do Japão e da Russia, não fallando já nos da China e da Coréa, parece estar ainda muito longe de uma solução definida. Continuando a guardar o governo japonez completo silencio sobre a marcha das negociações, nada se sabe-

ria aqui do que se passa, se os telegrammas estrangeiros não viessem lançar alguma luz sobre o assumpto; sabe-se, effectivamente, que o governo de Tokyo fez communicações importantes aos representantes das diversas nações acreditadas na côrte japoneza, os quaes, por seu turno, as transmittiram aos seus governos, e d'estes por vias indirectas chegaram mais ou menos estropeadas ao conhecimento das agencias noticiosas. Eis, pouco mais ou menos, o que consta. Aguarda-se em Tokyo a resposta energicamente pedida ao governo russo sobre a nota final, que o Japão ha poucos dias lhe dirigiu. N'aquella nota, em que parece que o Japão já não insiste tão intransigentemente pela cessão completa e immediata da Mandchuria ao seu legitimo dono, rejeitam-se categoricamente as contra-propostas russas, que versavam sob uma divisão de espheras de influencia na Coréa, ficando o norte sob o protectorado russo, o sul sob o protectorado japonez, traçando-se ainda uma zona neutral, que ficaria incondicionalmente sob a administração exclusiva do governo coreano.

Espera-se, pois, o que vai responder o cofosso moscovita; e ha-de responder, e em breve, embora lhe sobejem desejos de ainda tergiversar; mas o governo japonez já de mais lhe conhece a politica de evasivas e de reticencias, e

não lhe permittirá maiores demoras. Seja qual fôr essa resposta, os enormes preparativos realisados por parte do Japão, no sentido, de um grande emprehendimento, e as largas despezas já feitas não consentem mais uma politica de simples expectativas. Em breves dias, segundo todas as probabilidades, os soldados japonezes irão invadir a Coréa, quer a Russia approve, quer não approve tal procedimento. O Japão tambem tem o seu caminho de ferro na Coréa, como a Russia o tem na Mandchuria: liga o porto de mar de Chemulpo com Seul, que é a capital, e trabalha-se agora activissimamente n'uma outra linha, muito mais vasta, que unirá Seul á cidade de Fusan. Se, pois, a Russia mantém as suas tropas na Mandchuria sob o pretexto de proteger a sua linha ferrea, é muito logico que o Japão proceda por identica maneira com respeito á Coréa. Dado este primeiro passo, que não implica forçosamente um rompimento de hostilidades com a Russia, tratará em seguida o Japão de eliminar da Coréa toda a influencia do elemento moscovita, a bem ou a mal, como puder, diligenciando estabelecer n'aquelle desorganisado paiz um forte protectorado, que mais tarde se deve tornar um dominio effectivo, com importantissimas vantagens para as suas vistas de expansão e hegemonia no Extremo-Oriente.

*

No entretanto, não se deve esquecer que o Japão e a Russia são dous inimigos irreconciliaveis. O imperio russo nunca assistirá de bom grado ao engrandecimento do seu rival asiatico. A guerra, uma lucta sem tréguas — agora, amanhã, dentro de alguns annos — parece inevitavel. No momento presente, crê-se que a politica que enceta o imperio do Sol Nascente é a melhor que se lhe offerece seguir. A situação actual do Japão apresenta não poucos pontos de similhança com a dos boers, alguns annos antes de serem eliminados das cartas geographicas como nação independente. Attribuem-se ao czar as seguintes palavras, ditas ha pouco a uma outra testa coroada: — « A Russia nunca declarará a guerra ao Japão, a Russia quer a paz; mas se o Japão quer a guerra, estamos promptos para ella. » — Tambem a Inglaterra não queria a guerra; queria, em doce tranquilidade, ir cerceando todas as garantias das duas briosas republicas africanas, impôr-lhes os seus designios, algemal-as ao seu despotismo, esmagal-as lentamente até desapparecerem. Os boers, na alternativa de um aniquilamento compassado ou de uma catastrophe que poderia repentinamente precipital-os no abysmo, preferiram esta ultima solução, provocando a catastrophe, confiando, em todo o caso, na justiça da sua causa,

na propria bravura e na sympathia mundial; sabe-se o resto.

Voltando á Russia e ao Japão, tambem o que ella prefere, a Russia, é ir alastrando pachorrentamente o seu predominio por toda a China, passar á Coréa e fazer o mesmo ou peor, accentuar a sua hegemonia no Extremo-Oriente, dominar de perto o Japão, esmagar-lhe pouco a pouco todas as aspirações, erguer invenciveis barreiras ao desenvolvimento do seu commercio e da sua riqueza nacional, reduzil-o emfim a uma pobre tribu insignificante.

Se ao Japão não agrada tal programma, resta-lhe o expediente de protestar pelas armas; mas então é a lucta inegualissima de 45 milhões de individuos, povoando um archipelago aberto por todos os lados, contra o tremendo colosso do Norte, dispondo de uma população enorme e de um sólo immenso e impenetravel. Apressemo-nos a prophetisar que a proverbial altivez dos nipponicos não se amoldará ao primeiro alvitre. Estará prompta a provocar o segundo, quando as circumstancias o exijam, confiando tambem na justiça da sua causa, na propria bravura e na sympathia mundial, que já hoje em parte conquistaram.

Os resultados de tão tremenda lucta não são faceis de prevêr, sobretudo se a China acordar

a tempo do seu lethargo. Póde a Russia vencer, admitta-se mesmo que assim succeda. Mas o que desde já se póde afirmar é que, mercê do sangue novo, que inflamma as arterias dos japonezes, o que não se dava com os boers; mercê do seu desenvolvimento intellectual, mil vezes superior ao dos povos pastores da Africa do Sul; mercê do sentimento de nacionalidade, que nos boers era patriotismo e nos japonezes é adoração intemerata, attingindo as raias do delirio, pelo solo sagrado, que os deuses lhe doaram; mercê de tudo isto e ainda de certas particularidades de raça que nos escapam, os japonezes poderão ser batidos, mas nunca o vencedor conseguirá apoderar-se de uma pollegada só do sólo sagrado de Nippon. Não. O Japão não se escravisa. O espectaculo crudelissimo, que ainda ha pouco o mundo presenceou, vendo cahir aos pés da nação usurpadora duas outras nações, independentes, dignas da maior sympathia, não se repetirá, por certo, n'este lado do nosso planeta. Todos assim pensam, todos assim dizem, mesmo aquelles que odeiam o imperio insular do Sol Nascente.

— Com respeito aos dous cruzadores ultimamente obtidos pelo Japão nos estaleiros de Italia, caso a que já me referi, apresento hoje mais alguns detalhes.

Taes cruzadores, chamados primitivamente «Rivadavia» e «Moreno», hoje chrismados em «Kasuga» e «Nisshin», haviam sido mandados construir na celebre casa Antaldo pelo governo argentino, assim como outros dous cruzadores tinham sido construidos para o governo chileno. Posteriormente, tendo as duas republicas sul-americanas concluido um tratado de paz, pelo qual mutuamente concordam em não augmentarem as suas forças navaes, achavam-se aquelles quatro pobres barcos *ás moscas*, sem se saber que destino lhes dar. Quando ha pouco tempo se tornou mais irritante a questão extremo-oriental, os russos e os japonezes lançaram-lhes logo olhos cobiçosos; mas goraram os intentos dos primeiros, porque a Inglaterra acaba de comprar os dous cruzadores chilenos e o Japão os dous crusadores argentinos. Foi um maravilhoso achado, porque não se encontram geralmente á venda navios de guerra feitos, como luvas ou como chapéus; achado que vem de surpreza reforçar consideravelmente a força naval japoneza, já importantissima.

O «Kasuga» e o «Nisshin», gemeos, quasi identicos, são barcos relativamente pequenos, realisando o typo mais moderno do cruzador italiano. Tem cada um o deslocamento de 7:700 toneladas, uma velocidade estimada em 20 mi-

lhas e meia, demandando uma guarnição de 500 homens. O seu armamento é muito poderoso, em canhões e tubos lança-torpedos, e são fortemente protegidos.

As ultimas noticias dão estes dous barcos, que véem com guarnições mixtas, japonezas e inglezas, em viagem para Colombo, tendo passado á vista de Aden sem novidade; e é de crêr que em breve cheguem ao Japão, sem incidente, embora uma poderosa esquadra russa não lhes ande longe da esteira.

— Falleceu em Nagasaki, em 6 do corrente, o snr. S. R. de Souza, natural de Macau. Veio para o Japão em 1872, sendo, portanto, um dos mais antigos residentes estrangeiros do imperio. Exerceu varios cargos em Nagasaki; foi por longos annos interprete do consulado americano n'aquella cidade, desempenhando ao mesmo tempo as funcções gratuitas de chanceller do consulado portuguez no mesmo porto. Os officiaes da marinha portugueza, que nas nossas canhoneiras passaram alguma vez por Nagasaki, devem ainda bem lembrar-se da amabilidade prestimosa do snr. Souza, sempre prompto em ser agradavel ao pessoal de bordo. O fallecido gozava, com justiça, de muitas sympathias entre japonezes e estrangeiros.

XL

18 de fevereiro de 1904

A guerra! — Como estas cartas são escriptas sem faltar á logica sequencia das ideias — A politica moscovita — Ao Japão não restava outro recurso senão a guerra — Resumo de factos anteriores ao rompimento de hostilidades — Notas trocadas — A Mandchuria e a Corèa — A Russia prolongava as negociações e simultaneamente ia mandando tropas e navios de guerra — Resenha dos ultimos acontecimentos — Os ataques de Chemulpo e Porto Arthur — Estrategia diplomatica — Outros assumptos — O numero illustrado do *Commercio do Porto* — Considerações suggeridas pelo annuncio da casa Menéres & C.ª — Uma divagação mais larga sobre os annuncios — O Boletim Commercial do ministerio dos estrangeiros — O commercio da cortiça.

Estalou a guerra emfim!...

Esta carta segue pela via da America, superior ás outras em rapidez, quando se tenha que

pôr de parte a via terrestre servida pelo caminho de ferro trans-siberiano; e é o que succede agora, pela força das circumstancias.

Chegarão tarde estas noticias ao seu destino, quando já o telegrapho terá sobejamente informado os leitores do *Commercio do Porto* das primeiras peripécias do drama terrivel que vai desenrolar-se. Nem eu tenho a pretensão de constituir-me o *correspondente de guerra* d'este amavel jornal, o que requereria muitos predicados que me faltam. Escrevo informações e impressões ao acaso das horas de ocio de que disponho, e dos elementos de que posso lançar mão, diligenciarei, todavia, dar ás modestas chronicas, que d'aqui em diante enviar, uma logica sequencia de ideias, de modo a tentar apresentar um resumo dos grandes acontecimentos que vão certamente succeder-se. A chuva dos telegrammas e as largas informações da imprensa mundial bastarão para satisfazer a justa curiosidade dos que se interessam pelo que se passa e vai passar no Extremo Oriente; as minhas futuras correspondencias, se algum merito tiverem, será o de irem directamente de um dos meios em evidencia durante a terrivel commoção politica que se annuncia, e o de diligenciarem ser sinceras e imparciaes.

Rebentou a guerra. Em face da politica mos-

covita, que se dividia distinctamente em dous partidos, um pela guerra, no franco designio de esmagar o Japão, e outro pela paz (não o abençoeis!)... porque julgava não estar a Russia ainda convenientemente estabelecida no Extremo-Oriente para effectuar tal esmagamento (e a imprensa mundial publicava isto apenas, n'um laconico cynismo admiravel); em face d'estes dous modos de vêr da opinião russa, o Japão não tinha outro recurso senão a guerra.

Mas resumamos os factos anteriores, servindo-nos de uma exposição apresentada ha poucos dias pelo ministro japonez dos negocios estrangeiros á imprensa de Tokyo. Assiste ao Japão o dever, na defeza dos seus mais sagrados interesses, de se oppôr a que um outro paiz ponha em risco a integridade territorial da Coréa. A Russia, a despeito do seu accordo com a China e das promessas feitas ás potencias, continúa occupando a Mandchuria e manifestando uma politica aggressiva na fronteira coreana. Se a Mandchuria fôr annexada pela Russia, a continuação da independencia da Coréa é impossivel.

N'estas circumstancias, desejando o governo japonez entrar sem demora em amigaveis negociações com a Russia a respeito dos interesses dos dous imperios na Mandchuria e na Corêa, communicou as suas intenções ao governo russo

em julho passado, o qual governo não tardou em responder que se achava animado de iguaes desejos. Em 12 de agosto o governo japonez fez chegar a S. Petersburgo a seguinte base de negociações: — Accordo entre as duas potencias para respeitar a independencia e integridade territorial da China e da Coréa; reconhecimento de iguaes opportunidades para a expansão do commercio de todas as nações na China e na Coréa; reconhecimento pela Russia da supremacia dos interesses do Japão na Coréa, e reconhecimento pelo Japão dos interesses especiaes da Russia em connexão com a sua linha ferrea na Mandchuria, sem que esta clausula prejudique em nada a primeira; na hypothese do caminho de ferro japonez na Coréa se estender até á Mandchuria a ir ligar-se com a linha ferrea chineza de léste e de Shanhaikwang e Newchwang, a Russia não se opporá a esta medida.

A resposta a estas proposições, embora pedida urgentemente pelo governo japonez, foi longamente demorada, sob pretexto da ausencia do czar, e outros. Finalmente, em 3 de outubro, a Russia apresenta as suas contra-propostas, nas quaes declina reconhecer a soberania da China na Mandchuria e a sua integridade territorial, bem como iguaes opportunidades a todas as potencias em materia de com-

mercio e industria; entende que a Mandchuria e a sua costa devem ser excluidas da esphera de interesses japonezes; com respeito á Coréa, a Russia reconhece certos direitos do Japão, mas não o de servir-se de qualquer ponto do sólo coreano como centro estrategico, e propõe que se estabeleça uma zona neutral na parte norte da Coréa. Manifestando-se evidentemente n'estas contra-propostas a intenção da Russia de annexar a Mandchuria, com a qual o Japão mantém já importantes interesses commerciaes, susceptiveis de maior desenvolvimento, devendo tambem attender-se aos interesses de ordem politica, motivados pela visinhança da Coréa, o Japão recusou taes contra-propostas, propondo-lhes emendas e ponderando que, se uma zona neutral é necessaria, deve ella ser traçada no sólo da Mandchuria e não no da Coréa. Estas emendas foram submettidas ao governo de S. Petersburgo em 30 de outubro.

Só em 11 de dezembro, apesar das repetidas instancias do Japão para apressar as negociações, chega a resposta da Russia, que se recusa a occupar-se da questão da Mandchuria, e propõe tratar só da Coréa. Em 21 de dezembro o Japão pede á Russia para reconsiderar nas suas propostas e suggere que a restricção apresentada pela Russia respeitante á acção japoneza

na Coréa deve ser retirada para que as negociações possam continuar, bem como a questão da zona neutral. A réplica a esta nota diplomatica chega em 6 de janeiro: a Russia insiste na zona neutral e na restricção á acção japoneza na Coréa; admitte os direitos e privilegios do Japão e outras potencias na Mandchuria, com excepção das concessões de terrenos *(foreign settlements)*, adquiridas em virtude de tratados com a China, guardando silencio sobre a integridade territorial da China, o que tira todo o valor aos seus argumentos. O Japão não pode reduzir mais as suas propostas, e vai reconhecendo a impossibilidade de resolver amigavelmente as questões que se debatem. Em 11 de janeiro pede á Russia mais uma vez para reconsiderar nas suas propostas, mas a Russia nunca lhe respondeu.

Eis as razões da guerra, em resumida exposição. Agora é preciso fazer notar que, emquanto que a Russia ia mui propositadamente demorando as suas respostas, no intuito de prolongar indefinidamente as negociações, e ao mesmo tempo fazendo constar por toda a parte que se achava animada das mais pacificas e conciliadoras intenções, ia simultaneamente exercendo uma actividade immensa em expedir exercitos e esquadras para o Extremo-Oriente e em armar-se até aos dentes n'esta parte do

mundo asiatico. Quanto á occupação da Mandchuria pelos russos, se ainda é preciso recordar o pretexto que a motivou, direi que ella data do levantamento dos *boxers*, quando tambem quasi todas as nações enviaram tropas suas á China, no designio de defender os seus interesses; mas succedeu que, pacificado o imperio chinez, todas as forças estrangeiras retiraram, com excepção das russas, que, pelo contrario, dia a dia foram sendo reforçadas, tratando como paiz conquistado a região da Mandchuria.

— Agora a resenha dos ultimos factos. Em 3 do corrente, o governo japonez manda retirar o seu ministro da còrte de S. Petersburgo; em 6 communica ao barão Rozen, ministro russo em Tokyo, a quebra das relações diplomaticas com o seu paiz e devolve-lhe as suas credenciaes. Em 8 uma parte da esquadra japoneza ataca e apresa no porto coreano de Chemulpo dous navios de guerra russos, o «Koryatz» e o «Giljak», apresando tambem alguns vapores mercantes da mesma nacionalidade encontrados com contrabando de guerra. No mesmo dia e no seguinte, a maior força da esquadra japoneza ataca com grande bravura a esquadra russa em frente a Porto Arthur, causando grossas avarias a uns sete dos seus navios e infligindo sérias perdas nas guarnições. Após estes brilhantes fei-

tos, nada consta dos navios japonezes, que provavelmente se acham protegendo o desembarque na Coréa de importantes forças de terra. O ministro russo em Seul retirou, por imposição dos japonezes.

Em 10 foi publicada em Tokyo a proclamação de guerra, firmada pelo imperador.

Em 12 largou de Yokohama para a Europa, a bordo do vapor francez «Yarra», o barão Rozen, acompanhado de todo o pessoal consular e da legação.

Quanto á esquadra russa, não dá signal de si, recolhida em Porto Arthur a reparar as suas avarias. No entretanto, quatro navios russos, dos que provavelmente se encontram em Vladivostok, fizeram ha dias uma curta apparição na costa norte do Japão, bombardeando sem mais aviso um vaporzinho japonez, carregado de passageiros, fazendo o serviço de cabotagem, o qual se afundou, perecendo umas 50 pessoas; foi o primeiro feito de armas do inimigo.

Consta que em 16 o barco russo «Yenisei», deposito de torpedos, explodiu em Porto Arthur, quando se empregava no serviço de minas de defeza, perecendo 100 pessoas.

Parece que a Russia affecta espanto e indignação por terem os japonezes rompido as hostilidades sem prévia declaração de guerra. Pura

estrategia diplomatica, com que o colosso pretende passar por victima. A ultima nota diplomatica japoneza, pedindo uma resposta urgente que nunca chegou, vale um *ultimatum*. Mas bem sabe a Russia, que tão altas notabilidades possue em direito internacional, que a declaração de guerra deixou hoje de ter importancia, passou de moda; póde ser ainda um requinte de cortezia; mas não devia contar com tal requinte da parte de uma nação com a qual foi tão descortez na marcha das negociações diplomaticas, que tão mal terminaram. E talvez por isto mesmo é que tão mal terminaram.

Não restam duvidas. Não ha motivo para indignações; e a guerra actual é, pelo que respeita os japonezes e servindo-me da nomenclatura consagrada, uma guerra justa, defensiva, politica, commercial. E são os russos os aggressores. Diz um auctor illustre: «O aggressor verdadeiro é o provocador, aquelle que, sabendo-o e querendo-o, torna a guerra inevitavel.»

— Chegou-nos ha dias ás mãos, vindo de Portugal até aqui, pela Siberia, o delicioso numero illustrado do *Commercio do Porto*, do Natal do anno passado.

Qualquer apreciação que eu fizesse sobre os meritos litterarios e artisticos de tal numero, seria tardía e incompetente. Alguma cousa, po-

rém, quero dizer. Folheando tão esmerada publicação, deparei com a pagina do annuncio da casa Menéres & C.ª, onde se encontra, finalmente, reproduzido o curioso diploma em japonez que a mesma casa obteve na recente exposição de Osaka. Esta pagina suggeriu-me as seguintes ligeiras considerações.

O *Commercio do Porto* é o jornal portuguez mais vulgarisador de cousas japonezas, ou antes o unico vulgarisador de taes cousas; porque a verdade é esta: emquanto que na França e na Inglaterra, para não irmos mais longe, a imprensa e a litteratura tanto se vão occupando actualmente de assumptos do Japão, entre nós, que fomos os primeiros a visitar o Japão, e possuimos uma colonia visinha d'elle, guarda-se sobre taes assumptos o mais indifferente silencio. É o *Commercio do Porto* que chama frequentemente a attenção dos negociantes portuguezes para o commercio muito florescente d'este imperio. E' elle que publica, com benevolente regularidade, estas modestas cartas, não regateando espaço á minha tagarelice, que tantas vezes por enfadonha peccará. No seu numero illustrado de 1902, deu logar a um conto japonez, acompanhando-o de graciosas gravuras cheias de interessante exotismo. Agora, no numero illustrado de 1903, é a pagina igualmente exotica annun-

ciando os acreditados vinhos da firma Menéres & C.ª, mui distinctamente representada na exposição de Osaka. Saúdo o *Commercio do Porto* como o orgão *japonisador* do nosso paiz. Se um dia a *corrente* dos *touristes* portuguezes encarreirar para este lado do mundo, e se um dia se estreitarem as relações mercantís entre Portugal e este imperio, dever-se-ha tal força de sympathias, que tão uteis nos poderão ser, ás paginas do *Commercio do Porto*. Sob este ponto de vista, e na minha qualidade de velho residente portuguez no Japão, tributo a este jornal a mais affectuosa preferencia.

— O assumpto de annuncios, em que toquei, leva-me a mais larga divagação.

O annuncio hoje é tudo, digamos assim. A prosperidade das nações define-se categoricamente na época presente pelo grau de desenvolvimento das suas actividades productoras. A importancia das instituições que regem os Estados, e dos programmas dos personagens politicos que occupam os logares dirigentes, diminuiu muito nos dias que vão correndo. E' o trabalho que dirige os povos para uma determinada evolução. A alma das nações já não se encontra dentro das pastas dos ministros, lembrando inuteis collecções de herbarios, mas sim no coração das

classes laboriosas, das quaes ha a esperar todas a iniciativas decisivas.

Politicamente, as nações dividem-se em diversas zonas caprichosas, que nos mappas geographicos está em uso distinguir a linhas pontuadas e a tons de aguarella multicôres. Práticamente, debaixo do ponto de vista das actividades humanas, não existem estas distinções. O mundo inteiro é um immenso mercado, sem linhas pontuadas, aberto a todas as labutas, que só téem que arrecear-se da guerra, pacifica mas diligente, chamada a lucta de competencias. Todos os productores devem, pois, ter em vista um fim principal: fazerem conhecido em toda a parte o que produzem. Devem, pois, pôr-se em jogo os varios meios de publicidade, de reclamo; e sendo o mundo muito grande, e escasseando por este motivo pessoal para correl-o em todos os sentidos, o que mesmo acontecerá quando os exercitos de soldados, dissolvidos por julgados parasitas, se transformarem em exercitos de caixeiros viajantes; e sendo o mundo muito grande, como eu ia dizendo, o annuncio é o melhor meio que se offerece (não desprezando os outros) para fazer chegar a mil leguas de distancia uma noção util sobre um determinado artigo do commercio.

Sabem a que proposito vem este aranzel?

Eu lhes explico. Vai já no seu 7.º anno uma publicação do nosso Ministerio dos Negocios Estrangeiros, intitulada «Boletim Commercial» N'ella se encontram colligidos os relatorios dos consules portuguezes espalhados por esse mundo fóra e ainda diversas indicações dignas de consulta para aquelles que se dedicam a cousas de commercio e outros estudiosos. Desde quasi os primeiros numeros do alludido «Boletim», na ultima pagina, por signal de papel amarello geralmente e que é a cobertura do livrinho, encontra-se um aviso ás industrias e ao commercio nacionaes, convidando-os a enviarem annuncios dos seus productos para serem publicados no mesmo «Boletim», mediante um preço modestissimo. Parece á primeira vista, dada a indole da publicação, que é expedida a todos os consules portuguezes, os quaes certamente tratarão de fazel-a conhecida das casas commerciaes dos paizes onde se encontram, e por isto mesmo de uma privilegiada publicidade; parece, pois, que todos os nossos negociantes deveriam correr com alvoroço a annunciarem os artigos do seu trafego em tão util folheto, que levaria a noticia aos principaes centros mercantís da Europa, da America, da Africa, da Asia e da Oceania. Pois muito bem. Querem saber quantos annuncios téem apparecido nos setenta e

tantos numeros do «Boletim Commercial» que estão publicados? *Um*, se não me engano, de uma casa de agencias de privilegios de invenção, UM, em lettras gordas!...

Isto dispensa commentarios. Isto mostra eloquentissimamente em que abandono cahiu a nossa iniciativa mercantil, e que tristissimos desenganos terá de soffrer, se não mudar muito breve de rotina. Quanto seria util para o nosso commercio com o Japão, por exemplo, se os negociantes portuguezes de cortiça e rolhas, de vinhos, de conservas, de artigos coloniaes, e outros, annunciassem no «Boletim» os seus artigos, com todas as minuciosidades desejaveis sobre preços e qualidades!

Mas o caso, que eu applico ao Japão, teria evidentemente um alcance universal; e talvez por elle ser tão util e tão simples de realisar, é que se não põe em prática...

FIM

INDICE

V

VI

VII

VIII

IX

X

XI

XII

XIII

XIV

XV

XVI

XVII

XVIII

*

XXIII

XXIV

XXV

XXVI

XXVII

XXVIII

XXIX

XXX

XXXI

XXXIX